

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA LÍNGUA FALADA NA REGIÃO NOROESTE DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

São José do Rio Preto

2008

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA LÍNGUA FALADA NA REGIÃO NOROESTE DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos.

Área de concentração: Análise Lingüística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto

2008

COMISSÃO JULGADORA

Membros Titulares

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)
(orientador)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre
(UnB – Brasília)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes
(FFLCH/USP – São Paulo)

Às duas mulheres da minha vida, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, minha mãe, Geni (*in memoriam*), e minha esposa, Marina, companheira dedicada que está sempre ao meu lado,

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, presença constante ao meu lado, que muito tem abençoado a minha vida.

Ao meu pai Epifânio, que me ensinou (e ainda me ensina!) a buscar uma vida digna, com honestidade e trabalho. De suas palavras simples, mas sábias, pude extrair lições importantes para meu crescimento.

À minha família, que sempre incentivou meus novos empreendimentos, com muito amor e carinho.

Aos amigos que compartilharam comigo os momentos de dificuldade e sempre me apoiaram e me incentivaram a não desistir. Obrigado pela amizade e pela compreensão nos momentos em que não estive presente.

Às minhas sobrinhas Elisa e Eduarda, pelos momentos de alegria que me proporcionaram e pelos gestos de carinho a mim dirigidos.

À FAPESP, pelo apoio financeiro que foi de suma importância para os resultados alcançados.

À família de minha esposa, que agora também é minha família, pela acolhida carinhosa e pelo apoio em meu projeto de vida desde o seu início. Ao meu sogro Bird e à minha sogra Dirce, por terem me presenteado com o que eles tinham de mais precioso.

Aos professores da UNESP de São José do Rio Preto, presenças constantes, que me ensinaram, dentre outras coisas, que nunca deixamos de aprender. Em especial, às professoras Clélia, Erotilde, Fabiana, Fernanda, Lúcia, Luciane, Margarida, Maria Angélica, Maria Heloisa, Marize, Maria Antônia, Norma, Sanderléia e Sônia e aos professores Cláudio, Eli, José Luís, Luís Augusto, Marcos, Nelson, Roberto, Raul e Sebastião Carlos que, em suas aulas, despertaram-me o interesse pela pesquisa e pela docência.

Às Professoras Doutoras Maria Marta Pereira Scherre, Rosane de Andrade Berlinck e Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi e ao Professor Doutor Roberto Gomes Camacho, pelas sugestões e pela colaboração durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aos funcionários da UNESP de São José do Rio Preto, os quais não mediram esforços na tarefa de auxiliar o bom andamento desse trabalho.

Aos informantes do projeto ALIP, por suas contribuições desinteressadas e espontâneas, essenciais para alcance de nossos objetivos. Em especial, aos meus informantes,

que me receberam em suas casas com muita gentileza e permitiram compartilhar algumas de suas experiências de vida.

À minha esposa Marina, presente que recebi de Deus, por compartilhar comigo minhas alegrias e tristezas, sendo minha confidente, amiga e companheira. Obrigado por me apoiar incondicionalmente em todos os meus projetos.

Em especial, a meu orientador, amigo e conselheiro, Professor Doutor Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela dedicação, atenção, paciência e incentivo a mim ofertados. Sua seriedade e paixão pelos estudos lingüísticos, bem como suas atitudes como ser humano, despertaram em mim um grande sentimento de admiração e respeito. Muito obrigado!

Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas quando parte, nunca vai só nem nos deixa a sós. Leva um pouco de nós, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas há os que não levam nada.

Kalil Gibram

SUMÁRIO

	Página
Lista de figuras, tabelas, quadros, gráficos e abreviaturas.	8
Resumo	11
Introdução.....	13
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	18
1.1 O surgimento da sociolingüística.....	18
1.2 A teoria da variação.....	20
1.3 A teoria da mudança.....	26
1.3.1 Princípios empíricos para a teoria da mudança lingüística.	28
1.3.2 Alguns princípios gerais para o estudo da mudança lingüística.....	32
1.4. Funcionalismo e sociolingüística.....	34
CAPÍTULO II – CARACATERIZAÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO.....	36
2.1 A CV e o princípio da relevância: observações translingüísticas.....	36
2.2 A CV no Português Brasileiro.....	41
2.2.1 Fatores lingüísticos.....	42
2.2.2 Fatores externos.....	53
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	58
3.1 Breve histórico e panorama atual da comunidade de fala.....	58
3.1.1 A região de São José do Rio Preto.....	58
3.2 Da constituição do Banco de Dados Iboruna.....	62
3.3 Composição da subamostra.....	66
3.4 Da definição dos contextos variáveis.....	68
3.4.1 Fatores sociais.....	69
3.4.2 Fatores lingüísticos.....	71
3.5 Da quantificação e da análise dos dados.....	79
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	81
4.1 Análise dos resultados.....	80
4.1.1 Comparativo dos resultados gerais.....	82
4.1.2 Ordem de significância dos fatores considerados.....	85
4.1.3 Paralelismo formal – nível oracional.....	85
4.1.4 Escolaridade.....	93
4.1.5 Paralelismo formal – nível discursivo.....	97
4.1.6 Saliência fônica.....	102
4.1.7 Posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo.....	106
4.1.8 Traço semântico do sujeito.....	110
4.1.9 Faixa etária.....	113
4.1.10 Gênero.....	116
4.1.11 Tipo morfológico do sujeito.....	123
Considerações finais.....	135
Referências bibliográficas.....	142

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS E ABREVIATURAS

Página

FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da região administrativa de São José do Rio Preto no Estado de São Paulo.....	60
Figura 2: Mapa da região administrativa de São José do Rio Preto	60
Figura 3: Mapa da vista aproximada da cidade de São José do Rio Preto e dos municípios circunvizinhos	61
Figura 4: Distribuição da população da região de São José do Rio Preto.....	65
Figura 5: Número de informantes da Amostra Censo por cidade.....	65

TABELAS

Tabela 1: Número de ocorrências analisadas e percentual de aplicação e não-aplicação de CV.....	81
Tabela 2: Número de ocorrências analisadas e percentual de aplicação e não-aplicação de CV em regiões do Estado de São Paulo.....	83
Tabela 3: Percentual de aplicação e não-aplicação de CV em diferentes variedades do PB.....	84
Tabela 4: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>paralelismo formal – nível oracional</i>	86
Tabela 5: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores <i>paralelismo formal – nível oracional</i> , obtidos em quatro pesquisas.....	92
Tabela 6: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>escolaridade</i>	93
Tabela 7: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator <i>escolaridade</i> , obtidos para três variedades do PB.....	95
Tabela 8: Cruzamento dos grupos de fatores <i>paralelismo formal – nível oracional e escolaridade</i>	96
Tabela 9: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>paralelismo formal – nível discursivo</i>	98
Tabela 10: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator <i>paralelismo formal – nível discursivo</i>	100
Tabela 11: Cruzamento dos grupos de fatores <i>paralelismo formal – nível discursivo e escolaridade</i>	101
Tabela 12: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>saliência fônica</i>	103
Tabela 13: Cruzamento dos grupos de fatores <i>saliência fônica e escolaridade</i>	104
Tabela 14: Cruzamento dos grupos de fatores <i>saliência fônica e paralelismo formal – nível discursivo</i>	105
Tabela 15: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo</i>	107

Tabela 16: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator <i>posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo</i> , obtidos em pesquisas sobre o PB.....	109
Tabela 17: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>traço humano do sujeito</i>	111
Tabela 18: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores <i>traço semântico do sujeito</i> , obtidos em pesquisas sobre o PB.....	113
Tabela 19: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>idade</i>	113
Tabela 20: Cruzamento entre os grupos de fatores <i>escolaridade e faixa etária</i>	115
Tabela 21: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>sexo/gênero</i>	116
Tabela 22: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator <i>gênero</i> , em variedades do PB.....	117
Tabela 23: Cruzamento dos grupos de fatores <i>gênero e paralelismo formal – nível oracional</i>	118
Tabela 24: Cruzamento dos grupos de fatores <i>escolaridade e gênero</i>	119
Tabela 25: Cruzamento dos grupos de fatores <i>posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo e gênero</i>	120
Tabela 26: Cruzamento dos grupos de fatores <i>idade e gênero</i>	122
Tabela 27: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores <i>tipo de sujeito</i> .	125
Tabela 28: Cruzamento dos grupos de fatores <i>paralelismo formal – nível oracional e tipo morfológico de sujeito</i>	128
Tabela 29: Cruzamento dos grupos de fatores <i>gênero e tipo morfológico do sujeito</i>	130
Tabela 30: Cruzamento dos grupos de fatores <i>tipo morfológico do sujeito e escolaridade</i>	132
Tabela 31: Cruzamento dos grupos de fatores <i>tipo morfológico do sujeito e saliência fônica</i>	133

QUADROS

Quadro 1: Paradigma de conjugação verbal do Bergamasco (província de Bérgamo).....	39
Quadro 2: Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais.....	63
Quadro 3: Distribuição da população da região de São José do Rio Preto.....	64
Quadro 4: Distribuição e identificação dos informantes da subamostra de AC..	67
Quadro 5: Hierarquização dos fatores lingüísticos na CVde 3PP	138
Quadro 6: Hierarquização dos fatores sociais na CVde 3PP	139

GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual geral de presença/ausência de CV.....	81
Gráfico 2: Presença de CV em relação ao <i>paralelismo formal – nível oracional</i>	87
Gráfico 3: Presença de CV em relação ao grupo de fatores <i>escolaridade</i>	93

Gráfico 4: Presença de CV em relação ao grupo de fatores <i>paralelismo formal de nível discursivo</i>	99
Gráfico 5: Presença de plural em relação ao grupo de fatores <i>saliência fônica</i> ..	103
Gráfico 6: Presença de CV em relação à posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo.....	108
Gráfico 7: Presença de CV em relação ao <i>traço semântico do sujeito</i>	111
Gráfico 8: Presença de CV em relação à faixa etária.....	113
Gráfico 9: Presença de CV em relação ao gênero.....	117
Gráfico 10: Cruzamento dos grupos de fatores <i>gênero e escolaridade</i>	119
Gráfico 11: Cruzamento dos grupos de fatores <i>posição do núcleo do sujeito em relação verbo e gênero</i>	121
Gráfico 12: Presença de CV em relação ao tipo de sujeito.....	125

ABREVIATURAS

1PS	Primeira pessoa do singular
1PP	Primeira pessoa do plural
3PS	Terceira pessoa do singular
3PP	Terceira pessoa do plural
AC	Amostra Censo ou Amostra Comunidade
ALIP	Amostra Lingüística do Interior Paulista
CV	Concordância verbal
PB	Português brasileiro

RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

RESUMO

Considerando que inúmeras pesquisas sociolingüísticas realizadas sobre a concordância verbal (CV, daqui em diante) de terceira pessoa do plural (3PP, daqui em diante) evidenciaram a variabilidade do fenômeno, e, considerando ainda que esse fenômeno é constituído por uma variável binária, presença *versus* ausência de marcas de plural nos verbos, buscamos neste trabalho investigar, por meio do controle de fatores sociais e lingüísticos, a CV na fala da Região Noroeste do Estado de São Paulo, mais precisamente na Região de São José do Rio Preto, usando, como subsídio principal, a Teoria da Variação Lingüística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). O córpus utilizado para a realização de nossa pesquisa provém do Banco de Dados Iboruna, que, constituído pelo Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista), compõe-se de amostras de fala de 152 informantes da região. Para a realização desta pesquisa, foi constituída uma subamostra, composta de 76 entrevistas, estratificadas uniformemente mediante os fatores sociais *escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*. Do total de 3.308 ocorrências de 3PP analisadas, 2.314 (70%) apresentaram marcas de plural explícitas nos verbos, evidenciando tratar-se de um caso de variação estável na comunidade investigada, instanciada pela interação entre os seguintes fatores sociais e lingüísticos estatisticamente relevantes: *paralelismo formal de nível oracional*, *escolaridade*, *paralelismo formal de nível discursivo*, *saliência fônica*, *posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo*, *traço semântico do sujeito*, *idade*, *gênero* e *tipo morfológico do sujeito*.

Palavras-chave: concordância verbal, terceira pessoa do plural, Português brasileiro, variação lingüística.

RUBIO, Cássio Florêncio. **The verbal agreement in the northwest region of the São Paulo State**. 2008. 152f. Thesis (Master degree in Linguistics studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

ABSTRACT

Whereas many sociolinguistics searches conducted on the verbal agreement (VA hereinafter) from the third person plural (3PP, hereinafter) demonstrated the variability of the phenomenon, and, considering that such phenomenon consists of a binary variable, presence *versus* absence of marks of the plural in the verbs, we sought in this study investigating, through the control of linguistic and social factors, the VA from speech in the Northwest Region of the Sao Paulo State, more precisely in the Region of São Jose do Rio Preto, using as main tool, of the Theory of Linguistics Variation (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). The corpus used in the research comes from the Database Iboruna, which was constituted by the Project ALIP - Amostra Lingüística do Interior Paulista (Sample Linguistics of the Interior Paulista), composed of samples of speech of 152 informants from region. To conduct this research, a sub-sample was formed, consisting of 76 interviews, stratified evenly through the social factors: *education level, age and gender*. A total of 3,308 occurrences of 3PP analyzed, 2,314 (70%) presented marks of plural explicit in the verbs, showing it is a case of variation stable in the community investigated, instantiated by the interaction between the social and linguistic following factors statistically relevant: *formal parallelism of a clause level, education level, formal parallelism of a discourse level, phonic salience, position of the head of the subject-NP in relation to the verb, semantic feature of the subject, age, gender and morphologic type of the subject*.

Keywords: verbal agreement, third person plural, Brazilian Portuguese, language variation.

INTRODUÇÃO

Facilmente podemos perceber que há grandes problemas enfrentados por professores de Língua Portuguesa no exercício de suas funções, quando eles se deparam, em sala de aula, com a enorme distância entre a prescrição da Gramática Normativa (GN) e o uso cotidiano e distenso da língua, as situações espontâneas de fala, ou seja, a grande diferença entre o que é considerado ideal e o que é real no uso da língua.

O professor não pode mais ignorar o fenômeno da variação lingüística e deve assumir uma postura, frente ao ensino de português, que venha a contribuir com o aumento da capacidade de comunicação de seus alunos, sem, contudo, desprezar as variedades dialetais por eles trazidas do meio familiar. É tarefa do professor ensinar a norma padrão, seja por questões culturais, sociais, seja por questões políticas; é também tarefa do professor saber reconhecer que as variedades lingüísticas menos prestigiadas também são regidas por uma gramática particular, por meio da qual as pessoas se comunicam perfeitamente. O primeiro passo para enfrentar esse desafio é reconhecer a variação lingüística como um fenômeno presente em todas as línguas naturais, entre as quais se inclui, obviamente, o português brasileiro (PB, daqui em diante). A esse respeito, assim se pronuncia Camacho (2004, p. 59):

As formas alternativas de expressão podem conviver harmoniosamente na sala de aula: cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para ele perceber as diferenças de valor social entre as variedades que lhe permitam depois selecionar a mais adequada, conforme as exigências das circunstâncias da interação. O sistema escolar tem um papel político relevante a desempenhar que é o de estender às camadas marginalizadas o acesso a todos os bens simbólicos, dentre os quais se inclui indubitavelmente o acesso à variedade padrão.

Alguns contextos de variação são atribuídos a classes sociais econômica e culturalmente menos favorecidas, o que contribui sobremaneira para a disseminação do preconceito lingüístico.

Neste trabalho, por meio de pesquisa sociolinguística, analisaremos o fenômeno da concordância verbal (CV, daqui em diante) no dialeto do interior paulista, buscando demonstrar empiricamente que o fenômeno da variação na CV se evidencia, em todos os níveis sociais, inclusive nos níveis sócio-culturais mais elevados, ainda que de maneira menos acentuada, conforme já atestaram trabalhos anteriores.

Ante o exposto, qualquer discriminação social motivada pela variação na CV não poderia ser justificada, já que não é possível atribuir qualquer comportamento a um ou outro grupo social. Buscamos ainda, além de expor a vista o comportamento linguístico de falantes da região de São José do Rio Preto, evidenciar até que ponto os padrões linguísticos de variação nesta comunidade de fala se assemelham aos padrões linguísticos de outras regiões de nosso país, o que contribuirá para a caracterização geral do fenômeno da CV no PB.

Apesar de a temática da CV já ter sido, de certa forma, um tanto quanto explorada, o ineditismo deste trabalho reside no fato de estarmos propondo o estudo e a descrição de uma variedade do PB ainda pouco conhecida. Ademais, a variação de *córpus* de estudo (ou amostra de fala de uma comunidade) é sempre uma boa justificativa para qualquer estudo de natureza sociolinguística, visto que todo e qualquer dialeto, linguisticamente heterogêneo por natureza, é único, em relação aos demais com os quais possa ter algo em comum. Assim, a comunidade de fala riopretana apresenta características próprias, que a aproximam de outras comunidades, mas que também delas a distanciam. Como forma de exemplificar uma das marcas presentes na fala riopretana, podemos citar o *r*-retroflexo, também conhecido como “*r*-caipira”, já estudado por Castro (2002), que constitui característica distintiva de outras regiões do mesmo estado e que, por outro lado, pode também ser evidenciada na fala de outros estados, como Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, dentre outros.

Deve-se ter claro que somente por meio de uma pesquisa variacionista, centrada em amostras de fala atuais da comunidade riopretana, é possível detectar mudanças ou variações

da fala local em relação a dialetos de outras regiões. Além de importante contribuição para a caracterização dessa comunidade de fala, consideramos que esse estudo, a exemplo de outros dessa mesma natureza, poderá representar valioso subsídio para a amenização de preconceitos lingüísticos, principalmente os advindos de variantes regionais, e para a relativização da noção de “erro”, uma vez que buscaremos descrever o padrão real de uso da língua oral, que, por vezes, é desqualificado e banido como expressão lingüística natural, conforme salienta Mollica (2003).

Sob a vertente variacionista, dentre os estudos já realizados sobre a CV, podemos citar o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para o dialeto carioca; o de Nina (1980), para o dialeto da Região Bragantina; o de Nicolau (1984), para o dialeto mineiro; o de Rodrigues (1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a fala culta carioca; o de Rodrigues (1997), para o dialeto de Rio Branco; o de Anjos (1999), para a fala pessoense; o de Monguilhott & Coelho (2002), para a fala da Região Sul, os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (2007), para a fala da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina), além das inúmeras contribuições mais recentes de Naro & Scherre (1999, 2000a, 2000b, 2003 e 2007) e Scherre & Naro (1999, 2000, 2001, 2005 e 2006).

Essas referências mostram que, desde que a Sociolingüística se implementou de maneira consistente no Brasil, a CV tem sido objeto de pesquisa, já alcançando mais de três décadas e abrangendo grande parte dos dialetos do PB. Apesar disso, um panorama completo de sua manifestação para o PB está longe de ser alcançado, dada a variedade dialetal presente no território brasileiro, principalmente se considerarmos as variedades faladas no interior dos estados, que ainda merecem um olhar mais cuidadoso.

Por uma questão de delimitação do nosso objeto de pesquisa, nesse momento, nossa escolha recai somente sobre a manifestação da CV em contextos de 3PP.

Desse modo, justifica o presente estudo o fato de nunca se ter realizado semelhante pesquisa com dados de fala do noroeste do Estado de São Paulo, mais precisamente, da Região de São José do Rio Preto. É assim necessária uma investigação para que se possa verificar o comportamento lingüístico de informantes da região, no que se refere a contextos variáveis capazes de influenciar a aplicação das marcas de concordância no verbo, contribuindo, de modo mais específico, para a descrição e o conhecimento do português falado no noroeste do estado de São Paulo, e, de modo mais geral, para a composição do quadro descritivo mais amplo do PB.

Mais localmente, a análise das manifestações de fala de informantes da região de São José do Rio Preto contribuirá para estimular a realização, em bases científicas, de novas pesquisas e análises do patrimônio lingüístico dessa região, ainda um tanto desconhecido dos próprios lingüistas e dos professores de língua portuguesa. Nesse sentido, contribuição importante será a de buscar resultados que propiciem subsídios para o ensino da língua portuguesa na região. De posse desses resultados, serão possíveis de perceber as reais manifestações de fala da comunidade, e assim o professor poderá contar com subsídios para adequação de suas aulas à realidade lingüística de seus alunos, explorando-a sem, entretanto, discriminá-la.

Cabe mencionar ainda, que este estudo da CV, de modo mais específico, integra uma frente de trabalho de cunho variacionista, que vem consolidando a linha de pesquisa “Variação e Mudança Lingüística” voltada para a exploração dos aspectos sociolingüísticos da região riopretana. Integram essa frente trabalhos de descrição em andamento e/ou concluídos abordando a variação em seus vários níveis de análise: fonológico, morfossintático e sintático. Citem-se os seguintes fenômenos: a haplologia (PAVEZI, 2005), o *r*-retroflexo (CASTRO, 2002), a redução de gerúndio (FERREIRA, 2008), o alçamento e rebaixamento de vogais pré-tônicas e pós-tônicas (SILVEIRA, 2006, 2008; CARMO, 2007; RAMOS, 2007), a

concordância nominal (SALOMÃO, 2008) e verbal (RUBIO, 2006, 2007; FIAMENGUI, 2008), o uso do futuro (HERNANDES, 2008) e a alternância indicativo/subjuntivo (SANTOS, 2005), todos usando amostras de fala da região riopretana.

Como se pode observar, a pretensão é a de, em futuro próximo, consolidar os estudos de natureza variacionista sobre a fala riopretana, de modo a se obter uma fotografia sociolingüística da região noroeste do estado de São Paulo. Nesse contexto, a presente pesquisa representa uma contribuição não só para um melhor entendimento da regra que leva à expressão das categorias verbais de número, mas também para o próprio entendimento do modo de realização do sujeito em PB, o que pode reforçar os prognósticos de mudanças hoje estabelecidos.

Diante dos objetivos da pesquisa aqui relatados, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: no capítulo I, apresentamos os pressupostos teóricos considerados para a elaboração de nossa pesquisa; no capítulo II, tratamos mais especificamente do fenômeno da CV, em outras línguas e no PB; no capítulo III, expomos os procedimentos metodológicos seguidos para a realização de nossa pesquisa, os critérios utilizados na composição do Banco de Dados Iboruna, utilizado como córpus e, ainda, as características gerais da região de São José do Rio Preto. No capítulo IV, encontram-se os resultados alcançados a partir da análise quantitativa e qualitativa dos critérios lingüísticos e sociais considerados. Na última parte do trabalho, as considerações finais, apresentamos uma apreciação concisa dos principais pontos da pesquisa e dos principais resultados, à qual se seguem as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O primeiro capítulo do presente trabalho se compõe da seguinte forma: na primeira seção (1.1.) tratamos do surgimento da Sociolinguística e sua relação com as demais vertentes da Linguística; na segunda seção (1.2.), são apresentadas a Teoria da Variação Linguística e suas premissas básicas, bem como a importância da figura de seu precursor, William Labov; na terceira seção (1.3.), apresentamos a teoria da mudança linguística, enfocando os princípios empíricos e os princípios gerais considerados em seu estudo; por fim, na última seção (1.4.), buscamos tratar dos possíveis pontos de convergência e divergência entre a vertente funcionalista e a vertente sociolinguística.

1.1 O surgimento da *Sociolinguística*

O principal problema enfrentado pela linguística moderna, ainda hoje, é a caracterização de seu objeto de pesquisa. Na fundação da Linguística como ciência, ao distinguir a *língua* da *fala*, Saussure (1997) separa o que é geral, social e essencial do que é particular e exclusivamente individual. No que era legítimo naquele momento, reconhece apenas a língua como um objeto científico, relegando a exterioridade linguística a um segundo plano e, portanto, considerando a língua um objeto de estudo estritamente linguístico e formal, apreensível apenas na consideração como um sistema estruturado.

Subjaz a esse postulado básico uma concepção de linguagem com forte tendência para a criação de um *axioma de categoricidade*, baseado em uma análise regularizada, com a eliminação de qualquer espaço para a consideração da variabilidade da linguagem; em outras

palavras, da heterogeneidade. Somente há um controle do estudo da linguagem por meio de sua aproximação a uma disciplina exata como a matemática.

O paradigma estruturalista de Saussure, anos mais tarde, é reafirmado por Chomsky (1957), que considera a linguagem sem relação com o meio ou com o contexto social do qual ela é parte integrante. A concordância entre o estruturalismo e o gerativismo reside no fato de que o falante tem acesso a diferentes sistemas gramaticais e as variações são livres e tratadas como flutuação aleatória.

Com o lingüista Antoine Meillet, no início do século XX, encontramos uma concepção mais sociológica do falante e da língua, com uma formulação consistente e sólida. Para o autor, as condições sociais do falante têm influência decisiva sobre a língua e sobre as mudanças, assim, a língua é concebida como um fato social e a lingüística é vista como uma ciência social (MEILLET, 1951).

No Brasil, já em 1920, Amadeu Amaral, em sua obra intitulada *O dialeto caipira*, considerava fortemente a concepção sociológica do falante e da língua, o que demonstrava a preocupação com a heterogeneidade no sistema lingüístico.

Fala-se muito num dialeto brasileiro, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar...O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal – o Litoral, o chamado ‘Norte’, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro.

(AMARAL, 1982, p. 43)

Contudo, somente a partir da década de 60, é que os estudos da heterogeneidade da fala ganham força, na busca de evidências da influência externa na variabilidade da linguagem. E mais, os estudos variacionistas vêm demonstrar que os dados variáveis são em si a prova da possibilidade de controle da variação. Marca-se, assim, uma ruptura com a tradição lingüística e uma renovação teórico-metodológica.

A partir da década de 1970, uma nova corrente da lingüística, a Sociolingüística, passa a ganhar terreno na comunidade lingüística, com sua atenção voltada para um tipo de investigação que correlaciona a língua inserida em uma comunidade de fala a aspectos lingüísticos e sociais.

O termo *Sociolingüística*, segundo Romaine (1994), surgiu pela primeira vez em 1950, fazendo referência às perspectivas que lingüistas e sociólogos mantinham face à relação estabelecida entre linguagem e sociedade, de maneira mais específica, à diversidade lingüística inserida em um contexto social. O emprego do termo data do ano de 1952 e foi empregado por Currie, para tratar da relação estabelecida entre o *status* social dos falantes e seu comportamento lingüístico.

1.2 A teoria da variação lingüística: premissas básicas

Ainda que alguns autores tenham anteriormente tratado da relação entre linguagem e sociedade, é William Labov, que, em 1963, dá início a um modelo de pesquisa que concebe a língua em constante relação com a sociedade, influenciando-a e por ela sendo influenciada. Inicia-se uma nova vertente da Lingüística, centrada em traços variáveis da língua decorrentes da influência de fatores tanto lingüísticos quanto sociais. Diferentemente do modo gerativista de conceber o falante, altamente em voga a essa época, os sociolingüistas passaram a privilegiar em seus estudos a linguagem inserida no contexto social, cuja *performance* depende de um falante/ouvinte real, já que nenhuma previsão é possível de ser feita baseando-se apenas nas intuições do pesquisador. A heterogeneidade lingüística é característica inerente do indivíduo e se acentua ainda mais na comunidade de fala da qual ele faz parte. A tarefa da Sociolingüística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e

social e, até mesmo, demonstrar uma relação casual em uma ou outra direção (FISHER, 1958).

Sob tal modo de abordar a linguagem, a língua passa a ser concebida como um *continuum* heterogêneo, influenciado por um conjunto de fatores lingüísticos e extralingüísticos que favorece ou desfavorece uma ou outra variante lingüística. Por exemplo, na alternância de formas encontradas na CV, os fatores extralingüísticos em conjunto com os fatores lingüísticos têm influência positiva ou negativa na probabilidade de ocorrer a pluralização explícita dos verbos.

O conceito de *comunidade de fala* aplica-se, segundo Labov (1972), a um grupo de falantes que seguem as mesmas normas relativas ao uso da língua, sem a implicação de que esse grupo deva utilizar as mesmas formas lingüísticas. Para o estudo proposto neste trabalho, a comunidade de fala considerada compreende os falantes da região noroeste do estado de São Paulo, mais precisamente, da cidade de São José do Rio Preto e seis cidades circunvizinhas.

É, então, sob a premissa da heterogeneidade lingüística ordenada que se torna possível identificar, no interior de uma comunidade lingüística, fenômenos lingüísticos variáveis, o que significa dizer que os integrantes de uma comunidade de fala não se comportam lingüisticamente de forma homogênea.

Para Labov (1972), a variação é inerente à natureza da linguagem humana e não deve ser tratada apenas como um acidente, mas sim como uma característica das línguas naturais. A variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir um mesmo conteúdo informativo. O conjunto desses usos constitui, por sua vez, a *variável lingüística*. Cada uma dessas formas alternantes que expressa o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto é denominada *variante lingüística*. Por exemplo, para o fenômeno da CV, duas variantes, ausência de marcas de plural nos verbos vs. presença de marcas de plural nos verbos, constituem a variável lingüística.

Há uma relação de concorrência entre as variantes de uma comunidade de fala. Conferem-se valores sociais diferentes a cada variante e, assim, essas variantes normalmente são ou não selecionadas, ainda que inconscientemente, pelos falantes da comunidade de fala, considerando-se, por vezes, as conseqüências sociais que decorrerão do uso de cada uma delas.

Uma variante pode ser considerada *de prestígio*, se estiver associada a falantes ou a grupos sociais de *status* considerado superior. Tal consideração pode ocasionar a reprodução dessa variante, inclusive por outros grupos sociais, com o intuito de evitar o preconceito lingüístico.

Por outro lado, considera-se *estigmatizada* a variante utilizada por falantes desprestigiados socialmente na comunidade, seja por pertencerem a estratos econômica ou culturalmente menos prestigiados, seja por possuírem baixo nível de escolaridade, ou ainda por razões étnicas e de espaço geográfico. Na verdade, o estigma se faz pela oposição da variante estigmatizada à forma considerada prestigiada na comunidade. Em qualquer caso, o critério de definição não tem relação direta com padrões lingüísticos; é pautado pela avaliação social atribuída ao usuário da língua. Como conseqüência dos valores sociais que entram em questão, qualquer fuga dos padrões de prestígio será alvo de preconceito lingüístico por parte dos falantes da comunidade de fala, também uma outra forma de preconceito social, ainda pouco reconhecido.

Gnerre (1987, p. 4) afirma que:

Uma variedade lingüística “vale” o que “valem” na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos” quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos “externos” pelo prestígio das línguas no plano internacional.

Aos moldes da relação entre *variante de prestígio* e *variante estigmatizada*, há a oposição entre a *variante inovadora* e a *variante conservadora*. A forma mais antiga, em um processo de variação e possível mudança, geralmente empregada por falantes de faixas etárias mais elevadas, é considerada *conservadora*, ao passo que a forma mais recente e passível de implementação, mais provável de ser encontrada na fala da geração mais nova, é considerada *inovadora*.

Em meio a essas variantes tem-se, ainda, a variante *padrão*, normalmente, eleita como a *variante de prestígio* dentro de uma comunidade de fala, por ser a variante prescrita pelos manuais e gramáticas normativas. Do outro lado do embate entre as formas variantes, em oposição à variante *padrão*, encontram-se as variedades *não-padrão*, também identificadas como *variedades populares*, que refletem tipicamente a fala das classes que não possuem prestígio social dentro da comunidade de fala.

Segundo Votre (2004), a forma *não-padrão* é registrada como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição. O estudo e o ensino da língua e a escola funcionam como promotores e defensores da variante *padrão*, podendo, assim, contribuir para o aumento do preconceito em relação às variedades *não-padrão* e, ainda, para a elevação da variante *padrão* ao papel de variante *de prestígio* da comunidade de fala.

Embora se costume considerar como sinônimas, de um lado, variantes de *prestígio*, *conservadora*, *padrão*, e *culta*, e, de outro, variantes *estigmatizada*, *inovadora*, *não-padrão* e *popular*, é preciso se ter claro que esses conceitos nem sempre se sobrepõem.

A implementação de uma variante inovadora dependerá do prestígio que esta adquirirá na comunidade. A manutenção de uma forma conservadora, por outro lado, também dependerá de seu prestígio na comunidade. A associação da variante de *prestígio* à variante *padrão* nem sempre é determinante, visto, em certas circunstâncias, ocorrer a implementação

na comunidade de fala de formas inovadoras que não pertencem ao padrão, mas que não são desprestigiadas na comunidade de fala.

Para Labov (1972), algumas formas lingüísticas assumem uma característica socialmente marcada e são ostensivamente estigmatizadas por outros grupos sociais que não as utilizam. Essas formas costumemente caracterizam um grupo social específico e são chamadas de *estereótipos*. A caracterização de uma forma como estereotípica de um grupo vai depender da reação social (preconceito) que essa forma lingüística irá gerar em outros grupos sociais.

Diante desse quadro, tem-se, portanto, que fatores de ordem social influenciarão sobremaneira as escolhas lingüísticas dos falantes, em razão das “pressões” sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento lingüístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Fatores sociais como *gênero, escolaridade, profissão, classe social, religião, origem geográfica e contexto de fala* são importantes na caracterização do comportamento lingüístico dos indivíduos.

Segundo Naro (2003), ainda que as organizações sociais de cada comunidade lingüística possam possuir certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Relativamente às premissas aqui expostas, para o caso da CV no PB, a variante *presença de marcas de plural nos verbos* é considerada a *variante padrão*, visto ser a forma

preconizada pela gramática normativa. Como consequência quase inevitável do efeito da pressão da norma sobre as escolhas lingüísticas, a mesma variante foi eleita como a *variante de prestígio* na comunidade e detém também o rótulo de *variante conservadora*, fato considerado trivial na Sociolingüística. Na variação lingüística, ainda que não seja categórico, em grande número de casos, a variante considerada *padrão* assume a posição de *variante de prestígio* e também de *variante conservadora*. Em oposição à variante padrão, tem-se a variante *ausência de marcas de plural nos verbos*, que, por consequência natural, assume a posição de *variante não-padrão*, por ser ignorada (ou não reconhecida) pela tradição gramatical. É *estigmatizada* pela sociedade, por estar presente, com maior frequência, na fala das classes sociais menos favorecidas, seja do ponto de vista econômico ou seja do ponto de vista cultural. É, ainda, considerada *inovadora*, em oposição à variante *presença de marcas de plural nos verbos*, considerada *conservadora*.

Para o fenômeno variável da CV, Rodrigues (1987) afirma que, especificamente, para a 1PP (primeira pessoa do plural), a ausência de marcas de plural nos verbos é considerada como *estereótipo* presente na fala de indivíduos do interior do estado ou mesmo da zona rural, fato constatado também por Rubio (2006), que, em estudo sobre variedade interiorana do PB, confirmou que a atribuição de estigmatização social pode atuar em níveis diferentes para a 1PP e 3PP. Para a ausência de marcas nos verbos de 3PP, ainda que haja estigma social por parte da comunidade em geral, não há qualquer estereótipo quanto à origem geográfica do falante, visto ser característica comum encontrada, se não em todos, em grande número de estados do país, incluindo as capitais.

No Brasil, segundo Bagno (2003), a escolha da variante padrão no PB se deve, principalmente, a motivos econômicos, políticos e culturais. O português empregado nas cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, começou a ser considerado modelo a ser imitado, a norma a ser seguida, o português padrão do Brasil, a partir do

momento em que essas cidades se tornaram pólos econômicos, políticos e culturais. A transferência da capital da Colônia para o Rio de Janeiro, em 1763, fez com que o Rio de Janeiro assumisse grande importância no país. Da mesma forma, no início do século XX, a crescente industrialização de São Paulo fez com que a cidade passasse a compartilhar importância econômico-político-cultural com o Rio de Janeiro. Por fim, a crescente força política e econômica do estado de Minas Gerais, especialmente da capital Belo Horizonte, cerrou o triângulo de influência na formação da variante considerada padrão no PB.

Variedades de outros estados, ou mesmo de regiões interioranas destes estados, que não possuem influência econômica ou cultural de mesmo porte, como é o caso da região nordestina, são consideradas, segundo o autor, “pitorescas – engraçadas, divertidas, grosseiras, erradas e feias”.

1.3 A teoria da mudança

Como esperamos ter ficado claro até este ponto, toda análise sociolinguística deve ser orientada para a busca de variações sistemáticas, inerentes tanto ao objeto de estudo quanto à comunidade de fala, o que significa considerar que a variação não é caótica, podendo, portanto, ser analisada e sistematizada. Nos termos de Tarallo (1991, p. 5), o desafio que se apresenta ao sociolinguista é a busca do processamento, análise e sistematização desse “universo aparentemente caótico da língua falada”.

Em Weinreich, Labov & Herzog (2006), é clara a concepção de língua como sistema heterogêneo e ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança linguística. A variação, lembram Paiva & Duarte (2006, p. 133), possui um caráter sistêmico e controlado e cabe à Linguística entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreendendo os padrões que a governam. A idéia da variação como caótica e aleatória, desprovida de qualquer

regularidade significativa e interessante, decorre, geralmente, do desconhecimento das “regras da língua”, não as impostas pela norma, mas as que regem o uso real desse instrumento de comunicação empregado em situações concretas.

A mudança pode ser conseqüência da dinâmica interna das línguas naturais, porém nem toda variação e heterogeneidade envolverão mudança. O reconhecimento da mudança lingüística precede, obviamente, o advento da sociolingüística, contudo, era, anteriormente, restrito a comparações entre fatos de língua e de linguagem situados em dois momentos discretos no tempo. A compreensão dos estágios intermediários entre esses dois momentos e a captação da instalação gradativa e contínua da mudança, ou mesmo a rivalidade entre as variantes “velhas” e “novas” num mesmo recorte do tempo, passam a ser sistematicamente observadas, após o advento da sociolingüística.

A mudança, para Weinreich, Labov & Herzog (2006), é apenas uma fase sincrônica da variação e, assim, apenas com a ligação entre os dois eixos (sincrônico e diacrônico) é possível se compreender os processos intermediários de variação. O exame da gradualidade de mudanças em curso de implementação, bem como a contextualização social e estrutural poderão fornecer hipóteses que expliquem os estágios intermediários.

A utilização de uma análise pautada sobre a regra variável permite ao analista extrair as regularidades e tendências dos dados e, por meio dela, determinar como a seleção de certas estruturas lingüísticas é influenciada pelas configurações específicas de fatores que caracterizam o contexto em que elas ocorrem.

A compreensão dos processos de mudança não é simples, porque a instalação de uma nova variante envolve questões cruciais como: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação, questões inter-relacionadas que irão fornecer uma visão integrada da mudança.

É do que passamos a tratar a seguir, atrelando os fundamentos empíricos necessários para uma teoria da mudança lingüística às considerações particulares do fenômeno que se propõe estudar no presente trabalho.

1.3.1 Princípios empíricos para a teoria da mudança lingüística

Weinreich, Labov e Herzog (2006) organizam uma discussão na qual trazem a luz alguns problemas que deverão ser resolvidos para a realização de uma pesquisa que se proponha dentro de uma teoria de mudança. Na medida do possível, serão feitas rápidas incursões no fenômeno variável da CV, alvo desta pesquisa, na tentativa de situá-lo relativamente ao modo de investigação de cada um desses problemas.

1.3.1.1 O problema dos fatores condicionantes: é necessário, para uma teoria da mudança, determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Observa-se que, nem sempre, todos os fatores lingüísticos e sociais são observados em um estudo. É necessário ao pesquisador procurar abarcar todos os condicionantes possíveis para as mudanças no sistema.

Relativamente a esse problema, no tocante à CV, devem ser elencados tanto fatores sociais quanto lingüísticos, que possam influenciar positiva ou negativamente a variação. Mesmo que alguns fatores já tenham sido atestados por trabalhos anteriores, é necessária a confirmação de sua influência para a comunidade alvo desta pesquisa. Outros fatores, ainda que não sejam comumente pesquisados, devem ser testados com o intuito de verificar se exercem ou não influência na CV. É importante ter-se em vista que as comunidades são socialmente diferenciadas e, assim, podem sofrer variações marcantes de comportamento, bem como reagir de modo diferente diante de um mesmo contexto variável. Por meio da

investigação dos contextos variáveis que influenciam a CV no dialeto em questão, é possível estabelecer contrastes e confrontos com outros dialetos.

1.3.1.2 O problema da transição: a teoria da mudança lingüística pode aprender mais com os dialetos chamados *transicionais* do que com os dialetos nucleares. Deve-se considerar todo dialeto como transicional. Ao considerarem-se subsistemas como arcaico/inovador, uma teoria de língua pode observar a mudança lingüística enquanto ela ocorre, apreendendo mudanças que estavam perdidas no passado. A mudança se dá: (i) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (ii) durante o tempo em que as duas formas coexistem na sua competência e (iii) quando uma das formas se torna obsoleta. Em verdade, cabe ao pesquisador detectar os estágios intervenientes entre dois estágios distintos da língua, para verificar em que pontos as variações estão ocorrendo.

Para a CV, a estratificação dos informantes de acordo com suas características sociais propicia meios para a verificação de perfis que possam ser precursores das mudanças lingüísticas ou mesmo se se trata apenas de uma variação estável. Ao considerarmos, por exemplo, o fator escolaridade, sabe-se, de antemão, que, à medida que o falante trava maior contato com o ambiente escolar, adquire também um contato maior com a variante *padrão*, que, para o fenômeno variável da CV, seria a aplicação de marcas de plural nos verbos, ou seja, no caso do fator social *grau de escolarização*, falantes com maiores níveis de escolaridade tenderiam a aplicar com maior frequência a pluralização nos verbos, por ser essa a variante prescrita dentro do ambiente escolar. Para os falantes com baixa ou nula escolarização seria atribuído o uso, com maior frequência, da variante *ausência de marcas de plural nos verbos*. O fato de uma variante ser a eleita como forma de prestígio pela comunidade de fala e também o fato de ser a mesma variante prescrita no ambiente escolar

não acarretam a consequência de que essa variante se sobreponha a outra variante, encerrando o processo de variação.

1.3.1.3 O problema do encaixamento: A mudança lingüística necessariamente deve ser concebida como encaixada no sistema lingüístico e na matriz social, sem que isso implique, no entanto, concebê-la como um movimento de um sistema inteiro para outro completamente diferente. Em outras palavras, o que ocorre, num processo de mudança, é a alteração gradual de um conjunto limitado de variáveis num sistema. O controle dessa variação pode ser apreendido a partir da competência lingüística dos membros da comunidade de fala. Da mesma forma, no desenvolvimento da mudança lingüística, a estrutura social pode pesar de forma diferente sobre o sistema lingüístico abstrato. A questão do encaixamento, portanto, lidará com o entrelaçamento das mudanças com outras que poderão afetar tanto a estrutura lingüística quanto a estrutura social.

No fenômeno em estudo, especificamente, a redução no paradigma da conjugação verbal pode acarretar alterações em outro subsistema da língua, como, por exemplo, na estrutura oracional, levando a um maior preenchimento da posição de sujeito, em casos em que há a não pluralização do verbo, semelhantemente ao que ocorre em outras línguas, como veremos mais adiante.

1.3.1.4 O problema da avaliação: é necessário que a teoria da mudança lingüística estabeleça empiricamente o nível de consciência social dos falantes em relação às variáveis lingüísticas. A imposição do processo contínuo de mudança vai depender diretamente dos correlatos subjetivos e das avaliações dos falantes. A mudança, provavelmente, irá gerar efeitos sobre a estrutura e o uso da língua. Estratos sociais diferentes reagem de forma diferente às mudanças ocorridas no sistema.

Relativamente a esse problema, em Rubio (2007), confirmamos, para a comunidade da região de São José do Rio Preto, que informantes do sexo feminino, assim como os informantes de grau de escolaridade mais elevado, atribuem *status* diferentes para a CV de 1PP e de 3PP, pois apresentam índices maiores de CV para 1PP do que para 3PP. Isso demonstra que, na comunidade pesquisada, a não-aplicação da regra para a 1PP é mais estigmatizada socialmente do que a não-aplicação da regra para a 3PP, o que faz que falantes mais sensíveis ao significado social da fala (mulheres e indivíduos com maior grau de escolaridade) busquem se adequar mais à norma.

Ainda que, na composição do *corpus*, não tenha sido feito um controle para a medição da avaliação social do falante em relação a sua fala e a fala dos demais membros da comunidade, será necessário em nossa pesquisa recorrermos às características sociais que normalmente estão associadas às formas de prestígio e, do mesmo modo, às características mais associadas às formas desprestigiadas na comunidade, conforme aponta a literatura sociolingüística.

1.3.1.5 O problema da implementação: O processo de mudança envolve estímulos e restrições tanto da estrutura social quanto da estrutura da língua. O início de uma mudança lingüística se dá quando traços característicos da variação na fala se difundem através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Esse traço lingüístico assume uma significação social, ou seja, os valores sociais agregados àquele grupo. Com a inserção de novos membros ao grupo, as mudanças secundárias tornam-se primárias. A etapa subsequente é a elevação no nível de consciência social daquela mudança e do estabelecimento de um estereótipo. A última etapa é a perda da significação das alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante. O que o pesquisador buscará saber são as razões possíveis para as mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época. Há uma forte relação entre a

avaliação que os falantes fazem da variação ocorrida e a implementação dessa mudança; assim, somente haverá a implementação se as barreiras da avaliação da comunidade forem transpostas.

No caso da CV, alguns fatores avaliativos impedem que a forma não-padrão se implemente totalmente na comunidade. Esses fatores estão associados à imposição da norma, por parte da comunidade. Por outro lado, há uma “forte pressão” dos segmentos sociais que não têm acesso à norma para a implementação da forma desprestigiada, que é considerada, do ponto de vista lingüístico, mais “enxuta”, mais econômica, justamente por sugerir uma redução no paradigma verbal de quatro para duas possibilidades.¹ Além disso, a depender do contexto lingüístico variável, há possibilidade de a mudança atingir um caso de CV como, por exemplo, contextos de passiva sintética (Scherre, 2005) e de posposição do verbo em relação ao sujeito, porque menos perceptível e menos estigmatizado socialmente, deixando de o fazer em outros. A tendência pode ser também de que haja na comunidade uma variação estável, em que as duas variantes permaneçam em concorrência devido aos fatores citados acima. Essa variação estável, nesse caso, estaria então mais sujeita aos princípios considerados de ordem social do que aos princípios de ordem lingüística.

1.3.2 Alguns princípios gerais para o estudo da mudança lingüística

Conforme salientam Weinreich, Labov & Herzog (2006), algumas considerações devem ser feitas para o estudo das mudanças lingüísticas. É preciso ter claro que a mudança lingüística não deve ser considerada como uma deriva aleatória, mas sim como a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala, que irá assumir o caráter de uma diferenciação ordenada. A estrutura lingüística inclui a

¹ Português padrão brasileiro: *eu vou, você/ele vai, nós vamos, vocês/eles vão*. Português não-padrão brasileiro: *eu vou, você/ele/nós/vocês/eles vai*.

diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através das regras que governam a variação na comunidade de fala.

Ainda que haja constante variação numa língua, nem toda variabilidade e heterogeneidade implicam mudança, porém toda mudança implica necessariamente variação e heterogeneidade. Em caso de mudança lingüística, não há uma generalização imediata, mas um processo de variação temporal e espacial.

Considerando ainda que as variações e as mudanças na comunidade de fala são determinadas dentro da estrutura social, o idioleto (modo de falar característico de um indivíduo) não pode oferecer uma base para gramáticas autônomas ou consistentes.

Consideremos o que afirma Teissier (1982, p. 79) a respeito da variação lingüística em uma comunidade de fala:

A realidade, porém, é que as divisões dialetais no “Brasil” são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.

Não há mudança lingüística confinada em etapas discretas dentro de uma única família, pois ela é transmitida por toda comunidade.

Não devemos desprezar nem os fatores lingüísticos nem os fatores sociais, pois eles estão totalmente inter-relacionados no âmbito de uma mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importam quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico.

1.4 Funcionalismo e Sociolingüística

Atualmente a lingüística tem se dividido entre a distinção epistemológica que opõe as abordagens de cunho formalista e as de cunho funcionalista. A sociolingüística tem por fundamento o estudo da língua em uso e, por isso, naturalmente é consistente com uma abordagem funcionalista. Contudo, Labov (1990) manifesta-se favoravelmente à idéia de uma Sintaxe autônoma, possível de ser considerada e estudada sem recurso à semântica.

Ocorre porém que, no momento em que a análise da variação sai do campo fonológico, em que formas alternantes expressam o mesmo significado referencial, e parte para o campo da sintaxe, há uma perda significativa de sua operacionalidade. O conceito de “mesmo significado” passa a se enfraquecer e a variação não deve mais ser considerada como livre, visto não ser influenciada somente por fatores extralingüísticos, mas também por fatores de ordem pragmática, ou seja pelas escolhas do falante que servem a seus propósitos comunicativos. A variação passa a ser gerida também por processos de organização textual.

Para Casseb-Galvão & Nascimento (2006), alguns princípios funcionalistas, como o da iconicidade são produtivos na explicação do uso de regras variáveis do PB e, dessa forma, alguns fenômenos são mais visíveis se observados os princípios metodológicos variacionistas, que consideram que todo tipo de mudança lingüística se dá em contextos reais de uso, com a apreciação do perfil da comunidade envolvida.

Conforme afirma Berlinck (2002), a participação do funcional na definição da variação depende da natureza do fenômeno que se vai analisar. Cada fenômeno deve ser investigado segundo uma postura “ingênua”, sem o estabelecimento de expectativas de um resultado menos ou mais favorável a uma ou a outra abordagem. Os fatos devem evidenciar por si só e levar o lingüista a resultados condizentes com os fatos a que se propõe analisar. A esse respeito, são palavras de Camacho (2003, p. 64):

Seria altamente positivo para o progresso da ciência da linguagem o esgotamento de todas as possibilidades de análise na explicação do fenômeno lingüístico, o que significaria submetê-lo a todos os fatores que se mostrarem relevantes, sejam eles de natureza social, formal ou funcional e, esgotadas as possibilidades, submeter a própria análise a uma avaliação criteriosa sem assumir posições metodológicas apriorísticas, que servem apenas para acirrar ainda mais um certo clima de competição... se quisermos contribuir seriamente para o progresso e a evolução da teoria da linguagem, levando seriamente em conta seu próprio objeto de estudos.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO

Este capítulo possui a seguinte estrutura: na primeira seção (2.1.), apresentamos o fenômeno da CV e sua relevância na modificação da estrutura verbal, remetendo a considerações elaboradas para outras línguas românicas; na seção segunda (2.2.), tratamos do fenômeno variável da CV no Português Brasileiro, com a consideração de estudos anteriores, para outros dialetos, e os fatores sociais e lingüísticos expostos nesses estudos.

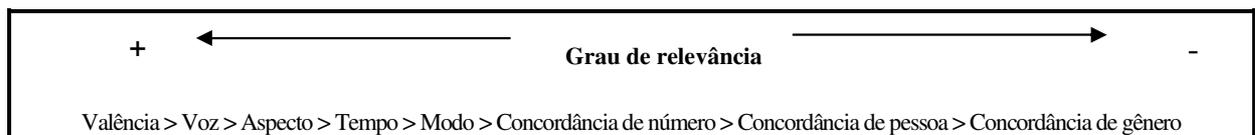
2.1 A CV e o princípio da relevância: observações translingüísticas

Resistente em reconhecer prognósticos de mudanças e o espectro mais amplo da língua que a variação na CV atinge, a tradição gramatical portuguesa, no que lhe é legítimo, estabelece, como regra quase categórica, que o verbo deve concordar com o número e a pessoa gramatical do sujeito: se o sujeito for simples e plural o verbo deve necessariamente receber marca de plural. Entretanto, em contextos especiais, há casos admitidos de variação (sujeitos compostos, expressões partitivas, construções predicativas etc), os quais não cabe serem discutidos nesse momento (cf. BECHARA, 2001; CUNHA & CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1972; SACCONI, 1990; dentre outros).

Bybee (1985) mostra que a contribuição de um elemento significativo na modificação do conteúdo significativo de outro elemento pode variar de acordo com o conteúdo semântico do primeiro em relação ao segundo. Assim, podem-se atribuir diferentes graus de relevância para categorias que afetam uma base lexical. Por exemplo, na modificação do radical de um verbo, a categoria *aspecto* é muito mais relevante do que a de concordância número-pessoal,

já que a primeira descreve a temporalidade interna do estado-de-coisas codificado pelo próprio verbo, enquanto a segunda apenas se refere ao(s) argumento(s) verbal(is). Em outras palavras, categorias de concordância não se referem à situação descrita pelo verbo em si, mas sim, aos participantes envolvidos na situação.

Relativamente às categorias que podem afetar uma base verbal (valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância), os estudos tipológicos de Bybee (1985), envolvendo cinquenta línguas, demonstram que a grande maioria delas (72%) traz expressa na base verbal a categoria aspecto, ao passo que a CV de número e pessoa ocorre em menor número de línguas (56%). Diante desses resultados, foi possível chegar a uma escala, em que as categorias modificadoras da base verbal são dispostas de acordo com o seu grau de relevância:



De acordo com essa escala hierárquica, iconicamente categorias que ocupam a posição mais à esquerda contribuem mais significativamente para a modificação do conteúdo da base verbal do que as categorias posicionadas mais à direita. É de interesse apontar que, nessa escala, categorias de concordância (número, pessoa e gênero) são as de menor relevância para o significado codificado na base verbal. Talvez por figurar, nessa escala hierárquica, como a segunda categoria de menor relevância é que a CV pode constituir-se fenômeno variável, apontando, portanto, para o atendimento a um princípio que é de ordem mais funcional do que formal.

Consoante a escala hierárquica dada acima, ao considerarmos as possibilidades de apagamento de marcas categoriais de verbos em PB, observamos que a escala se implementa de modo completo, pois a ordem das marcas flexionais, marca de modo-tempo e, em seguida, de número-pessoa (como em *canta+_va+_m*) revela que é a categoria mais distante do

radical que experimenta os efeitos da variação, porque menos significativa na modificação do conteúdo do radical. Embora essa mesma escala não se aplique aos nomes/adjetivos, regra semelhante se aplica à concordância nominal, em que é a marca de número, a mais distante do radical, que pode ou não ser apagada (como em *menin+_a+_s*, *bonit+_a+_s*), e nunca a de gênero.

Ao lado desse princípio de relevância para os morfemas modificadores de base verbal, a redundância no emprego das regras de concordância em contextos oracionais é outro ponto destacado por Bybee (1985). Em algumas línguas, a CV é exigida, ainda que o número seja expresso pelo SN-sujeito. Entretanto, há línguas, como o Kwakuitl (BOAS, *APUD* BYBEE, 1985), que dispensam a marcação de plural no verbo se o SN ou outro quantificador evidenciar a marcação de número plural do sujeito. Para Boas, a redundância seria um dos fatores determinantes da não-marcação de plural nas formas verbais, evidência que se estende para línguas que não a fazem, mesmo tendo como regra a CV determinada pela forma plural do sujeito.

A exemplo dessa regra operante no Kwakuitl, algumas outras línguas, mesmo em sua variedade considerada padrão, apresentam características de eliminação das marcas de concordância de número com a pessoa gramatical do sujeito, em contextos específicos.

No francês, por exemplo, ainda que na escrita os verbos recebam a marca de concordância de 3PP, oralmente, na linguagem padrão, não há distinção entre a forma singular e a forma plural, já que a pronúncia das duas formas é exatamente a mesma para grande parte dos verbos.² Esse apagamento da marcação de plural se estende também à concordância nominal de número, em que, na linguagem oral, o morfema ‘-s’ característico

² De acordo com Blanche-Benveniste (1999), até o século XV, o *-s* do plural em francês era pronunciado. Atualmente, na língua falada, somente se diferenciam as formas singular e plural pelos determinantes nominais e pelos casos de ligação. Em comunicação oral, Maria Angélica Deangeli relata que, ao manter contato com crianças francesas em processo de aquisição de escrita durante 4 anos, observou a falsa concepção das crianças de que na escrita, assim como na oralidade, não há distinção entre a terceira pessoa do singular e a 3PP, ou seja, em textos escritos pode ocorrer a não marcação do plural, regra que é abandonada somente com o ensino explícito das normas gramaticais da língua escrita.

do plural é apagado em inúmeros contextos. Como reflexo do encaixamento de uma mudança no sistema lingüístico e na matriz social (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), esse aspecto típico da oralidade mostra seus efeitos na estrutura frasal da língua francesa, hoje caracterizada pelo preenchimento obrigatório da posição do sujeito. Fato semelhante ocorre na maioria das línguas de preenchimento obrigatório da posição de sujeito, como é o caso do inglês, cujas formas de passado e de futuro dos verbos não apresentam mais nenhuma distinção em relação à marcação de pessoa e número gramatical do sujeito, em decorrência de um “enfraquecimento” da morfologia de concordância.

Para o italiano, ainda que não haja registros de variação no dialeto padrão, o que é confirmado veementemente até mesmo por falantes nativos, há dialetos da Itália, como o Bergamasco, nos quais o fenômeno da concordância muito se assemelha ao que ocorre no PB popular, como mostrado no quadro a seguir, adaptado de Zanetti (2004).³

Verbo regular maià (mangiare)				
	PRESENTE	PASSATO	FUTURO	CONDIZIONALE
<i>me</i>	màe	maiàe	maierò	maierès
<i>te</i>	to màe	to maiàet	to maierèt	to maierèset
<i>lù</i> <i>lé</i>	al màia la màia	al maiàa la maiàa	al maierà la maierà	al maierès la maierès
<i>nóter</i>	an màia	an maiàa	an maierà	an maierès
<i>óter</i>	maif	maiàef	maierif	maierèsef
<i>lur</i>	i màia	i maiàa	i maierà	i maierès

Quadro 1: Paradigma de conjugação verbal do Bergamasco (província de Bérghamo)

O paradigma verbal no italiano *standard*, como no português padrão, possui 6 posições, com formas verbais diferentes para cada pessoa. Para o dialeto Bergamasco, entretanto, semelhantemente ao português não-padrão (coloquial), há uma redução no número

³ Em consulta feita a falante nativo do italiano, foi-nos informado que não há, em qualquer parte do país, variação na CV. Quaisquer casos de não-marcação de plural seriam considerados “erros”, reservados apenas a estrangeiros, desconhecedores da língua italiana (BABINI, comunicação pessoal). Porém Renzi & Salvi (1991) registram que em alguns dialetos italianos a marcação de plural nos verbos pode não possuir as mesmas características do italiano *standard* (padrão), sendo possível a não-marcação de plural, fato confirmado por outros consulentes especialistas da língua (ORTALE, comunicação pessoal).

de formas verbais. Em Bergamasco, há uma forma para a 1PS e 2PS (*mè màe / te to màe*), uma forma para a 2PP (*óter maif*) e uma terceira forma que serve tanto para a 3PS, quanto para a 1PP e 3PP (*liù al maia / lé la maia / nóter an màia / lur i màia*); no português não-padrão, há uma forma para a primeira pessoa (*eu como*) e outra forma para as demais pessoas (*você, ele, ela, nós, vocês, eles come*).

Pelo quadro de conjugação dado acima, observa-se então que não há marca distintiva na forma verbal de 3PS e de 3PP, em qualquer tempo e modo. A distinção é feita somente por recurso ao próprio pronome pessoal (*liù/lé e lur*), acompanhado de marca de clítico de sujeito, *al* e *la*, para 3PS, e *i* para a 3PP. No italiano *standard*, como no português padrão, pode haver o apagamento do sujeito, o que justifica o uso do clítico antes do verbo (no caso do Bergamasco), com o fim de evitar ambigüidade entre as pessoas verbais, em casos de sujeito nulo. Interessante destacar que a colocação do clítico antes do verbo somente é feita nos casos em que formas verbais de diferentes pessoas convergem para uma única.

No espanhol, não encontramos ainda gramáticas descritivas que considerem casos de variação na CV, o que se justificaria pelo fato de, na língua espanhola, ser regra quase categórica o apagamento do sujeito pronominal; contudo propomos, em momento futuro, uma investigação mais acurada, a fim de confirmar ou refutar essa hipótese, principalmente na consideração de casos em que é necessário o preenchimento da posição de sujeito, como é caso de sujeitos compostos, por exemplo.

Essas observações translingüísticas têm levado inúmeros lingüistas brasileiros a apontarem uma mudança paramétrica em curso no PB, qual seja, de língua *não-drop* para língua *pro-drop*, caracterizando-se assim como também uma língua de preenchimento obrigatório da posição de sujeito. Essa mudança se deve, sobretudo, às alterações no paradigma pronominal e ao enfraquecimento da morfologia de concordância (DUARTE, 1993; GALVES, 1993).

Segundo Mattos & Silva (2006), a expansão de *você* e de *a gente* como pronomes pessoais e a redução do uso do *tu* e do *vós* fazem com que a 3PP se generalize, reduzindo o paradigma verbal para quatro ou três posições, mesmo na variedade culta⁴, ou para duas posições, na variedade coloquial, o que faz com que o sujeito pronominal se torne necessário. Essa necessidade torna o PB uma língua *não-drop*, semelhante às línguas inglesa e francesa, e diferente do Português Europeu, em que as reduções não ocorrem e, dessa forma, é mantido o padrão *pro-drop*.

No âmbito da Sociolinguística, já está mais do que provado que, mesmo fora destes contextos variáveis admitidos pela tradição gramatical, a CV constitui um caso de variação do PB falado, que também atinge, em certa medida, a modalidade escrita da língua (v. SCHERRE, 2005).

Um entendimento da variação na CV, quer para modalidade escrita quer para a falada, só se completa com o detalhamento dos fatores correlacionados à sua aplicação, que é o que passamos a apresentar na seção seguinte.

2.2 A CV no Português Brasileiro

No tocante à determinação dos contextos de variação, Naro (2003) adverte que, em um modelo quantitativo de análise, devem ser selecionados os fatores lingüísticos e extralingüísticos que podem favorecer ou refrear o uso de uma ou outra variante. Nos estudos sociolingüísticos brasileiros, vários fatores lingüísticos e sociais já se mostraram relevantes para o estudo da CV. Assim, baseados numa revisão da literatura sobre o assunto, selecionamos, nessa seção, os fatores que constituem nossas hipóteses de investigação sobre a CV no dialeto riopretano. A escolha inicial desses grupos de fatores para o desenvolvimento

⁴ Quatro posições: *eu falo, ele/você/a gente fala, nós falamos, eles/vocês falam*. Três posições: *eu falo, ele/você/a gente fala, eles falam*.

deste estudo é motivada pelo fato de, na literatura pesquisada, terem sido eles os selecionados pelo programa estatístico como os de maior significância na implementação da variação. Desse modo, no decorrer de nossa pesquisa outros fatores foram incluídos, como veremos mais adiante.

2.2.1 Dos **fatores lingüísticos** já comprovados correlacionarem-se à variação da CV, há aqueles relacionados diretamente a propriedades do verbo, como *transitividade* e *tipo morfológico*, aqueles relacionados diretamente ao SN-sujeito, como, por exemplo, *traço semântico do sujeito*, *tipo estrutural*, e *referencialidade*, e aqueles que explicitam a relação SN-sujeito/verbo, como *paralelismo formal* e *posição do sujeito em relação ao verbo*.

Explicitando primeiramente os fatores relacionadas ao verbo, a atuação da *transitividade* tem-se mostrado relevante em alguns estudos da CV. Para esse fator, foi proposta por Monguilhott & Coelho (2002) a investigação dos seguintes contextos variáveis: (i) *verbos inacusativos*, que selecionam argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo (*chegar, sair, morrer*); (ii) *verbos intransitivos*, que selecionam apenas argumento externo (*trabalhar, sorrir, telefonar*); (iii) *verbos transitivos*, que selecionam argumento externo e interno (*desejar, dar, querer*); e, (iv) *cópula*, que seleciona uma predicação reduzida, do inglês *small-clause* (*parecer, ser, andar etc*). Para esse grupo de fatores, os resultados mostraram que os verbos inacusativos foram os que menos favoreceram a aplicação da CV, ao passo que a cópula apresentou o maior índice de probabilidade de marcas explícitas de pluralização.

Parece-nos desnecessário o controle desse grupo de fatores, pois há uma correlação direta entre esse e outros grupos de fatores, o que levaria a resultados já evidentes. Para os casos de *verbo inacusativo*, como em (1a,b) abaixo, é categórico que haja a inversão do sujeito, o que influenciaria fortemente, como demonstraremos, a não-aplicação da CV. Assim,

o fato de haver baixo índice de CV para os casos com verbos inacusativos estaria ligado ao fato de, nesses contextos, o sujeito vir em posição posposta ao verbo, e não ao fato de se tratar ou não de um verbo inacusativo. Havendo o controle da posição e distância do sujeito em relação ao verbo, haveria também o controle dos casos em que há a posposição do sujeito em relação ao verbo, como mostramos nas ocorrências em (1), extraídas do nosso próprio *cópus*.⁵

- (1) a. aí ela disse que **entrou** mais *dois meninos...* de manhã... [AC-006, l.416]
 b. uma copa... é onde **fica** *as caixa de papelão* que a gente não vai usando [AC-024, l. 235]

O grupo de fator *traço semântico do sujeito* também está correlacionado ao grupo de fator transitividade *do verbo*, pois a seleção de sujeitos [+/- humanos] é influenciada pelo verbo. A expectativa é de que verbos intransitivos, por exemplo, selecionem argumentos [+ humanos], enquanto verbos inacusativos selecionam argumentos [+/- humanos]. A maior ou menor marcação de plural nos verbos seria influenciada, dessa forma, pela seleção de tipos de argumentos diferentes no sujeito (cf. Naro & Scherre, 1999).

O grande índice de pluralização encontrado nos casos em que o verbo é uma cópula provavelmente é influenciado pela grande ocorrência do verbo *ser* (2), que, como se sabe, é a cópula mais comumente usada em língua falada e que possui o grau máximo de saliência fônica (*é/são*), que, por sua vez, é um fator que, reconhecidamente, exerce forte influência positiva na aplicação da CV. Assim, a grande aplicação de marcas explícitas de plural nos verbos do tipo cópula estaria ligada ao fator *máxima saliência fônica* e não ao grupo de fatores *transitividade*. A falta de controle do grupo de fatores *tipo morfológico do verbo* e a consideração apenas do grupo de fatores *transitividade* poderia ocasionar, para o fator *cópula*,

⁵ Nesta seção, nos adiantamos, exemplificando as discussões, quando pertinentes, com ocorrências do nosso próprio *cópus*.

um enviesamento da amostra, causado pela grande incidência de ocorrências com o verbo *ser*, que possui características morfológicas diferentes de outros verbos do tipo *cópula*.⁶

- (2) bom *as professoras são* pessoas legais só que o ensino... é muito fraco
[AC-024, l.337]

Observamos que os resultados de Monguilhott & Coelho (2002), para o grupo de fator *transitividade*, somente se mostraram significativos na interação com o grupo de fator *tipo morfológico*, o qual se refere à diferença fônica entre a forma singular e a forma plural. Quando essa diferença é reduzida, a ocorrência da falta de concordância é favorecida, enquanto uma diferença fônica maior favorece o uso de concordância (NARO & SCHERRE, 2003, p. 16).

Nos pares verbais *singular/plural*, para os contextos de 3PP, a oposição se dá sempre entre as terceiras pessoas do singular e do plural. A oposição mínima verificada entre a forma singular e a forma plural nos verbos em terceira pessoa envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (*cantava/cantavam, sabe/sabem*) (3a, 3b).⁷ A alta saliência fônica ocorrerá, por exemplo, com o verbo irregular *ser* (*é/são*) (4a, 4b).

- (3) a. *essas coisas acho que influencia* TAMBÉM... filme essas co::isas
[AC-010, l. 430]
b. é claro que *as pessoas influenciam* as outras que tão lá... né
[AC-051, l. 54]
- (4) a. *esses passos da segurança é* muito importante
[AC-139, l. 340]
b. às vezes *certas administrações são* ruim mas a empresa assim é boa
[AC-142, l. 45]

⁶ Consideremos alguns verbos como: *está/estão, permanece/permanecem, continua/continuam, fica/ficam*. Do ponto de vista da saliência fônica, possuem características totalmente diferentes do verbo *ser*, porém, considerando o fator *transitividade*, são tidos todos como verbos do tipo *cópula*.

⁷ Além da mudança na qualidade da vogal, pode ocorrer o acréscimo de outras vogais (“cantava / cantavãw”)

Levando em conta a grande importância que esse fator exerce sobre fenômenos variáveis de ordem morfossintática e considerando também a influência por ele demonstrada em outros trabalhos (v. LEMLE & NARO, 1977; NARO 1981; SCHERRE & NARO 1997, SCHERRE & NARO, 2006, dentre inúmeros outros), Santos (2005) hierarquizou de forma ascendente os verbos em graus de saliência fônica da seguinte forma:⁸ (i) *máxima diferenciação fonológica*, percebida pela total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical, sendo uma forma completa ou parcialmente distinta da outra, mais precisamente, observado na oposição entre *é/são, fez/fizeram, pôs/puseram*; (ii) *média diferenciação fonológica*, percebida por uma alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical; são exemplos as oposições entre *quis/quiseram; trouxe/trouxeram; falou/falaram, morreu/morreram*; (iii) *mínima diferenciação fonológica*, percebida, na fala espontânea, apenas pela nasalização da vogal final não-acentuada e/ou adição de uma semi-vogal, sem envolvimento do radical, como, por exemplo, nas oposições entre *fala/falam; falava/falavam; come/comem; dá/dão; vai/vão; faz/fazem*.

Ainda que a proposta de divisão da saliência fônica em apenas três níveis não seja a mais comumente aplicada, por meio da consulta bibliográfica notamos que, em alguns trabalhos em que se consideram seis níveis de saliência fônica (MONGUILHOTT & COELHO, 2002, por exemplo), os percentuais e pesos relativos referentes a esses níveis muito se assemelham em alguns níveis limítrofes, não sendo, portanto, níveis distintivos da saliência fônica. Esse fato que influenciou o modo pelo qual procedemos na divisão desse grupo de fatores.⁹ Cabe salientar que a proposta foi testada em uma subamostra do Banco de Dados

⁸ Destaca-se que este trabalho de Santos, sobre os usos alternantes subjuntivo/indicativo, é um dos poucos realizados com o dialeto da região de São José do Rio Preto, utilizando dados parciais do banco de dados IBORUNA.

⁹ Em Monguilhott & Coelho (2002), observamos que os percentuais e pesos relativos apresentados, com exceção de um subgrupo apenas, apresentaram distinção relevante apenas quando considerados os dois grandes grupos de saliência fônica, *oposição acentuada* e *oposição não-acentuada* entre a forma verbal singular e a plural. Considerando o subgrupo que apresentou comportamento distinto dos demais e a divisão apresentada por Santos (2005), optamos pela divisão em três grupos de saliência.

Iboruna e os resultados obtidos foram semelhantes aos resultados de trabalhos com divisão em seis níveis de saliência.

Como já afirmado, relativamente à atuação dessa variável, Monguilhott & Coelho (2002) mostram que pares do tipo *é/são*, altamente perceptíveis na alternância singular/plural, são responsáveis por uma maior marcação de plural nos verbos.

Além dos já citados, inúmeros estudos sobre a CV investigaram o fator *saliência fônica* e verificaram que diferenciações maiores entre as formas verbais singulares e plurais de verbos tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes. Os resultados desses trabalhos assemelham-se aos resultados apresentados por Naro & Scherre (2006), que consideraram apenas a divisão em dois grandes grupos de oposição singular/plural, o que demonstra que a oposição mais saliente exibe maiores índices de pluralização verbal, e que casos de verbos com oposição menos saliente entre singular e plural exibem menores índices de pluralização. Essa tendência correlaciona-se estreitamente com o fato de que as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis aos ouvintes e ao próprio interlocutor, sofrem maior estigma por parte da sociedade. Alguns grupos sociais, como as mulheres e os falantes mais escolarizados, em geral, evitam a não concordância verbal em situações de maior saliência fônica.¹⁰ Nesses casos, a não concordância é que sofre estigmatização e não a própria oposição entre singular e plural.

Quanto às propriedades do SN-sujeito, o *traço semântico* é um outro fator que tem se mostrado estatisticamente relevante para aplicação de CV. O traço [+humano] (5a) favoreceria a presença de marcas de plural nos verbos, enquanto o traço [-humano] (5b) a desfavoreceria. Na correlação com outros fatores, o *traço humano* concorre com o grupo de fatores *tipo de verbo*, como já aludimos anteriormente, já que a expectativa é a de que verbos

¹⁰ Rodrigues (1987) demonstra que as mulheres e os falantes mais escolarizados são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis lingüísticas, o que faz com que sejam mais conservadores quando as mudanças lingüísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, ainda que não obedeça à forma padrão da comunidade, as mulheres e os falantes mais escolarizados tendem a ser mais inovadores.

transitivos sempre selecionem, como argumento externo, sujeitos agentivos [+ *humanos*] e verbos inacusativos selecionem argumentos [+/- *humanos*] (cf. MIOTO, 1986, *apud* MONGUILHOTT & COELHO, 2002). Em Naro & Scherre (1999), observamos que, em contextos de sujeito composto, pode haver a ocorrência de um núcleo humano e outro núcleo não humano. Nesses casos o traço é considerado misto (5c).

- (5) a. aí *os aluno* **vê**... porque tem aluno que vai lá ver [AC-015, l. 868]
 b. daí num pode gritar muito alto só pá quem *as vaca* **conhece** assim [AC-004, l. 311]
 c. *os cachorros e o menino* **estavam** correndo no terreiro [AC-031, l. 32]

O grupo de fatores *tipo estrutural do sujeito* pode exercer influência na CV, visto que alguns tipos de sujeito, devido a suas características, apresentam-se de modo mais recorrente que outros tipos, tendendo a influenciar, de modo geral, a marcação ou não de plural nos verbos. É de extrema importância a análise desse fator, para detectar principalmente se os sujeitos pronominais são mais propensos ou não a atuarem na manifestação da CV, pois, segundo Galves (1993) e Duarte (1993), há uma tendência maior, no PB, para o preenchimento do sujeito pronominalmente, a fim de se evitar a CV, ou seja, ao abrir mão do sujeito nulo, o falante, inconscientemente, evita a ambigüidade, dispensando assim a aplicação da regra de concordância. Para esse grupo de fatores, é pertinente a investigação dos seguintes contextos: (i) *SN pleno simples* (6a); (ii) *SN pleno nu*, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos (6b); (iii) *SN pleno composto* (6c) ; *pronome pessoal* (6d); (iv) *pronome indefinido* (6e); (v) *pronome demonstrativo* (6f); (vi) *quantificador* (6g); e, (vii) *pronome relativo* (6h).¹¹

¹¹ Sob o rótulo de *SN pleno simples* abarcamos os *SNs* que, semanticamente, possuem apenas um referente nuclear. Fica-nos claro, porém, que diferentes estruturas, podem ser consideradas dentro desta classe, como no

- (6) a. *as pessoas da cidade* me **contaram** [AC-029, l. 38]
 b. *homens traem...mulheres são* traídas [AC-036, l. 321]
 c. *o meu pai e ele falou* assim [AC-121, l. 222]
 d. *eles faz* o que *eles quer* [AC-022, l. 334]
 e. *algumas ficaram* lá... outras saíram [AC-102, l. 112]
 f. *Essas são* as pessoas que realmente... [AC-022, l. 12]
 g. *todos querem* que ele fique [AC-006, l. 67]
 h. tem várias plantas *que servem* de remédio [AC-122, L. 455]

Para sujeitos do tipo composto, é interessante destacar que os núcleos compostos podem vir ambos no plural, ambos no singular ou se apresentarem um no plural e outro no singular, conforme faz referência o trabalho de Naro & Scherre (2000a). Considerando que a presença de uma marca de plural dentro do sintagma nominal composto, sujeito do verbo, favorece a CV, se esta marca de plural advir no núcleo mais próximo do verbo, a chance de ocorrer a pluralização do verbo aumenta.

Ainda com relação às propriedades do sujeito que, possivelmente, estejam correlacionadas com a manifestação da CV, Naro & Lemle (1977) citam a *referencialidade*, ou seja, os traços de definição e identificação dos referentes codificados pelo SN-sujeito. Assim, a expectativa é a de que sujeitos com os traços [+referencial, + específico], cujo núcleo nominal é modificado por um determinante de caráter definido (7a), por exemplo, correlacionem-se mais fortemente com a aplicação da regra do que sujeitos com traços [+referencial, -específico], cujo núcleo é modificado por um pronome ou quantificador indefinido (7b).

exemplo (6a), em que o SN é acompanhado de um *SPrep*. A diferenciação entre estas estruturas será verificada em outro grupo de fatores (*paralelismo formal de nível oracional*), como veremos a seguir.

- (7) a. *os meus colega são* muito legal todos da minha classe são legais
[AC-004, l. 363]
- b. ela era a fim de beiJAR *uns menino* que **faz** academia junto com a GENte
[AC-010, l. 98]

Relativamente às relações morfossintáticas envolvendo o SN-sujeito e o verbo, a variável *paralelismo formal* constitui importante critério para a investigação da CV. Essa variável prevê que o tipo de marca existente no sujeito pode influenciar o tipo de marca existente no verbo, ou seja, as marcas de plural no sujeito podem levar à presença de marcas de plural no verbo (8a), da mesma forma que a ausência de marcas de plural no sujeito levaria a ausência de marcas no verbo (8b). Traduz essa assertiva do paralelismo formal a crença de que marca leva a marca e zero leva a zero.

- (8) a. *os DOIS lados* **deveriam** parar porque só um lado querer para num adianta né?
[AC-066, l. 455]
- b. *uns elemento* **tentou** cercar ele... prá tirar uma certa satisfação pessoal
[AC-103, l. 140]

Scherre & Naro (1993) verificaram que o paralelismo formal pode ser considerado sob duas dimensões diferentes. A primeira, chamada *paralelismo oracional*, busca evidenciar se há correlação entre o tipo de marca existente no sujeito, controlador da concordância, e o tipo de marca existente no verbo. Foram controlados também os casos com sujeitos complexos que apresentam a possibilidade da marca de plural nos elementos de um SPrep interno a um SN. Considerou-se apenas a última marca da construção. Os resultados apresentados pelos autores confirmam que a presença de *-s* no último elemento do SN-sujeito é um fator significativo para a marcação de plural nos verbos, ainda que esse elemento não seja o núcleo do sujeito. Para os sujeitos com último elemento do tipo numeral, a concordância mantém-se numa faixa intermediária, enquanto os sujeitos com a última marca neutralizada demonstram

ter comportamento semelhante aos casos em que a marca de plural no último elemento é explícita.

A segunda dimensão do paralelismo formal, chamada *paralelismo discursivo*, busca evidenciar se, em uma construção seriada, a presença de pluralização no(s) verbo(s) anterior(es) pode levar a um maior índice de pluralização do verbo dentro da oração analisada. Os resultados apresentados por Scherre & Naro (1993) confirmam que a presença de marcas em um verbo influencia a marcação de plural no verbo subsequente, e a não marcação de plural em um verbo influencia negativamente a pluralização do verbo seguinte.

Considerando as duas dimensões apresentadas para o paralelismo formal, implementam esse grupo os seguintes fatores:

1) no nível oracional (marcas no sujeito): (i) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep (9a); (ii) presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep (9b); (iii) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep (9c); (iv) presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep (9d); (v) presença de numeral no último elemento (9e); (vi) presença de neutralização no último elemento (9f), em razão de fonema semelhante inicial no verbo;

- (9) a. *os meninos* não **sabiam** o que tava pra acontecer... [AC-002, l. 23]
 b. *os pai* num **corrige** quando é criança.... [AC-045, l. 281]
 c. os quarto *dos meninos* também é a mesma coisa... né [AC-090, l. 247]
 d. aqueles companheiro *de trabalho* que **tá** sempre em olho de você [AC-103, l. 121]
 e. *os dois...* não **foram** batizado... aí o meu cunhado ele passou a espírita [AC-100, l. 491]
 f. tem algumas que são chata mas *algumas* **são** legais... [AC-004, l. 238]

2) no nível discursivo: (i) verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita no discurso do falante ou do interlocutor (10a); (ii) verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do falante ou do interlocutor (10b); (iii) verbo isolado ou primeiro de uma série (10c).

- (10) a. *eles conseguiram* fazer crescer um pouco mais e:: mesmo assim **ficaram** com bastante fazen::da
[AC-045, l. 175]
- b. lá *eles entra* na religião deles ... **começa** a falar bonito falar ... gritado ... sapatear **vira** bispo
[AC-147, l. 225]
- c. Inf: *eles sabiam* que... havia uma competição porque aquilo lá valia.
[AC-146, l. 248]

Scherre & Naro (1993), mostram que, quando o último elemento do SN apresenta marca explícita de plural, o verbo também tende a ser pluralizado. Do mesmo modo, a presença de zero no último elemento favorece o não-aparecimento de plural no verbo.

Gameiro (2005, p. 148) afirma que o princípio do paralelismo formal atua mesmo em casos de sujeito posposto, como no exemplo por ela citado e reproduzido abaixo, com a numeração original:

(84) mudam os pacientes (FON, 52)

Acreditamos, diferentemente do que afirma a autora, que o paralelismo formal somente irá atuar em situações de anteposição do sujeito em relação ao verbo, ainda que possa haver um distanciamento maior ou menor deste em relação àquele. No exemplo apresentado acima, a pluralização do verbo poderia ter se dado por outros fatores, dentre eles, os de ordem social, mas não “devido ao paralelismo”. A influência da forma de plural “s”, ou mesmo do “s” não representativo de plural no sujeito deve ser considerada como a causa que influencia a pluralização dos verbos. Poderíamos afirmar ainda que o verbo pluralizado ocasionou, ou

influenciou, a aplicação da forma “s” nos elementos seguintes, contudo, não seria possível afirmar que o verbo foi pluralizado anteriormente, porque o artigo e o substantivo seriam pluralizados. Casos como esses não se explicariam pelo princípio do paralelismo, mas revelam que se trata de um falante extremamente consciente das normas de prestígio; dessa forma, o que ocasiona a aplicação do plural é o reconhecimento do sujeito plural posposto ao verbo, uma operação mais consciente da parte do falante.

Também a variável *posição do sujeito (S) em relação ao verbo (V)* é mencionada como importante fator que se correlaciona à variação da CV (SCHERRE, 2005). Pontes (1989) foi quem primeiramente mostrou que, quando o SN ocupa posição à direita do verbo (V SN), a tendência é que não ocorra nenhuma marca de pluralização no verbo, uma vez que o SN fora de sua posição prototípica de sujeito é mais provável de ser identificado como objeto do que como sujeito da sentença, atuação que guarda relação estreita tanto com a variável *transitividade* (não considerada neste trabalho, por razões previamente explicitadas) quanto com a variável *traços semânticos do SN*. Em Naro & Scherre (1999) observamos as seguintes variantes para a implementação dessa variável: (i) *sujeito em posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* (11a); (ii) *sujeito em posição pré-verbal com núcleo distante de 3 até 10 sílabas do verbo* (11b); (iii) *sujeito em posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo* (11c); (iv) *sujeito em posição pós-verbal* (11d).

- (11) a. *os pais* **ficam** assim... acho que aloPRAdos vamos dizer né? [AC-056, l. 318]
- b. *éh* esses *teatros* antigos de época... **aparece** em televisão [AC-045, l. 203]
- c. que os *casais*... *éh*... assim... a:: partir do momento que **assume**... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil [AC-102, l. 360]
- d. no começo não freqüentava muito o comércio **era** mais o meu *irmão* e minha *irmã* né [AC-067, l. 75]

Vale esclarecer que os contextos variáveis acima citados são apenas exemplificativos das correlações estruturais que podem ser consideradas na aplicação da CV.

2.2.2 Dentre os **fatores externos** ao sistema lingüístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala. Fatores sociais inerentes aos falantes são, por exemplo, faixa etária, escolarização, sexo/gênero, nível sócio-econômico etc, os quais influenciam conjuntamente a sua produção lingüística. Ligado ao evento de fala, o contexto é também uma variável externa capaz de influenciar a produção lingüística do falante, já que cada indivíduo possui um repertório lingüístico que varia dependendo de onde se encontra e da pessoa com quem fala. Situações mais informais de interação sugerem uma menor preocupação com a aplicação de concordância (MOLLICA, 2003).

Os fatores extralingüísticos podem ser diatópicos (dimensão geográfica) ou diastráticos (dimensão social). A variação diatópica relaciona-se às diferenças lingüísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e também à organização sócio-cultural da comunidade de fala. Dentre os fatores sociais, Naro (2003) julga relevante para qualquer estudo variacionista a investigação de fatores como *idade, sexo, nível sócio-econômico e formação escolar*.

O fator *idade* permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento lingüístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação lingüística nos anos que separam os dois grupos.

A combinação desse fator e dos demais fatores sociais está relacionada também com a noção de prestígio, ou seja, falantes de certas classes sociais, de certas faixas de escolaridade, e, ainda, de sexos/gêneros diferentes tendem a apresentar comportamento diferente com relação à variação e à mudança lingüísticas.

Para esse conjunto de variáveis sociais, as hipóteses subjacentes à investigação de qualquer fenômeno variável são as seguintes: (i) falantes de faixa etária mais elevada tendem ao uso da variável padrão, porque são mais resistentes à mudança do que falantes de faixa etária mais jovem, o que pode evidenciar uma mudança lingüística em progresso ou uma variação dependente de gradação etária (LABOV, 1994); (ii) falantes do sexo feminino tendem ao uso da variável padrão, porque reconhecem nela um fator de prestígio e de ascensão social, enquanto falantes do sexo masculino tendem ao uso de uma forma que o leve mais a se identificar com o grupo social de que faz parte do que com o prestígio que o uso de tal forma possa lhe conferir socialmente; (iii) falantes de nível sócio-econômico mais elevado tendem ao uso da forma considerada padrão, por conta do prestígio social conferido a tal forma; (iv) falantes de nível de escolaridade mais elevado também tendem ao uso da variedade padrão, porque mais contato tiveram com os padrões normativos da língua.

Há de se advertir, entretanto, que nesse quadro geral existem variáveis sociais que se co-determinam e se cruzam na implementação da regra variável. Por exemplo, pode haver uma forte correlação entre as variáveis *nível sócio-econômico* e *nível de escolaridade*, pois espera-se que, quanto mais alto o nível sócio-econômico maior será o nível de escolaridade e, portanto, uma propensão maior na aplicação dos padrões normativos da língua.

Desde o estudo precursor de Fisher (1958), que estudou a influência de fatores sociais na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, sabe-se

que a escolha das variantes lingüísticas é influenciada pelo *sexo*.¹² Fisher comprovou que falantes do sexo feminino usam mais a forma de prestígio *-ing* que os falantes do sexo masculino, que optam com maior freqüência pela forma *-in*. Da mesma forma, em Labov (1966), constata-se que as mulheres empregam mais a forma padrão nova-iorquina do /r/-pós-vocálico do que os homens.

Em Wolfram (1969), Trudgill (1974), Laberge (1977), Sankoff & Thibault (1977), Guy (1981), constata-se que representantes do sexo feminino têm maior tendência para acompanhar as formas lingüísticas consideradas padrão em uma comunidade, ou seja, as mulheres se mostram mais preocupadas com a norma imposta pela comunidade da qual faz parte.

Labov (1990: 210, 213, 215) sumariza os resultados sobre a influência do fator social *sexo/gênero* por meio dos seguintes princípios:

Princípio I: Ao se estabelecer uma estratificação sociolingüística, homens fazem uso, com maior freqüência, de formas lingüísticas não-padrão do que as mulheres.

Princípio Ia: Em fenômenos variáveis, as mulheres são mais receptivas às formas tidas como padrão na comunidade do que os homens.

Princípio II: Nas mudanças lingüísticas que privilegiam formas prestigiadas na comunidade, as mulheres são mais inovadoras.

Para Chambers (2001, p.427), pode-se questionar a generalização elaborada por Labov, a respeito da comunidade de fala, pois o comportamento de uma comunidade depende da estratificação de suas classes sociais. Nas classes de trabalhadores, por exemplo, o uso das formas lingüísticas não-padrão, por representantes do sexo masculino, está associado à

¹² Segundo Cheshire (2001), o termo *sexo* é normalmente usado para referir-se à distinção fisiológica entre homens e mulheres; já o termo *gênero* refere-se, normalmente, às diferenças sociais e culturais geradas pela diferença entre o *sexo*, ou seja, as restrições ou papéis sociais, oportunidades e expectativas de comportamento dos indivíduos. Acrescenta a autora que o termo *gênero* é, portanto, mais apropriado para o tratamento de fenômenos sociais. Em citações extraídas de outros autores, serão mantidas as designações originais, contudo, em nosso texto, será usado o termo *gênero*.

orientação das normas dessa comunidade, que associa esse comportamento lingüístico à masculinidade.

Romaine (*apud* CHAMBERS, 2001, p.353) afirma que as mulheres possuem mais consciência da pressão exercida pelas normas locais e também acerca do status inserido na estrutura social.

Os estudos de Callou (1979) comprovam que as mulheres podem ser mais inovadoras que os representantes do sexo masculino em fenômenos de mudança para uma forma que não seja desprestigiada na comunidade lingüística.

Rodrigues (1987), de acordo com os princípios preconizados por Labov (1990), afirma que as mulheres são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis lingüísticas, o que faz com que sejam mais conservadoras quando as mudanças lingüísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, ainda que não obedeça à forma padrão da comunidade, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

Os resultados apresentados pela autora sobre a influência do fator *sexo/gênero* na aplicação da CV para a comunidade pesquisada, contudo, demonstram que os homens aplicam mais a CV para a 1PP do plural do que as mulheres, fato atribuído, segundo Rodrigues, à falta de acesso das mulheres, principalmente, ao mercado de trabalho. Para a 3PP os resultados apresentados demonstraram que o fator sexo resultou inoperante, já que os números para ambos os sexos foram praticamente homogêneos. Ao elaborar uma comparação entre a concordância de 1PP e 3PP, a autora constatou que os índices de não-aplicação de CV para a 3PP superaram em muito os índices de não-aplicação para a 1PP, pois a noção de “erro” é mais saliente, sob o ponto de vista social, principalmente nos grandes centros urbanos. Essas formas são associadas a falantes do interior ou da zona rural. A noção de

“erro” associada a formas em 3PP sem a variante explícita de plural não tem o mesmo peso social das formas em 1PP.

Uma explicação plausível, segundo Chambers (2001, p.354), para a divergência entre os resultados apresentados, seria a divisão sócio-cultural do trabalho entre homens e mulheres. Em comunidades em que a mulher possui maior mobilidade social e se insere no mercado de trabalho, a discrepância entre a fala masculina e feminina é maior do que em comunidades onde a mulher não goza das mesmas condições de participação social que os homens. Nessas condições, o comportamento lingüístico tende a possuir características mais semelhantes.

Sobre essas determinações, os resultados de Scherre (1996) para a regra de concordância nominal no dialeto carioca mostram que, sob a atuação da variável *gênero/sexo*, os anos de escolarização colaboram para que as mulheres apliquem mais a concordância, ao passo que, para os homens, interferem na aplicação das marcas de plural, tanto a escolarização quanto o mercado ocupacional. O fator idade, nesse mesmo estudo de Scherre, é de pouca influência, tanto para informantes do sexo feminino quanto para os de sexo masculino, “indicando haver aumento da concordância na faixa etária de 15 a 25 anos para os homens, e na de 26 a 49 anos para as mulheres” (p. 263).

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o presente estudo, seguimos os preceitos metodológicos da sociolinguística variacionista propostos por Labov (1972), uma vez que os informantes que compõem o nosso corpus de pesquisa pertencem a um grupo social em cuja fala a concordância do verbo com o sujeito aponta para um fenômeno variável, como já identificamos em trabalho preliminar (RUBIO, 2006, 2007).

Este capítulo está assim estruturado: na primeira seção (3.1.), expomos um breve histórico da comunidade de fala pesquisada; na segunda (3.2.), apresentamos os procedimentos de constituição do Banco de Dados Iboruna, base de onde provém nosso corpus; na terceira seção (3.3.), é descrita composição da subamostra utilizada como corpus nesta pesquisa; na quarta seção (3.4.), definimos os contextos variáveis (envelope variacional); na quinta e última seção (3.5.), descrevemos os procedimentos de quantificação e análise dos dados.

3.1 Breve histórico e panorama atual da comunidade de fala

3.1.1 A região de São José do Rio Preto

A cidade de São José do Rio Preto foi fundada em 1852, por famílias, em sua maioria, oriundas do Sul de Minas Gerais. A aglomeração urbana se deu, principalmente, pela doação de terras dessa região à Igreja Católica. Nesse mesmo período, a região era habitada por índios guarani, o que propiciou uma grande mistura de raças.

Em 19 de julho de 1894, São José do Rio Preto é desmembrada de Jaboticabal, transformando-se em Município, pela Lei nº 294. Era um imenso território, limitando-se nos rios Paraná, Grande, Tietê e Turvo, com mais de 26 mil km² de superfície.

Em 1904 é criada a comarca de Rio Preto e, a partir de 1906, a cidade tem seu nome reduzido para Rio Preto. Somente em 1945 retoma o nome original de São José do Rio Preto. Com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), em 1912, a cidade assume o seu destino de pólo comercial de concentração de mercadorias produzidas no então conhecido "Sertão de Avanhandava" e de irradiação de materiais vindos da capital.

A origem do nome do município vem da junção do nome do padroeiro da cidade, São José, e do nome do rio que corta o município, o Rio Preto.

Outros municípios de menor porte, como Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde, foram se formando posteriormente ao redor da cidade de São José do Rio Preto.

Atualmente, a cidade de São José do Rio Preto possui cerca de 406 mil habitantes¹³, que somados aos habitantes das cidades que compõem a região administrativa de São José do Rio Preto perfazem cerca de mais de 1 milhão de habitantes. A região administrativa de São José do Rio Preto localiza-se ao noroeste do Estado de São Paulo, fazendo divisa ao seu norte com os estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Essa localização pode ser observada nos mapas 1, 2 e 3, apresentados em seqüência.

¹³ IBGE-2005



Figura 1: Mapa de localização da região administrativa de São José do Rio Preto no Estado de São Paulo

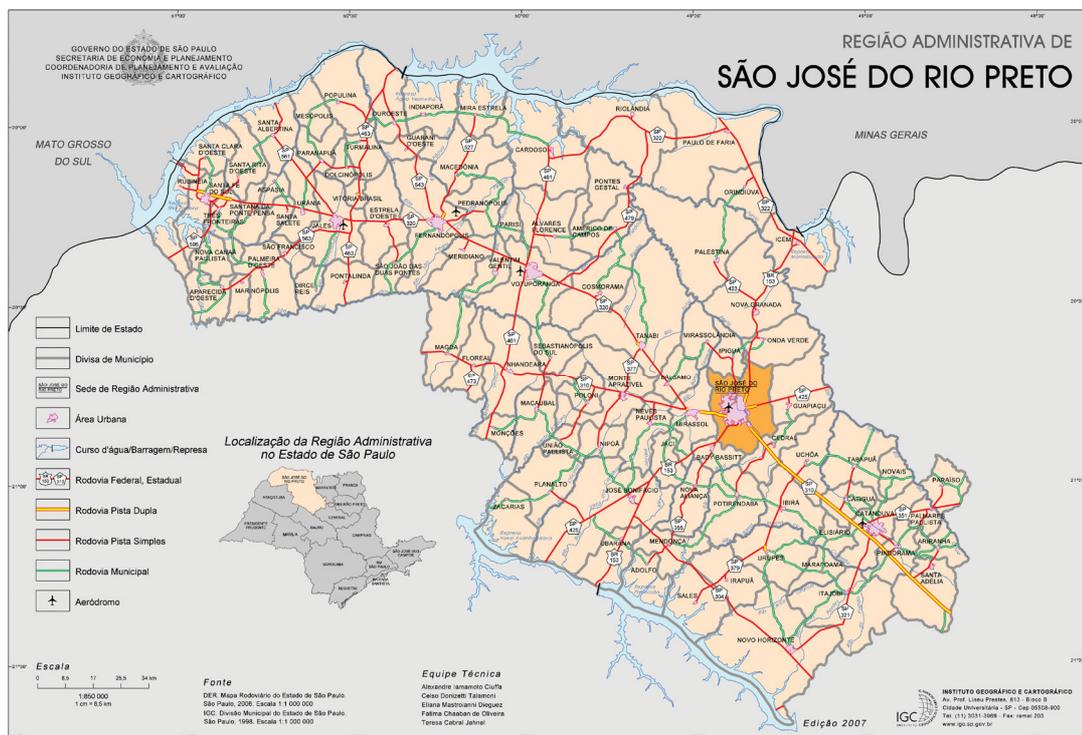


Figura 2: Mapa da região administrativa de São José do Rio Preto

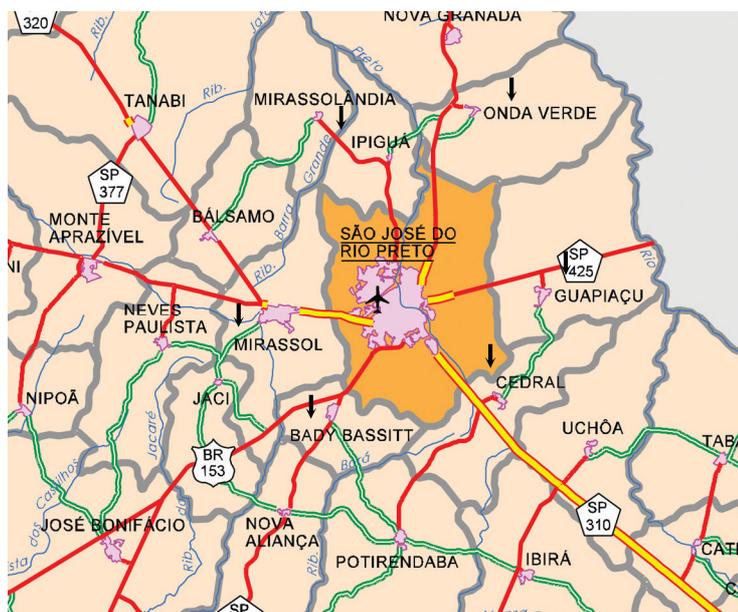


Figura 3: Mapa da vista aproximada da cidade de São José do Rio Preto e dos municípios circunvizinhos (em destaque com “↓”)

A cidade São José do Rio Preto dista 451 Km da cidade de São Paulo e 710 Km da cidade de Brasília e possui uma economia diversificada que se destaca no setor de jóias, produtos médico-hospitalares, madeira e mobiliário, confecções, metalurgia, alimentos e bebidas, produtos relacionados à tecnologia da informação e agronegócios.

A população é predominantemente urbana, com apenas 5% da população habitando a zona rural. O índice de alfabetização é de 95%¹⁴, números considerados para a população residente no município com 10 anos de idade ou mais.

¹⁴ Alguns índices, como, por exemplo, o índice de alfabetização e o índice de população residente na zona rural, são extremamente relevantes para a análise de fatores sociais que podem influenciar a variação lingüística.

3.2 Da constituição do Banco de Dados Iboruna¹⁵

Antes de descrever os passos que guiaram a execução de nossa pesquisa, como integrante da equipe técnica responsável pela coleta das entrevistas que compõem o Banco de Dados Iboruna, cabe-nos mencionar aqui alguns procedimentos metodológicos seguidos na sua composição (cf. GONÇALVES, 2005).

O Banco de Dados Iboruna foi composto pelo Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista), no período de março/2004 até setembro de 2007. Trata-se de iniciativa inédita, por constituir o primeiro banco de dados de amostras de fala do interior do Estado de São Paulo, com rigorosa coleta de dados e controle de fatores sociais, abrangendo sete municípios da região noroeste, quais sejam: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

Os informantes, de perfis sociais pré-definidos pelo entrecruzamento das características sociais *sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda familiar*, contribuíram com cinco tipos de textos orais diferentes: *narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião*. Além de residir nas cidades abrangidas pelo projeto, era necessário que o informante nela residisse, desde pelo menos os seus cinco anos de idade, ou, ainda, que houvesse nascido na cidade.

Do cruzamento dos quatro grupos de fatores sociais constituíram-se os perfis da **Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC)**, composta de 160 células, que definiram os informantes contatados. Excluídas oito células impossíveis de serem preenchidas (*faixa etária de 7 a 15 anos vs. escolaridade Ensino Superior*), obtivemos o total de 152 informantes, de acordo com a distribuição apresentada no quadro 2 a seguir.

¹⁵ O nome Iboruna (=Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir à cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração de seu cinquentenário. A contundente intervenção do episcopado riopretano não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944.

RENDA / GÊNERO FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB- TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1o.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o. C EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINOM	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o. C EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINOM	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o. C EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINOM	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o. C EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINOM	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 ANOS	1o.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o. C EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINOM	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB- TOTAL DE INF.	1o.C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2o. C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	ENSINOM	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUPERIOR	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES		19	19	19	19	19	19	19	19	152	
		38		38		38		38			
		76				76					

*O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante, resultante do cruzamento das variantes sociais.

Quadro 2: Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais.

Se incluída como variável a *origem geográfica do informante*, definida pelas sete cidades do censo lingüístico, e, se atendida a recomendação de 5 informantes por célula, a amostragem final seria de 5320 informantes, o que tornaria o projeto inexecutável. Deste modo, a definição da AC pautou-se pelos seguintes critérios: (i) preenchimento de apenas um informante por célula; (ii) aplicação do método aleatório simples (SILVA, 2003), para a distribuição proporcional dos 152 informantes ao número de habitantes das áreas geográficas consideradas, conforme quadro 3.

Cidades da Região de São José do Rio Preto	Distância de SJRP	População
1. Bady Bassitt	12 km, ao sul	11.475
2. Cedral	14 km, ao sul	6.690
3. Guapiaçu	16 km, ao leste	14.049
4. Ipiruá	18 km, ao norte	3.461
5. Mirassol	14 km, a oeste	48.233
6. Onda Verde	25 km, ao norte	5.407
7. São José do Rio Preto	-	357.705
Total da população representada	447.020	

Fonte: IBGE (Censo 2000)

Quadro 3: Distribuição da população da região de São José do Rio Preto.

O método aleatório simples de distribuição dos perfis sociais no espaço geográfico em que se realiza o censo lingüístico consistiu dos seguintes passos: (i) distribui-se o total de informantes proporcionalmente ao número de habitantes de cada área; (ii) de uma urna₁, com a identificação dos perfis sociais, e, de uma urna₂, com a identificação das cidades, escolhem-se simultaneamente um perfil social e uma cidade, definindo-se a origem geográfica do informante; (iii) repõe-se na urna₂ a cidade escolhida até que o total de seus informantes esteja definido, de modo a garantir que todos os perfis sociais tenham igual possibilidade de pertencer a qualquer uma das cidades; (iv) repetem-se os procedimentos até que todos os perfis sociais estejam distribuídos.

Como já mencionado, as cidades selecionadas possuem número de habitantes diferentes umas das outras, o que faz com que a quantidade de informantes requerida seja proporcional a esse número. Assim, nas figuras a seguir temos, respectivamente, a distribuição da população da Região de São José do Rio Preto, em percentuais, e o número de informantes da amostra censo por cidade da região.

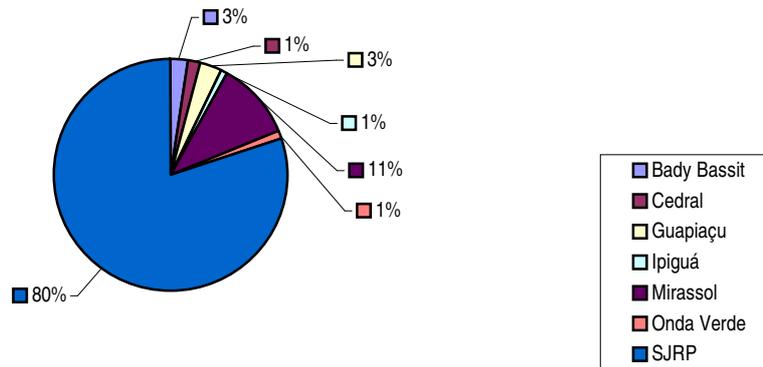


Figura 4: Distribuição da População da Região de SJRP

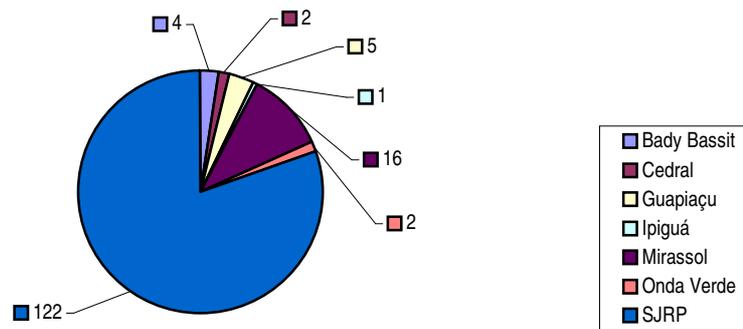


Figura 5: Número de informantes da Amostra Censo por cidade.

Ressaltamos que os números apresentados aqui se referem ao Censo do ano de 2000. Esses números serviram de base para a constituição do Banco de Dados Iboruna, iniciado em 2003. Os números atuais, referentes ao Censo do ano de 2005, podem destoar dos aqui apresentados.

A manutenção do número de 152 informantes não compromete a representatividade da amostra, como já bem demonstraram outros projetos e o próprio Labov (1972), ao considerar que a variação é bastante padronizada e, mesmo não havendo um imenso número de falantes para sua comprovação, a regularidade lingüística emerge, o que autoriza generalizações acerca da língua usada na comunidade como um todo. Entretanto, como adverte Paiva (1999,

p. 7), essas implicações, “embora não possam ser ignoradas, não chegam a comprometer o estudo sociolinguístico” desde que se atente para duas questões importantes: a necessidade de usar técnicas estatisticamente válidas de amostragem e o conhecimento prévio das dimensões relevantes da estratificação, de forma a poder planejar corretamente a amostragem.¹⁶

3.3 Composição da subamostra

Para uma análise da CV na Região de São José do Rio Preto optamos por selecionar uma subamostra de 76 entrevistas do Banco de Dados Iboruna. Os informantes foram selecionados mediante a análise de seus respectivos perfis sociais, a fim de que fosse selecionado o maior número de perfis sociais possíveis, garantindo a homogeneidade da amostra. Sendo assim, foram selecionados 38 homens e 38 mulheres, estratificados por faixa etária e escolaridade. Devido ao insucesso na busca de seis perfis sociais dos 152, quando essa subamostra de AC estava sendo composta¹⁷, optamos, na constituição dessa subamostra, pela desconsideração do fator social *renda familiar*, mencionado anteriormente no quadro 2, a partir do qual, apresentamos, no quadro 4, os perfis sociais que compõem essa nossa subamostra (em destaque).

¹⁶ Uma pequena crítica a ser feita a ser feita a composição do Banco de Dados Iboruna é a de que não foram considerados os percentuais de distribuição da população em estratos sociais, ou seja, ainda que a porcentagem de indivíduos de média escolarização (2º ciclo do EF e Ensino Médio) seja extremamente superior ao percentual de indivíduos com nível superior, foi entrevistado o mesmo número de informantes de todos os níveis de escolaridade, o que ocorreu também para os demais contextos sociais. A desconsideração dessas peculiaridades resultou na dificuldade de localização de alguns perfis sociais, como, por exemplo, informantes de faixas etárias intermediárias (26 a 35 anos e 36 a 55 anos) com baixo nível de escolaridade (1º ciclo do EF). Outra consideração a ser feita é a desconsideração do grau de escolaridade nulo, que contempla os analfabetos. Aproximadamente 5% da população da região é analfabeta.

¹⁷ Até a fase de finalização do banco de dados, somente um perfil não foi localizado, o referente à amostra AC-060.

RENDA / GÊNERO		+ DE 25 SM		DE 11 A 24 SM		DE 6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1o.CEF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o. CEF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINO M	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.CEF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o. CEF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINO M	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.CEF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o. CEF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINO M	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.CEF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o. CEF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINO M	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 ANOS	1o.CEF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o. CEF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINO M	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB-TOTAL DE INF.	1o.CEF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2o. CEF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	ENSINO M	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUPERIOR	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES		19	19	19	19	19	19	19	19		76
		38		38		38		38			
		76				76					

Quadro 4: Distribuição e identificação dos informantes da subamostra de AC.

3.3.1 Da seleção das ocorrências

A partir da análise dessas 76 entrevistas, a pesquisa foi feita procedendo-se, inicialmente, ao levantamento de todas as ocorrências pertinentes ao estudo da CV de 3PP, em que a CV é aplicada, como mostrado em (12) e (13), ou não, como em (14) e (15).

(12) éh não houve assim nada de grave a não ser *algumas pessoas* que **ficaram** internadas até por alguns dias...

[AC-113, 1.88]

(13) até no Maria *os aluno* **fumaram** e cheiraram no banheiro... né?

[AC-015, 1. 860]

- (14) aí ela disse que **entrou** mais *dois meninos...* de manhã...
AC-006, l.416
- (15) ela tinha que casar com ele porque eles **ia** unir a fazenda deles lá o sítio
[AC-144, l. 10]

Por uma questão de recorte metodológico, casos de hipercorreção, também caracterizados como desvios da regra de CV (SCHERRE, 2005), não constituíram objeto de investigação dessa pesquisa. Segue em (16) uma ocorrência desse tipo.

- (16) então era tudo feito ali... e *o pessoal da redondeza...* das outras fazendas... que **moravam... éh freqüentavam** ali
[AC-102, l. 11]

Foram excluídas também ocorrências de verbos como *ter, vir* e seus derivados, que, como mostrado em (17) e (18), flexionados no presente do indicativo, não apresentam, na modalidade falada, distinção entre a forma singular e a forma plural, ou seja, verbos cujas pronúncias são homófonas nesses contextos.

- (17) *as pessoa* **têm** que repartir o cabelo... todinho por mechas... colocar piranhinhas no cabelo...
[AC-072, l. 280]
- (18) *as duas* **contêm** maca::cos... peque::nos e gran::des né
[AC-011, l. 100]

3.4 Da definição dos contextos variáveis (“envelope variacional”)

Cada ocorrência selecionada foi então submetida aos critérios definidos nos grupos de fatores relacionados a seguir, os quais constituem os contextos variáveis definidos para esta pesquisa.

A variável dependente é binária e constitui-se das seguintes variantes: aplicação de CV para 3 PP, como em (19) e (20), e não-aplicação de CV, como em (21) e (22).

- (19) *alguns dos mais antigos* **contavam** por exemplo DO... PAdre...
[AC-146, 1.5]
- (20) *eles* **ficavam** imitando viado... bicha e tal
[AC-046, 1. 12]
- (21) *tem aquelas moça que* **trabalha** na loja... reclama que é muito apertado
[AC-069, 1.225]
- (22) *e os moleque* **começou** coisar e... ficaram meio com medo não que ela seja brava
[AC-067, 1. 160]

3.4.1 Fatores sociais

Considerando a importância atribuída anteriormente aos fatores sociais, buscamos manter a estratificação dos informantes, de acordo com a segmentação das variantes propostas para a composição do Banco de Dados Iboruna, conforme já mostrado no quadro 3 acima, e a seguir descritas.

a. idade

Foram selecionadas amostras de todas as faixas etárias abarcadas pelo banco de Dados Iboruna. Dessa forma, os informantes foram estratificados em cinco faixas etárias:

i. 7 a 15 anos: faixa etária com intervalo de 9 anos, que cobre o período da infância até pré-adolescência;

ii. 16 a 25 anos: faixa etária com intervalo de 10 anos, que cobre o período da adolescência até o início da fase adulta;

iii. 26 a 35 anos: faixa etária com intervalo de 10 anos, em que o indivíduo está totalmente integrado ao mercado de trabalho e, portanto, altamente susceptível às pressões sociais ;

iv. 36 a 55 anos: faixa etária com intervalo de 20 anos, em que, mesmo integrado ao mercado de trabalho, o indivíduo é menos susceptível às pressões sociais.

v. mais de 55 anos: faixa etária diversificada, no caso da subamostra selecionada, de 29 anos, visto o informante de maior idade pesquisado possuir 84 anos completos; nesta faixa etária, o indivíduo, se já não se encontra fora do mercado de trabalho, prepara-se para dele sair, estando, portanto, mais livre das pressões sociais que possam exercer qualquer influência sobre seu comportamento lingüístico.

b. gênero

Do total de 76 informantes selecionados para nossa pesquisa, 50% (38) são do gênero masculino, e os 50% (38) restantes são informantes do gênero feminino.

c. escolaridade

Os informantes foram classificados em quatro níveis diferenciados de escolaridade, seguindo-se o critério, da quantidade de anos de escolarização, estabelecido pelo Banco de Dados Iboruna:

i. 1º ciclo do Ensino Fundamental: informantes que possuem de 1 a 4 anos de escolarização;

ii. 2º ciclo do Ensino Fundamental: informantes com escolarização entre 5 e 8 anos;

iii. Ensino Médio: informantes que possuem entre 9 e 11 anos de escolarização;

iv. Ensino Superior: faixa escolar de informantes com 12 anos ou mais de escolarização. Cabe lembrar que, ainda que a faixa escolar seja denominada apenas como *ensino superior*, são inseridos nesta faixa também os informantes com pós-graduação.

3.4.2 Fatores lingüísticos

Considerando que os grupos de fatores lingüísticos foram previamente discutidos, segundo critérios adotados por outros trabalhos, não tornaremos a discuti-los detalhadamente nesta seção; porém, ao demonstrar a opção pela consideração de um grupo de fator, efetuaremos uma breve explanação do motivo da escolha deste grupo. Assim, passaremos a apresentar os grupos com seus respectivos fatores selecionados para a elaboração de nossa pesquisa, bem como as ocorrências exemplificativas de cada um deles.

a. paralelismo formal

Como já exposto, essa variável diz respeito a tendência de marcas levarem a marcas (POPLACK 1980, NARO 1981) ou formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas. Considerando como base para a implementação dessa variável o trabalho de Scherre & Naro (1993), as formas variantes tiveram a seguinte distribuição:

a.1. de nível oracional (marcas no sujeito):

- i. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep (23a);
- ii. presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep (23b);
- iii. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep (23c);
- iv. presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep (23d);
- v. presença de numeral no último elemento (23e);
- vi. presença de neutralização no último elemento (23f).

- (23) a. *os médicos chegaram e falaram* que ele teria que amputar a língua. [AC-001, 1.76]
 b. hoje em dia *homem e mulher tão traindo* igualmente não sei quem dos dois trai mais... [AC-056, 1.365]
 c. *é os meninos... das escolas públicas tavam* com essa... com esse problema [AC-113, 1.276]
 d. *aquelas travessinhas de vidro* assim **MARca** os/ os mls lá sei LÁ... [AC-010, 1.263]
 e. *Os três cantam* jun::tos... [AC-102, 1.88]
 f. embora alguns tenha... *éh::/ estejam gostando eles são* mais fanáticos... [AC-113, 1.233]

Ao optarmos pela consideração também do SN inserido em um SPrep, acreditamos que, ainda que o SPrep não ocupe a posição de núcleo do sujeito, a proximidade desse elemento em relação ao verbo pode influenciar a pluralização do verbo. Em contextos em que o SN inserido no SPrep possui seu último elemento no plural, pode haver influência positiva na aplicação da CV; por outro lado, em ocorrências em que o último elemento do SPrep encontra-se no singular, pode haver uma influência negativa na aplicação da CV. Vale lembrar que somente foram considerados os casos em que o núcleo do SN-sujeito encontrava-se no plural, ou seja, o contexto variável, para essas ocorrências, é somente a pluralização do último elemento do SN inserido no SPrep que acompanha o SN-sujeito. Casos em que o núcleo do SN-sujeito não apresenta pluralização não foram considerados em nosso estudo, por se tratar de casos de 3PS, não selecionados em nosso córpus.¹⁸

Consideramos casos de neutralização, os casos, como da ocorrência (23f), em que é impossível detectar se o “s” pronunciado entre o SN-sujeito e o verbo pertence a um ou outro elemento.

Para as ocorrências em que o elemento anterior ao verbo tratava-se do pronome relativo “que”, consideramos como último elemento do SN-sujeito o referente anterior ao

¹⁸ A exclusão desses casos (núcleo do sujeito no singular - 3PS) não compromete a consideração da influência do SPrep inserido na estrutura do sujeito, pois foram considerados os casos de sujeitos com núcleo no plural (3PP) tanto com SPrep no singular quanto com SPrep no plural.

pronome ao qual este se reporta, ainda que formalmente o sujeito da sentença seja o pronome relativo “que”. Assim, em casos como o da ocorrência (23g), o último elemento considerado é o vocábulo “meninos”.

23 g. teve até *uns meninos* que **chora::ram** sabe...

[AC-042, 1.73]

a.2. de nível discursivo (marcas do verbo):

i. verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita no discurso do falante ou do interlocutor (24a);

ii. verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do falante ou do interlocutor (24b);

iii. verbo isolado ou primeiro de uma série (24c).

(24) a. só que *eles* ficaram com o chinelo não **devolveram** o chinelo não...

[AC-015, p. 2, l. 68]

b. que *os casais*... éh... assim... a:: partir do momento que **assume**... ou que **casou** na igreja... ou que **casou**... no civil..

[AC-102, p.9, l.361]

c. depois que que termina as eleição num tem jeito de de *eles* **faz** o que *eles* **quer**...

[AC-135, p.4, l.160]

b. traço semântico do sujeito

Para essa variável, Naro & Scherre (1999) controlam os seguintes traços semânticos do sujeito: [humano], [não humano] e [misto], este último atribuído para sujeitos compostos de mais de um núcleo, nos quais possam figurar elementos humanos e não-humanos. Em nosso trabalho, contudo, optamos por considerar também o traço animacidade do sujeito, ainda que ele não tenha sido considerado relevante em outros trabalhos.

A insistência na consideração deste traço se deve a ele ter se mostrado relevante em estudos preliminares realizados com uma amostra de 10 informantes do Banco de Dados

Iboruna (RUBIO, 2006). Ante o exposto, os contextos variáveis para traço semântico do sujeito são as seguintes:

- i. [+humano] (25a);
- ii. [-humano, + animado] (25b);
- iii. [-animado] (25c);
- iv. [misto] (25d).

- (25) a. *as enfermeiras éh::... iam no quarto e falavam* [AC-102, p.1, l.21]
 b. *só pá quem as vaca conhece assim... que vai bastante... daí... to/ vai assim todo dia...* [AC-004, p.7 l. 311]
 c. *acho que já tava pra chegar as férias* [AC-006, p.3, l.101]
 d. *aí a irmã dele e os cachorro cheGOU::... daí:: ela pegou vazar eles vaZaram de lá* [AC-012, p.3, l.116]

c. posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo

Para esse grupo de fator, consideramos a classificação elaborada por Naro & Scherre (1999)¹⁹, efetuando uma pequena adaptação na classificação dos sujeitos pós-verbais, por considerarmos que pode ser importante considerar também, além da posição, nesses casos, o distanciamento, conforme se propõe para os sujeitos antepostos ao verbo. A hipótese é a de que a frequência de CV será maior quanto mais saliente ou óbvia for a relação entre sujeito/verbo e/ou quanto mais perto estiver o sujeito do verbo a que se refere.

Dessa forma, propusemos os seguintes fatores, levando em conta a posição do sujeito e distanciamento do sujeito em relação ao verbo:

- i. posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo (26a-b);
- ii. posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo (26c);
- iii. posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo (26d);

¹⁹ Cabe ressaltar que a divisão de Naro & Scherre (1999) foi proposta para amostras de fala do português arcaico.

- iv. posição pós-verbal com núcleo distante até 5 sílabas do verbo (26e);
- v. posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo (26f).

- (26) a. depois que termina as eleição num tem jeito de de... *eles* **faz** o que eles quer...
[AC-135, 1.160]
- b. dos alunos hoje *os alunos* não **respeitam** mais professor... né?
[AC-126, 1.197]
- c. ninguém PAga só vai preso *pessoas* que às vez **rouba** às vez até pá comer..
[AC-053, 1. 259]
- d. *os artista...* quando acompanhado dos segurança nem **olha** pros fã..
[AC-015, 1.287]
- e. meu pai ficou aqui em Rio Preto trabalhando então **foi** *eu minha irmã e o meu irmão*
[AC-056, 1.52]
- f. aí... **foram** sabe... numa segunda feira... bem de manhãzinha *minha avó e todo mundo*
[AC-022, 1.58]

As ocorrências com sujeitos do tipo *desinencial* não foram consideradas para esse grupo de fatores. Embora, nesses casos, o referente seja identificado facilmente em sentenças anteriores, optamos pela não consideração, visto que os sujeitos desse tipo (v. (27a)) têm comportamento diferente dos sujeitos distanciados em relação ao verbo em uma mesma sentença (v. (26d)). Para o primeiro caso, conforme atestam inúmeros trabalhos, a tendência é a marcação de plural nos verbos, enquanto para o segundo, a tendência é a ausência de CV. A consideração das ocorrências de sujeito desinencial dentro desse grupo de fatores poderia ocasionar um enviesamento da amostra. Esse tipo específico de sujeito (desinencial) foi tratado no grupo de fatores tipo morfológico de sujeito.

Importante ressaltar ainda que, para esse grupo de fatores, em ocorrências com o pronome relativo “que”, foi considerado o distanciamento do referente anterior em relação ao verbo, e não do pronome relativo “que” em relação ao verbo, como mostrado na ocorrência

(27b), a qual mostra os referentes *meu tio o primo* em posição anteposta ao verbo, distante de 3 a 10 sílabas deste.

(27) a. *eles* queriam assaltar outra CHÁcara e **confundiram** com a nossa

[AC-001, 1.16]

b. *o meu tio o primo* tudo que **foram** assaltado com a gente

[AC-001, 1. 56]

e. tipo de sujeito

Para a variável *tipo de sujeito*, recorreremos aos trabalhos de Naro & Scherre (1999), Naro & Scherre (2000a) e de Monguilhott & Coelho (2002), pois consideramos esses trabalhos complementares no tocante a essa variável. Assim, em nosso trabalho elegemos os seguintes fatores para tipo estrutural de sujeito:

- i. SN-pleno simples (28a-b);
- ii. SN-pleno nu (28c-d);
- iii. SN-pleno composto com núcleo adjacente ao verbo no singular (28e);
- iv. SN-pleno composto com núcleo no plural adjacente ao verbo (28f);
- v. pronome pessoal (28g-h);
- vi. pronome indefinido (28i);
- vii. pronome demonstrativo (28j-k);
- viii. quantificador (28l);
- ix. pronome relativo (28m);
- x. desinencial (28n).

(28) a. e se separam... aí **ficam** *os filhos*...éh:: uns ficam com as mães...

[AC-102, 1.333]

b. *esses bandidos* já tin/já **tava** ali faz tEM::po éh... rodeando aquela á::rea

[AC-001, 1. 42]

- c. traição tá assim *homens traem... mulheres são* traídas né? [AC-056, 1.362]
- d. e *curiosos chegava* via o carro-forte naquela situação roda... arrancada do carro-forte... [AC-103, 1. 83]
- e. *o meu pai e ele falou* assim... – “se você num ficar de cima delas elas vão furar a orelha da menina” [AC-102, 1.73]
- f. *os portugueses e espanhóis vinham* pro Brasil éh:: em busca de uma vida melhor [AC-134, 1 110]
- g. aí acho que *eles tinha querido eles queriam* assaltar outra CHÁcara [AC-001, 1.15]
- h. que *eles podem* até ter visto se *eles viram* a calcinha pode até ter visto... [AC-015, 1. 851]
- i. é uma fase da vida de qualquer pessoa que *muitos sabe aprender* muitos não sabem... muitos sabem aPROVEITAr [AC-022, 1.471]
- j. e *esses são* os procedimentos nossos [AC-051, 1.356]
- k. mas *aqueles vai* junto sempre na viagem prá fazer as compra [AC-064, 1. 234]
- l. eu sei que *os dois são* mas eu acho que o Bush também é [AC-001, 1.257]
- m. as pessoas *que casam* né... *que constitui* família... [AC-102, 1.330]
- n. eu acho que *as menina* tem que largar a mão de:: de dar ouvido pro que todo mundo fa::la e *façam* o que elas (sentem) vontade assim sabe? [AC-016, 1.399]

Incluimos nos chamados SNs-plenos simples os sujeitos formados por um SN que possua um só núcleo acrescido de determinantes e/ou modificadores. Destacamos que essa classificação pode ser discutível do ponto de vista estrutural, por considerar estruturas de complexidade diferente dentro de uma única variante, o que pode ser resolvido pelo controle do distanciamento do sujeito em relação ao verbo e também pelo controle do fator paralelismo formal, sob o qual se consideram, inclusive, as construções de sujeito com estrutura complexa, constituídas de um núcleo seguido de um SPrep.

Casos em que não ocorreram determinantes nem modificadores acompanhando o SN-sujeito, foram classificados como SN-pleno nu.

Entendem-se como SN-pleno composto os tipos de sujeito que possuam mais de um núcleo. Controlamos, nesses casos, se os núcleos próximos do verbo encontram-se no singular

ou no plural, por considerarmos que núcleos com a variante explícita de plural desencadeiam marcas explícitas de plural nos verbos.

Para os tipos de sujeito *pronome pessoal*, *pronome indefinido*, *pronome demonstrativo* e *quantificador* consideramos em nossa análise o vocábulo que está na posição nuclear do sujeito, sem, contudo, considerar os vocábulos que possam estar subentendidos no SN.

Como tipo de sujeito *pronome relativo* entendemos os casos em que o verbo é antecedido por um pronome relativo que funciona na oração como sujeito e que se reporta a uma estrutura (na maioria das ocorrências um SN) anterior a ele.

Por fim, consideramos como *sujeitos desinenciais* os sujeitos que não foram expressos na oração analisada, mas que possuem um referente localizado em orações anteriores.

f. saliência fônica

Consideraremos para essa variável as classificações de Santos (2005), que hierarquizou três níveis diferentes de saliência entre a forma verbal singular e a plural, e de Scherre & Naro (2006), que hierarquizaram dois grandes níveis de saliência fônica verbal:

- i. *máxima diferenciação fonológica*, percebida pela total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical, sendo uma forma completa ou parcialmente distinta da outra, como as formas observadas, por exemplo, nas oposições entre *pôs/puseram*, *é/são* (29a-b), *fez/fizeram* (29c-d) etc.
- ii. *média diferenciação fonológica*, percebida por uma alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical; são exemplos as oposições entre *quis/quiseram*, *trouxel/trouxeram*, *morreu/morreram*, *falou/falaram* (29e-f).
- iii. *mínima diferenciação fonológica*, percebida, na fala espontânea, apenas pela nasalização da vogal final não-acentuada e/ou adição de uma semi-vogal, sem envolvimento mudanças no radical, como, por exemplo, nas oposições entre

fala/falam, falava/falavam, come/comem, dá/dão, vai/vão, faz/fazem, faça/façam, está/estão, dizia/diziam, tava/tavam (29g-h).

- (29) a. *esses passos da segurança é* muito importante
[AC-139, l. 340]
- b. às vezes *certas administrações são* ruim mas a empresa assim é boa
[AC-139, l. 110]
- c. nessa fazenda... *meus avôs fez* um cercado... fez um pomar de:: jaboticaba.
[AC-102, l. 174]
- d. e foram *as pessoas da igreja que fizeram*
[AC-105, l. 250]
- e. aí *meu amigos falou* que já tinham visto mesmo na rua mas ninguém me falou
[AC-022, l. 130]
- f. aí *meus amigos falaram* que tinha sido fundo o corte quase precisava dar ponto
[AC-037, l. 59]
- g. é:: *eles tava* no sítio do pai dele *tava* o pai de::le a mãe
[AC-55, l. 59]
- h. *eles tavam entrando* assim já tinham abrido o portão
[AC-001, l.69]

3.5 Da quantificação e da análise dos dados

Para a análise quantitativa, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o “pacote” estatístico VARBRUL e seus subprogramas, criados com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis. Esse programa extrai as frequências e os pesos relativos dos fatores lingüísticos e sociais no condicionamento da variável dependente, bem como permite estabelecer o cruzamento dos fatores.

As ocorrências foram selecionadas no cópuz e codificadas, de acordo com códigos mnemônicos atribuídos a cada um dos fatores que constituem os contextos variáveis. Nessa fase, o emprego da noção de *grupo de fatores* como proposta pela Sociolingüística

Variacionista é de fundamental importância, porque permite manipular uma grande quantidade de dados, ao mesmo tempo em que garante que todos os dados sejam analisados à luz dos mesmos critérios (contextos variáveis).

A fase precedente à quantificação dos dados é também importante, porque pressupõe, de antemão, uma leitura qualitativa dos dados, que permite, após os resultados freqüenciais, compreender e explicar as estatísticas numéricas oferecidas pelo programa.

Neste momento julgamos ser de extrema importância recorrer às seguintes palavras de Naro (2003, p. 24):

Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo “peso relativo”. Na verdade, quando, sob certas convenções matemáticas, calculamos um valor numérico de, digamos, 0,4, é perfeitamente possível que sob outras convenções o valor calculado seja 0,6, mas a ordenação relativa de valores dos diversos fatores que compõem um grupo mudará. Por isso temos que ter muita cautela ao dizermos que um peso menor do que 0,5 desfavorece a aplicação da regra ou ao compararmos valores numéricos de pesos calculados para diversos conjuntos de dados.

Diante do exposto, partimos, no próximo capítulo, para a análise dos resultados apresentados pelo pacote estatístico VARBRUL.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguem neste capítulo os resultados alcançados na investigação da CV na fala da região noroeste do Estado de SP. São expostos e discutidos aqui os resultados apurados para cada uma das variáveis, bem como para o cruzamento entre elas.

4.1 Análise dos resultados

Foi analisado, em nosso trabalho, um total de 3.308 ocorrências de 3PP, dentre as quais 70% (2.314/3.308) apresentavam marcação de plural, enquanto 30% (994/3.308) não apresentavam a aplicação da CV. Na tabela e no gráfico 1, observam-se os percentuais acima apresentados.

Tabela 1: Número de ocorrências analisadas e percentual de aplicação e não-aplicação de CV.

presença de CV	ausência de CV	Total
70% (2.314/3.308)	30% (994/3.308)	100% (3.308)

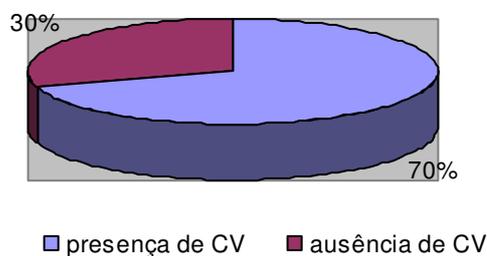


Gráfico 1: Percentual geral de presença/ausência de CV.

Era de se esperar que, para uma variedade do português considerada “caipira”, o percentual de ausência de CV fosse maior do que 30%. Entretanto, essa expectativa não se confirmou, baseando-se nas ocorrências extraídas da amostra que compusemos.

Como observamos acima, o percentual de presença de CV prevalece com frequência que equivale a mais de duas vezes o percentual de ausência de CV. Podemos afirmar que, no processo de variação que ocorre na comunidade, há uma prevalência da “norma” em relação à variante coloquial, pois, ainda que haja uma competição entre as duas variantes (presença/ausência de CV), considerando os percentuais apresentados, podemos antecipar que não se trata de um caso de mudança em curso, mas um caso de variação estável na comunidade, como tentaremos mostrar na parte relativa à discussão sobre a possibilidade de implementação da variante não-padrão na comunidade e, principalmente, na consideração dos fatores sociais investigados neste trabalho (v. seções 4.1.4., 4.1.9. e 4.1.10).

4.1.1 Comparativo dos resultados gerais²⁰

Efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo com os resultados evidenciados em outras regiões do Estado de São Paulo e, posteriormente, com resultados obtidos em outros estados brasileiros, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais de aplicação de CV no PB.

²⁰ Sempre que possível, os resultados apresentados neste trabalho serão comparados com resultados de outros autores. Essa comparação, por vezes, não é possível devido à escolha de estratégias diferentes de divisão dos contextos variáveis.

Tabela 2: Número de ocorrências analisado e percentual de aplicação e não-aplicação de CV em regiões do Estado de São Paulo.

ESTADO DE SÃO PAULO	REGIÃO NOROESTE S. J. DO RIO PRETO	REGIÃO CENTRAL	
		ARARAQUARA (GAMEIRO, 2005)	SÃO CARLOS (MONTE, 2007)
PRESENÇA DE CV	70 % (2.314/3.308)	45% (627/1.399)	25% (247/1.000)
AUSÊNCIA DE CV	30% (994/3.308)	55% (772/1.399)	75% (753/1.000)

Ao compararmos os índices apresentados, podemos verificar uma acentuada discrepância entre o percentual de aplicação da CV evidenciado na região de São José do Rio Preto e o percentual verificado por Monte (2007) (25%), em amostras de fala referentes à cidade de São Carlos, localizada na região central do Estado de São Paulo, o que, se justifica pela estratificação social dos informantes selecionados, também divergente, visto terem sido considerados nessa pesquisa somente informantes com baixa ou nula escolaridade, escolha que pode refletir o índice de aplicação de CV, segundo estudos evidenciados anteriormente e como iremos demonstrar no decorrer de nossa análise.

Os resultados de Gameiro (2005), obtidos para o estudo da CV na cidade de Araraquara (45%), também localizada na região central do Estado de São Paulo, encontram-se em uma faixa intermediária em relação aos resultados obtidos para a região de São José do Rio Preto e aos resultados de Monte (2005). Diferentemente da nossa pesquisa, a autora incluiu na estratificação de suas amostras de fala também informantes de escolaridade nula, fato que pode explicar a queda na frequência geral de aplicação da CV.

Ao considerarmos, porém, estudos realizados para outras variedades do PB, como o apresentado na tabela a seguir, podemos observar que os resultados obtidos para São José do Rio Preto se aproximam relativamente dos resultados obtidos por Scherre & Naro (1998), por Monguilhott & Coelho (2002) e por Rodrigues (1997) e, por outro lado, evidenciam uma distância considerável em relação aos percentuais obtidos por Lucchesi (2006), que mais se aproximam dos obtidos por Monte (2007).

Tabela 3: Percentual de aplicação e não-aplicação de CV em diferentes variedades do PB.

BRASIL	SJRP - SP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO, 1998)	FLORIANÓPOLIS - SC (MONGUILHOTT & COELHO 2002)	RIO BRANCO - AC (RODRIGUES, 1997)	BAHIA (LUCCHESI, 2006)
PRESENÇA DE CV	70%	73%	79%	58%	16%
AUSÊNCIA DE CV	30%	27%	21%	42%	84%

A semelhança de resultados apresentada entre este estudo e o estudo de Scherre e Naro (1998) pode ser explicada, em parte, pela consideração, em nossa pesquisa, de uma estratificação social relativamente semelhante a dos autores, seja nos níveis de escolarização (3 níveis), seja nas faixas etárias (4 faixas) ou mesmo quanto ao gênero dos informantes (masculino e feminino). No estudo de Monguilhott e Coelho (2002), do mesmo modo, há uma semelhança parcial na estratificação dos informantes, os quais foram divididos em três faixas etárias e dois níveis de escolarização (quatro anos e 11 anos), e a frequência de plural apresentada foi de 79%. Rodrigues (1997) investigou apenas informantes com escolaridade nula, baixa ou média, ou seja, informantes analfabetos, com 1 a 4 anos de escolarização e com 5 a 8 anos de escolarização, e obteve uma frequência de CV de 58%.

Os resultados apresentados por Lucchesi (2006) são de uma comunidade rural afro-brasileira isolada, onde a estratificação social dos informantes é prejudicada por questões como, por exemplo, a nula escolarização de quase todos os membros da comunidade, o que pode explicar os índices discrepantes em relação aos estudos apresentados para outras regiões.

4.1.2 Ordem de significância dos fatores considerados

Dos fatores sociais e lingüísticos propostos para a análise, todos se mostraram relevantes, em maior ou menor nível, conforme mostrado em (30), pela ordem de significância indicada pelo VARBRUL. Nas próximas seções, passamos a expô-los, também levando em consideração a hierarquia decrescente de importância na aplicação de CV.

(30) Ordem de significância dos fatores

- 1^o.) *paralelismo formal: nível oracional*
- 2^o.) *escolaridade dos falantes*
- 3^o.) *paralelismo formal: nível discursivo*
- 4^o.) *saliência fônica verbal*
- 5^o.) *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*
- 6^o.) *traço semântico do sujeito*
- 7^o.) *faixa etária dos falantes*
- 8^o.) *sexo / gênero dos falantes*
- 9^o.) *tipo de sujeito (constituição morfossintática)*

4.1.3 Paralelismo formal - nível oracional

O grupo de fatores *paralelismo formal de nível oracional* foi proposto por julgarmos que as marcas formais existentes no sujeito tendem a se repetir também no verbo, como já discutido anteriormente. Dessa forma, caso existam marcas formais de plural no sujeito, a expectativa é a de que existam marcas de plural no verbo que o acompanha; do contrário, se não houver marcas de pluralização no sujeito a tendência é de que não haja também marcas de pluralização no verbo subsequente.

Esse grupo de fatores foi selecionado como o mais relevante entre os analisados em nosso trabalho.

Foi analisado um total de 2.694 ocorrências, visto terem sido desconsideradas as ocorrências com sujeito desinencial e também os casos em que o sujeito estivesse posposto ao verbo. No primeiro caso, ficará clara a baixa influência do fator *paralelismo formal*, já que não há um elemento formalmente considerado na posição do sujeito. Conforme defendemos no capítulo 2, parece não fazer muito sentido considerar que as marcas de sujeitos pospostos possam influenciar as marcas de verbos precedentes, razão pela qual ocorrências deste tipo também foram desconsideradas na análise desse fator.²¹

Na seqüência, expomos a tabela 4, seguida de seu gráfico correspondente,²² o percentual para cada variante desse grupo e seu respectivo peso relativo (PR, daqui em diante). Os resultados confirmam o princípio do paralelismo, pois a presença da forma de plural no último elemento do SN-sujeito influenciou positivamente a pluralização dos verbos subseqüentes, enquanto a categoria *ausência da forma de plural no último elemento do SN-sujeito* influenciou de forma negativa a pluralização dos verbos.

Tabela 4: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
presença de plural no último elemento do SN	1.720/2.211	78%	.56
ausência de plural no último elemento do SN	92/296	31%	.17
presença de plural no último elemento de um SPrep	17/27	63%	.50
ausência de plural no último elemento de um SPrep	44/81	54%	.37
numeral	27/44	61%	.47
neutralização	27/35	77%	.50

²¹ Justificamos aqui as possíveis não correspondências entre o total de ocorrências consideradas dentro de alguns grupos de fatores e o total de ocorrências apresentado no início de nossa análise, visto, em alguns casos, não haver aplicabilidade dos fatores para todas as ocorrências.

²² A apresentação de gráficos e tabelas referentes a um mesmo conjunto de dados tem simplesmente a finalidade de fornecer ao leitor maior facilidade de comparação dos resultados.

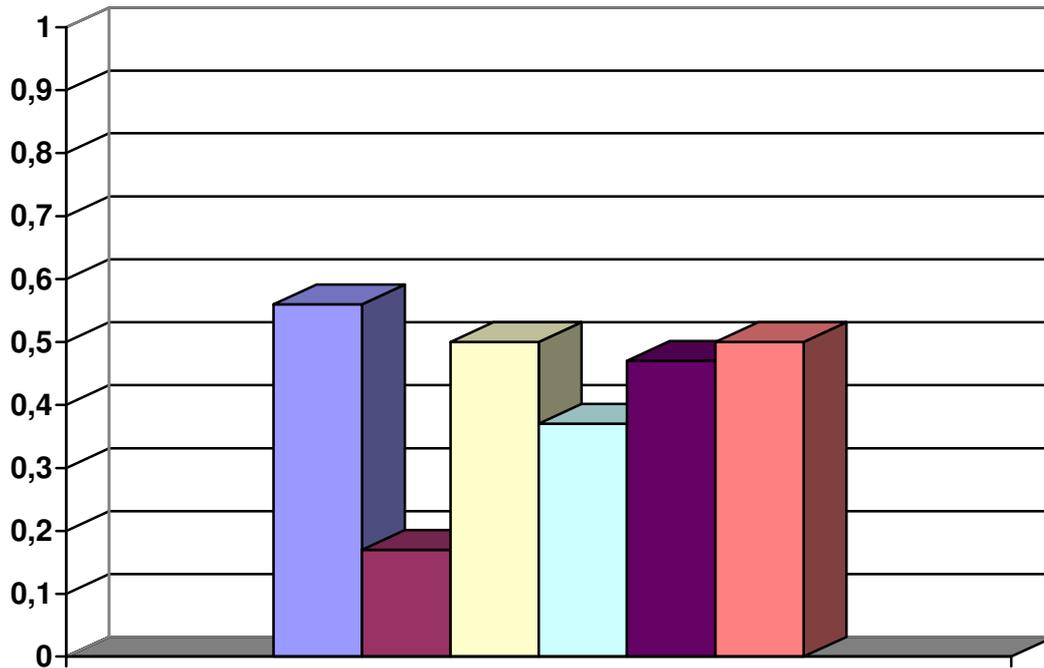


Gráfico 2: Presença de CV em relação ao paralelismo formal – nível oracional

O percentual de presença de marcas de plural no último elemento do SN foi de 78% (1.720/2.211) e o PR, de .56. Ainda que o valor do PR não exceda muito o valor de .50, julgamos, pela comparação desse valor (.56) com os demais PRs dos demais fatores desse grupo, que o contexto *presença da forma plural no último elemento do SN-sujeito* é discretamente favorecedor da presença de marcas de plural nos verbos.²³ Para a categoria *ausência da forma de plural no último elemento do SN-sujeito*, o percentual de pluralização nos verbos foi de apenas 31% e o PR, de .17, valores extremamente baixos, se comparados ao percentual e PR da categoria anterior, constatação que nos leva a afirmar que esse fator influencia fortemente a ausência de plural nos verbos.

²³ É importante que se esclareça que a interpretação do PR deve ser feita tomando-se como parâmetro não somente o valor de .50, mas também a comparação com os demais resultados para cada fator do grupo analisado.

Nas ocorrências em (31) podemos observar que a ausência de plural no último elemento do SN-sujeito acarreta, na maioria das vezes, a não-concordância, mesmo nesses contextos de verbos próximos ao sujeito.

- (31) a. só que num ia nenhum aluno lá né? porque senão *os aluno* **estraga** né?...
[AC-015, l. 503]
- b. daí num pode gritar muito alto só pá quem *as vaca* **conhece** assim... que vai bastante
[AC-004, l. 311]
- c. agora *os outros inspetor* **é** bravo o (Bill) *é o/ é o* mais bravo
[AC-004, l. 320]

Especificamente em (31c), embora se trate de verbo de alta saliência fônica,²⁴ ele não apresenta pluralização, razão que pode ser atribuída ao fato de o último elemento do SN-sujeito não possuir marcas de plural. O predicativo, acompanhando a tendência de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, também permanece no singular.

Já nas ocorrências em (32) a seguir, podemos evidenciar que a presença de marcas de plural no último elemento do SN-sujeito, na maioria das vezes, ocasiona a aplicação de CV.

- (32) a. *as idéias* **devem** ser apresentadas aos alunos...
[AC-146, l. 260]
- b. você vai tá sendo a favor pra que *as pessoas* **comprem** armas
[AC-042, l. 303]
- c. *os móveis* já **são** bem anti::gos ah tem seu sofá sua cama
[AC-170, l. 67]

²⁴ Como apontado anteriormente, a hipótese apresentada por outros autores é a de que a alta saliência fônica entre plural e singular nos verbos contribua para a sua marcação de plural em contextos de 3PP e 1PP.

Em (32c), o verbo com saliência fônica máxima encontra-se pluralizado, reforçando a tendência de que a pluralização do último elemento do SN-sujeito ocasiona a marcação de plural nos verbos e, da mesma forma, também no predicativo.

Para o par de fatores *presença e ausência da forma plural no último elemento inserido em um SPrep*, os resultados se mostraram semelhantes aos apresentados anteriormente para o par *presença e ausência da forma plural no último elemento do SN-sujeito*. Os percentuais e os pesos relativos foram superiores nas ocorrências em que há a presença da forma plural no último elemento do SN inserido em um SPrep e inferiores nas ocorrências em que há a ausência da forma plural. Porém, tanto em termos freqüenciais quanto na consideração do PR, é menor a diferença entre presença (63% e PR .50) e ausência (54% e PR .37) da forma de plural no último elemento do SN inserido em um SPrep, quando comparada à presença (78% e PR .56) e ausência (31% e PR .17) de marcas de plural no SN-sujeito. Esse resultado pode ser explicado pela influência do SPrep dentro da estrutura do SN-sujeito, que faz com que haja um distanciamento maior do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo, o que, como já mencionamos, pode exercer influência negativa na aplicação de CV. Em outras palavras, ao fazer uso dessa forma, o falante nem sempre realiza a concordância com o núcleo do sujeito, mas com núcleo do SN no interior do SPrep, seja ele singular ou plural. Fica claro porém, pelos percentuais e PRs apresentados, que as marcas de plural inseridas no SN interno ao SPrep não exercem a mesma influência das marcas de plural do SN-sujeito.²⁵

Nas ocorrências em (33), observamos que a influência do último elemento do SN inserido em um SPrep não é a mesma exercida pelo SN-sujeito. Mesmo assim há uma relação entre a marcação de plural nos SNs inseridos em SPreps e a marcação de plural nos verbos.

²⁵ Não é demais chamar a atenção para o contraste estrutural que estamos estabelecendo para nos referirmos aos casos de SN-sujeito (*Os meninos ...*) e ao SN interno de um SPrep (*Os cachorros dos meninos...*).

- (33) a. são grande são bem grandes né? que até *as reuniões de comício* é feito lá...
[AC-023, l. 283]
- b. *os agente de Rio Preto e região* me **perguntavam** sobre coisas da agência
[AC-051, l. 44]
- c. *os quarto dos meninos* também é a mesma coisa... né
[AC-090, l.247]
- d. *os esgotos das casas* **passavam** com manilha e por debaixo da casa
[AC-115, l. 120]

Ainda que houvesse a pluralização do núcleo do SN-sujeito, a não-pluralização do último elemento do SN do SPrep pertencente ao sujeito, como em (33a.)²⁶, acarretou uma diminuição no percentual de aplicação de plural nos verbos (54%) e um PR menor (.37). As ocorrências em que o SN do SPrep foi pluralizado (como em (33d)) apresentaram uma frequência de 63% e PR de .50, sendo importante destacar que, mesmo com um percentual alto de CV, esses índices não atingiram o índice verificado para os SN-sujeitos sem o SPrep, o que poderia ser explicado, como já relatado, pelo menor distanciamento do núcleo do sujeito em relação ao verbo, que influencia positivamente a aplicação da CV.

A conclusão a que se chega para a influência na CV de um SPrep no interior de SN é a de que o falante pode considerar como elemento desencadeador da CV o núcleo nominal mais próximo do verbo, independentemente de este ser ou não o núcleo de um SN-sujeito.

As ocorrências contendo *numeral* como sujeito apresentaram um percentual intermediário dentre os apresentados pelos fatores acima (61% e PR .47), o que pode ser explicado pelas características dessa categoria, já que, apesar de alguns numerais apresentarem terminação em 's', esta não é considerada uma marca que diferencia uma forma singular de uma forma plural.

²⁶ Embora não seja objeto de nossa pesquisa, vale notar que, nesse caso, o predicativo concorda em número e gênero com o SN inserido no SPrep e não com o núcleo do SN-sujeito.

Apesar de optarmos pela diferenciação entre os numerais terminados em ‘s’ (como em (34)) e os numerais não terminados em ‘s’ (como em (35)), realizamos o amalgamento dos dois tipos de ocorrências, em vista de termos encontrado em nosso cópulus um número reduzido de ocorrências com numerais não terminados em ‘s’, casos que, se de frequência mais baixa do que os numerais terminados em ‘s’, poderiam ter comprovado a hipótese de que esses exercem maior influência na marcação de plural nos verbos do que aqueles.

(34) a vaga era pra uma pessoa mas das três pessoas *duas foram* consideradas aptas

[AC-114, l. 47]

(35) dos vinte computador acho que *sete* num **funcionava**

[AC-015, l. 595]

Conquanto os casos de neutralização apresentem alto índice de aplicação de CV (77%), não devemos considerá-los na análise como casos em que haja uma tendência à realização da concordância devido à presença de “s” no último elemento do SN-sujeito, pois são contextos em que não é possível detectar se há ou não a presença da forma plural no último elemento do sujeito, ou seja, nem mesmo o PR de .50 pode trazer qualquer contribuição para a análise.

4.1.3.1 Comparação com outras pesquisas

Ao compararmos os resultados apresentados em quatro estudos realizados para o PB (tabela 5), evidencia-se um comportamento regular do grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*.

Tabela 5: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, obtidos em quatro pesquisas

VARIEDADE P.FORMAL – NÍVEL ORACIONAL	SJRP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO, 1993)	FLORIANÓPOLIS (MONGUILHOTT & COELHO,2002)	SÃO CARLOS (MONTE, 2007)
presença de plural no último elemento do SN	.56	.56	.54	.62
ausência de plural no último elemento do SN	.17	.17	.32	.19
presença de plural no último elemento de um SPrep	.50	.61	-	-
ausência de plural no último elemento de um SPrep	.37	.24	-	-
numeral	.47	.34	.53	-
neutralização	.50	.58	-	-

Com a observação da tabela acima é possível notar que os pesos relativos referentes a esse grupo de fatores possuem grande proximidade de valores nos estudos apresentados (valores exatamente iguais, se comparados os fatores *presença e ausência de plural no último elemento do SN-sujeito*, em Scherre & Naro (1993) e em nosso trabalho (.56 e .17)).

Ao considerarmos os outros fatores, como, por exemplo, presença e ausência de plural no último elemento de um SPrep inserido em um SN-sujeito, notamos que não há total convergência entre os valores, pois no estudo de Scherre & Naro (1993), a presença de plural no SPrep eleva o valor além do atingido pelo fator *presença de plural no último elemento do SN-sujeito*, o que não ocorre em nosso trabalho, o qual apresenta um peso relativo intermediário para esse fator.

4.1.4 Escolaridade

Para o grupo de fatores *escolaridade*, segundo em ordem de relevância, a hipótese inicial era a de que um aumento da escolaridade do informante e, conseqüentemente, um maior contato com a norma culta presente no ambiente escolar acarretariam um maior índice de pluralização verbal. Seguem abaixo os resultados obtidos:

Tabela 6: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *escolaridade*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL	PESO RELATIVO
1º ciclo do ensino fundamental	317/570	56%
2º ciclo do ensino fundamental	653/1.084	60%
ensino médio	568/767	74%
ensino superior	776/887	87%

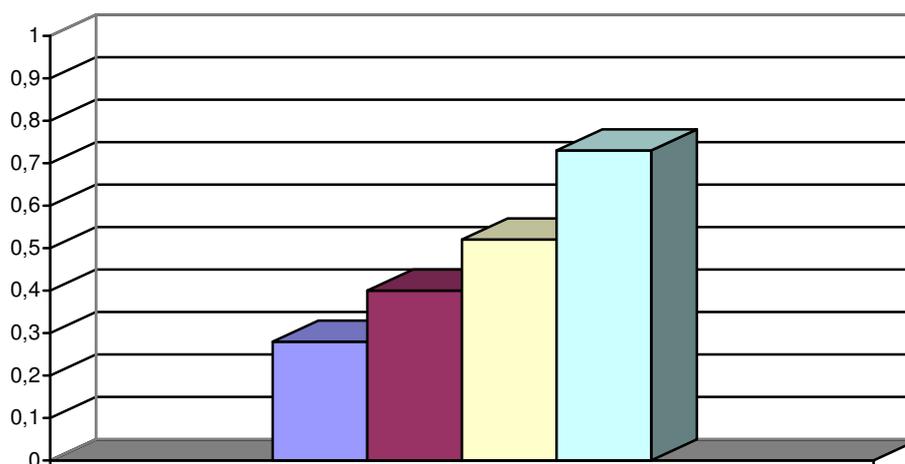


Gráfico 3: Presença de CV em relação ao grupo de fatores *escolaridade*

Os percentuais e os PRs apresentados confirmaram totalmente a hipótese, já que tanto a frequência quanto o PR crescem gradativamente em acordo com aumento do nível de escolaridade dos informantes. Assim, os maiores índices de aplicação de CV nos verbos foram apresentados por informantes de Curso Superior (87% e PR .73), aos quais se seguem, ordenadamente, os índices de informantes do Ensino Médio (74% e PR de .52), os de informantes do 2º ciclo do Ensino Fundamental (60% e PR de .40) e, por fim, os de

informantes com mais baixo nível de escolaridade, o 1º ciclo do ensino fundamental (56% e PR de .28), Assim, também para a comunidade de fala riopretana, confirma-se a premissa de que quanto maior o nível de escolaridade maior a probabilidade de aplicação da regra de CV.

Como observa Rodrigues (1987), a escola reconhece a marcação de CV, dentre outras regras, como a realização do padrão culto da língua, e os alunos tendem a assimilar a regra até o término do Ensino Médio. Conforme pode ser observado no gráfico, os índices apresentados para o 1º ciclo do Ensino Fundamental e para o 2º ciclo do Ensino Fundamental apresentam uma diferença percentual de apenas 4 pontos enquanto a apresentada entre os percentuais para falantes do 2º ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio é 14 pontos. Da mesma forma, ao compararmos o comportamento dos informantes de nível de escolaridade superior e os de nível médio, observa-se um salto no índice de CV: as diferenças de percentual e de PR entre esses dois segmentos são de 13 pontos e .21, respectivamente, o que talvez possa ser explicado pela inclusão, entre os falantes de nível superior, de indivíduos pós-graduados (mestres e mesmo doutores), que possuem, em alguns casos, mais de 20 anos de contato com o ambiente escolar e acadêmico, lugares de forte pressão normativa.

Com o intuito de verificar a atuação em conjunto dos grupos de fatores lingüísticos e sociais, realizamos o cruzamento de todos os grupos entre si. Ao longo de nossa análise, exibiremos os cruzamentos que demonstraram ser relevantes para o fenômeno da CV. Justifica-se, portanto, a não exibição dos cruzamentos que porventura não apresentarem contribuição para as análises.

Ainda que seja pouco comum o cruzamento entre fatores lingüísticos e sociais (extralingüísticos), alguns fatores lingüísticos são mais perceptíveis aos falantes e, por essa razão, mais característicos de certos grupos sociais, que, deliberadamente, podem escolher entre uma forma alternante e outra.²⁷ Assim, em nosso trabalho, julgamos pertinente, em

²⁷ Conforme salienta Coelho (2006), no uso alternante dos pronomes *a gente versus nós*, os falantes mais escolarizados fazem uso, com maior frequência, da forma *a gente*, que não exige pluralização verbal,

certos momentos, efetuar tais tipos de cruzamento, cuja apresentação será feita sempre após a exibição do segundo grupo de fator envolvido.

4.1.4.1 Comparação com outras pesquisas

Na comparação dos resultados obtidos com os apresentados em outras pesquisas, destacamos a grande regularidade evidenciada no aumento dos índices de CV para os informantes da região de São José do Rio Preto. Ainda que os índices apresentem diferenças sensíveis de valores, se comparados os três estudos, eles se mostram crescentes em relação direta com a escolaridade dos informantes.

Tabela 7: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *escolaridade*, obtidos para três variedades do PB²⁸

VARIETADE ESCOLARIDADE	SJRP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO,1998)	RIO BRANCO (RODRIGUES,1997)
1 a 4 anos (1º ciclo do EF)	.28	.39	.44
5 a 8 anos (2º ciclo do EF)	.40	.56	.66
9 a 11 anos (Ensino Médio)	.52	.58	-
mais de 11 anos (Ensino Superior)	.73	-	-

provavelmente, motivados pelo desejo de evitar desvios de concordância. Segundo o autor, o mesmo comportamento não ocorre com os menos escolarizados, que usam com maior frequência o pronome *nós*, com ou sem a pluralização verbal.

²⁸ Ainda que Gameiro (2005) tenha estratificado os informante em 5 níveis de escolaridade, a comparação com os resultados desse trabalho não foi possível devido à consideração do cálculo da probabilidade de ausência de CV, o que resultou na inversão dos pesos relativos, com maiores índices para falantes de baixa escolaridade (.76) e os menores índices para falantes de elevada escolaridade (.07).

4.1.4.2 Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível oracional e escolaridade*

Investigamos o cruzamento entre o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional* e o grupo de fatores *escolaridade* por julgarmos que o comportamento do falante quanto a esse fator lingüístico pode variar de acordo com sua maior ou menor consciência em relação à “norma”, ou seja, níveis de escolarização diferentes poderiam refletir diferentes freqüências de CV, para cada categoria do grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*.

Tabela 8: Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível oracional e escolaridade*

paralelismo formal – nível oracional	Presença da forma plural		Ausência da forma plural		Presença da forma plural (SPrep)		Ausência da forma plural (SPrep)		Numeral		neutralização	
	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F
1º ciclo do E.F.	64	230/358	32	24/74	60	3/5	25	2/8	46	5/11	80	4/5
2º ciclo do E.F.	71	493/692	25	39/159	33	2/6	23	5/22	50	8/16	64	9/14
Ensino Médio	80	413/514	39	15/38	83	5/6	52	13/25	63	5/8	80	4/5
Ens.Superior	91	586/647	56	14/25	70	7/10	92	24/26	89	8/9	91	10/11

Ao observarmos a tabela acima, podemos constatar que o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional* correlaciona-se ao grupo de fatores *escolaridade*, já que, para a categoria *presença da forma plural no último ou único elemento do SN-sujeito*, há um aumento gradativo da aplicação de CV, na medida em que o nível de escolaridade aumenta. Para informantes com baixa escolaridade (1º ciclo do Ensino Fundamental), ainda que haja a presença da forma de plural “s” no SN-sujeito, há apenas 64% de marcação de plural nos verbos; para informantes com escolaridade intermediária, 2º ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio, os índices são, respectivamente, 71% e 80%, e, para informantes de escolaridade elevada (Curso Superior), o percentual se eleva para 91%. O mesmo ocorre com a categoria *ausência da forma de plural “s” no SN-sujeito*, cujos resultados permitem

constatar que informantes com baixa escolaridade apresentam um percentual de 32% de CV, contra 56% de CV para os informantes de nível superior.

A gradação se mantém também para a categoria *numeral*, para a qual os percentuais de marcação de plural nos verbos crescem com o crescimento do nível de escolaridade investigados (respectivamente, 46%, 50%, 63%, 89%).

Para as categorias *presença e ausência da forma plural “s” no ultimo elemento de um SPrep*, embora se apresentem patamares menos elevados de CV para informantes de baixa escolaridade e patamares mais elevados de CV para informantes de nível de escolaridade mais alto, o aumento gradual de CV, em relação direta com o aumento da escolaridade, não se mantém, fato atribuído, conforme já aludimos, à “confusão” provocada pela inserção do elemento pluralizado ou não (SN inserido em um SPrep) em posição intermediária entre o núcleo do SN-sujeito e o verbo, o que ocasiona falta de clareza na distinção do verdadeiro elemento desencadeador da marcação de plural no verbo.

Em (36), podemos constatar que, ainda que o núcleo do SN-sujeito esteja no plural, o SN do SPrep *da madrasta*, posicionado entre o núcleo *filhas* e o verbo *num precisa*, encontra-se no singular, o que contribui para que o falante mantenha o verbo também no singular.

(36) *as duas filhas da madrasta num precisa* fazer nada...

[AC-024, L.161]

4.1.5 Paralelismo formal – nível discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo*, a expectativa era a de que os contextos em que os verbos anteriores fossem marcados com o plural favorecessem a marcação de plural nos verbos posteriores, seguindo-se os mesmos parâmetros adotados na

categoria *paralelismo formal de nível oracional*. Por outro lado, verbos antecidos de verbos sem a marcação de plural refreariam a aplicação da CV. A expectativa para verbos isolados ou primeiros de uma série é a de que não houvesse, nesses casos, influência negativa ou positiva na aplicação (somente na consideração desse grupo de fatores).

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem na tabela 9 e no gráfico de número 4, dos quais as ocorrências em (37) são casos exemplares:

- (37) a. tipo *as pessoas* QUE::... não **PEN**sa direito NA HOra não **tá** nem AÍ pra nada **vai** e::... tanto FAZ e **faz** a coisa... nem **Liga** [AC-010, l. 441]
- b. *elas* até **comem** bem... né... se **CALÇAM** bem... né... **tão** na moda...**vão** e **saem**... mas **te(ê)m**²⁹ problema psicológico [AC-102, l. 348]
- c. *os homens* **tão** aqui no centro **tá** atacando [AC-031, l. 24]
- d. e *as moças* tudo solteira já **começava** a paquerar [AC-132, l. 343]

Tabela 9: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo*

CATEGORIA	FREQÜÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
verbo anterior c/ marca de plural	84%	455/539	.64
verbo anterior s/ marca de plural	27%	42/154	.12
verbo isolado ou primeiro	72%	1749/2427	.50

²⁹ Especificamente, as ocorrências com o verbo *ter*, conjugado no presente do indicativo, como já mencionado, não permitem distinção entre singular e plural, na língua falada.

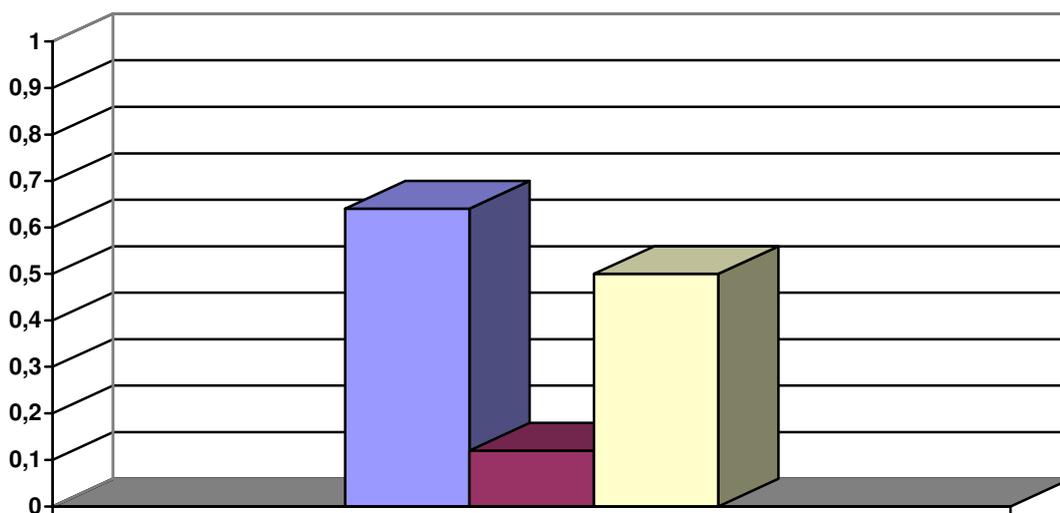


Gráfico 4: Presença de CV em relação ao grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo*

A hipótese para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo* também foi confirmada, pois, como observamos na tabela e gráfico anteriores, os verbos antecidos de verbos com marca de plural ((37b)) tiveram alta frequência de marcação de plural (84%) e também um PR consideravelmente superior às demais categorias (.64), mostrando, assim, que esse fator influencia positivamente a marcação de plural nos verbos. Os verbos antecidos de verbos sem marcas de plural, como em (37a), apresentaram baixa frequência de marcação de plural (27%) e PR muito inferior à categoria anterior (apenas .12), resultado que nos permite verificar que esses são contextos altamente desfavorecedores da CV. Para os contextos em que o verbo era o primeiro de uma série ou se apresentava isolado de outros verbos (exemplo 37d), a frequência de aplicação foi de 72% e o peso relativo foi de .50, o que não nos permite afirmar se há ou não influência na marcação de plural dos verbos. Nesse caso, outros fatores, tanto sociais quanto lingüísticos, irão influenciar a “escolha” dos falantes.

Em (37a), verificamos que o primeiro verbo (*pensa*) não foi pluralizado e, por essa razão, levou o verbo subsequente, com mesmo referente do verbo anterior (*as pessoas*), pelo princípio do paralelismo formal (marcas levam a marcas, zeros levam a zeros), a não receber também as marcas de plural e, desse modo, sucessivamente, ocorreu com os verbos *tá, vai, faz*

e *liga*. Já em (37b), a marcação de plural no primeiro verbo da seqüência (*comem*) atuou positivamente para que todos os verbos posteriores (*calçam, tão, vão e saem*) também recebessem o morfema de plural. Ainda que menos comuns, algumas ocorrências contrariam o princípio do paralelismo formal e, assim, mesmo com a marcação de plural no verbo anterior, pode ocorrer de o próximo verbo da seqüência não exibir marcas de pluralização, como observamos em (37c).

4.1.5.1 Comparação de resultados

Por meio da comparação dos resultados obtidos em nossa pesquisa com os de Scherre & Naro (1993), para o grupo de fator *paralelismo formal – nível discursivo*, é possível observar o comportamento extremamente regular desse grupo de fatores, dada a proximidade dos valores dos pesos relativos para todos os fatores, como revelam os resultados comparativos da tabela 10.

Tabela 10: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *paralelismo formal – nível discursivo*

VARIEDADE	SJRP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO, 1993)
P. FORMAL – NÍVEL ORACIONAL		
verbo anterior c/ marca de plural	.64	.65
verbo anterior s/ marca de plural	.12	.19
verbo isolado ou primeiro	.50	.48

Para o fator *verbo anterior com marca de plural*, o peso relativo evidenciado na presente pesquisa é de .64, ou seja, praticamente o mesmo apresentado em Scherre & Naro (1993) (.65). Para os outros fatores, ainda que não haja igualdade numérica, os valores apresentados evidenciam comportamento semelhante, ou seja, o fator *verbo anterior sem*

marca de plural, considerando os números apresentados nas duas pesquisas (.12 e .19), influencia a não aplicação da CV. Para os verbos isolados ou primeiros de uma série, da mesma forma, apenas dois décimos separam os resultados de uma pesquisa e outra (.50 e .48).

4.1.5.2 Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível discursivo e escolaridade*

Realizamos o cruzamento entre o grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo* e o grupo de fatores *escolaridade* por julgarmos que o comportamento do falante quanto a esse fator lingüístico, semelhantemente ao grupo de fatores *paralelismo formal - nível oracional*, pode variar de acordo com sua maior ou menor consciência em relação à “norma”, ou seja, índices de escolarização diferentes podem conduzir a diferentes frequências de CV, para cada categoria do grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo*.

Tabela 11: Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível discursivo e escolaridade*

escolaridade	1º ciclo do EF		2º ciclo do EF		Ensino Médio		Ensino Superior	
	%	F	%	F	%	F	%	F
p. formal N.D.								
presença de plural no verbo anterior	74	69/93	78	118/151	90	122/136	92	146/159
ausência de plural no verbo anterior	22	7/32	29	17/58	26	11/43	33	7/21
verbo isolado ou 1º de uma série	57	235/409	61	500/821	78	416/535	90	598/662

Observamos na tabela acima a estreita correlação entre os dois grupos de fatores considerados em razão do aumento gradativo dos índices percentuais, partindo dos níveis de escolarização mais baixos para os níveis de escolarização mais altos, para todos os três fatores do grupo *paralelismo formal – nível discursivo*. Para o fator *presença de plural no verbo*

anterior, o percentual de aplicação de plural no verbo posterior foi respectivamente, de 74% (1º ciclo do ensino fundamental), 78% (2º ciclo do ensino fundamental), 90% (ensino médio) e 92% (ensino superior). Para o fator *ausência de plural no verbo anterior*, ainda que os percentuais evidenciados sejam menores em todas as faixas de escolarização, conforme já explicitamos, pode-se verificar um aumento do percentual de aplicação da CV, se compararmos as faixas escolares máxima e mínima (33% e 22%, respectivamente). Em ocorrências com verbos isolados ou que figuravam como primeiros de uma série, o aumento da pluralização em relação direta com o grau de escolaridade se deu de forma extremamente acentuada, pois os percentuais apresentados nas faixas extremas (escolaridade mínima e máxima) foram, respectivamente, 57% e 90%, uma diferença considerável de 33 pontos percentuais.

4.1.6 Saliência fônica

Para este grupo de fatores, verifica-se na bibliografia pesquisada que formas mais salientes de plural em relação às suas formas singulares tendem a ser mais marcadas do que as formas plurais menos salientes, ou seja, oposições mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural. A expectativa era a de que haveria um maior percentual de CV para verbos com grau máximo de saliência fônica (como em (38)) e, ao contrário, verbos com grau mínimo de saliência fônica (com em (39)) apresentariam valores percentuais menores de CV. Em uma posição intermediária, estariam os verbos com grau médio de saliência fônica (como em (40)).

(38) *as crianças não são / (é) feitas prá/ prá::/ prá bater nelas...*

- (39) quando *as jabuticabas nasciam* / (nascia)... que estavam na época de colher
AC-031, l. 24
- (40) os três elemento que tava comigo *eles foram* / (foi)... encaminhado urgente prá Rio Preto
AC-103, l. 115

Abaixo são apresentados a tabela e o gráfico de frequência e PR de CV para o grupo de fatores saliência fônica.

Tabela 12: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores saliência fônica.

CATEGORIA	FREQÜÊNCIA DE PLURAL	PESO RELATIVO
nível mínimo	1108/1756 63%	.37
nível médio	897/1160 77%	.62
nível máximo	309/392 79%	.72

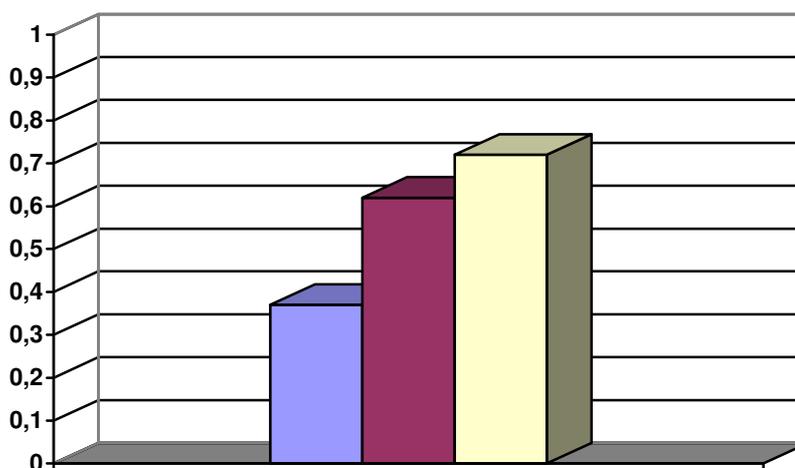


Gráfico 5: Presença de plural em relação ao grupo de fatores saliência fônica.

Como podemos observar, o aumento do nível de saliência fônica acompanha o aumento do percentual de CV. Para os verbos em que a saliência fônica entre a forma plural e a singular é mínima, casos em que não há grande distinção entre a forma plural e a singular, a frequência de aplicação é de 63% e o PR é de .37. Há, portanto, um desfavorecimento no uso de plural para esses contextos.

Para os níveis de saliência médio e alto, a frequência de aplicação é de 77% e 79%, respectivamente, e os pesos relativos são de .62 e de .72, o que confirma que o aumento na saliência fônica influencia positivamente a marcação de plural nos verbos.

4.1.6.1 Cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *escolaridade*

O grupo de fatores *saliência fônica*, ainda que de natureza lingüística, está intimamente ligado a fatores cognitivos, visto que os diferentes níveis de saliência fônica entre a forma singular e a forma plural constituem uma das características da CV mais perceptíveis pelo falante. Por meio do cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *escolaridade*, buscamos checar a seguinte hipótese: falantes de níveis de escolaridade mais alto são mais sensíveis à CV quando se trata de verbos de níveis maiores de saliência fônica.

Tabela 13: Cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *escolaridade*

saliência fônica escolaridade	mínima		média		máxima	
	%	F	%	F	%	F
1º ciclo do EF	47	140/301	64	125/195	70	52/74
2º ciclo do EF	49	286/583	72	274/381	78	93/120
Ensino Médio	69	256/370	81	240/297	72	72/100
Ensino Superior	85	426/502	90	258/287	94	92/98

Ao considerarmos o cruzamento acima, constatamos, embora em patamares diferentes, que falantes de todas as faixas de escolaridade são sensíveis à saliência fônica dos verbos, pois a marcação de plural nos verbos aumenta, em todos os graus de saliência (mínimo, médio e máximo), à medida que a escolarização dos informantes atinge níveis maiores. Uma exceção se faz apenas no cruzamento entre a categoria de escolaridade *Ensino Médio* e a categoria *saliência fônica máxima*, que apresenta índice pouco menor (72%) que a categoria anterior.

Falantes com nível de escolarização Superior, como era de se esperar, exibem percentuais altos de pluralização nos verbos em todos os níveis de saliência fônica, possivelmente por sofrerem maior pressão normativa. Observa-se que esses índices aumentam gradativamente, quando se parte do nível de menor para maior saliência fônica (85%, 90% e 94%).

4.1.6.2 Cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *paralelismo formal – nível discursivo*

Para o cruzamento do grupo de fatores *saliência fônica* com o grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo*, buscamos evidenciar se a atuação desses grupos leva a índices de CV altamente acima da média, ou bem abaixo da média, o que demonstraria que ambos os fatores são importantes na explicação da variação da CV. A insistência em um cruzamento com resultados aparentemente óbvios se dá a fim de obtermos a confirmação da relevância na consideração do grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo*, como veremos a seguir.

Tabela 14: Cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *paralelismo formal – nível discursivo*

saliência fônica	mínima		média		máxima	
	%	F	%	F	%	F
paral. formal – N.D.						
presença de plural no verbo anterior	73	160/220	92	236/257	95	59/62
ausência de plural no verbo anterior	15	12/82	41	25/61	45	5/11
verbo isolado ou 1º da série	67	915/1359	78	604/775	78	230/293

Pela leitura da tabela acima, pode-se perceber que os índices de pluralização dos verbos se alteram de acordo com a presença ou ausência de plural no verbo anterior, já que temos percentuais acima da média geral de CV (70%) para ocorrências em que há a presença

de plural no verbo anterior (73%, 92% e 95%), em todos os níveis de saliência, o que não ocorre com os casos em que não há pluralização no verbo anterior, os quais apresentam índices muito abaixo da média de CV, respectivamente, da mínima para a máxima saliência fônica, 15%, 41% e 45%.

Ao considerarmos separadamente cada categoria do grupo de fatores *paralelismo formal – nível discursivo*, também nos deparamos com um aumento gradativo que avança sempre da categoria de menor saliência para a categoria de maior saliência fônica, pois, para a categoria *presença de pluralização no verbo anterior*, os índices são de 73%, 92% e 95%, respectivamente, da categoria de mínima para a máxima saliência; para a categoria ausência de plural no verbo anterior, o menor valor verificado encontra-se no grau mais baixo de saliência, 15%, enquanto para os graus médio e máximo os percentuais são, respectivamente de, 41 e 45%.

Não podemos deixar de notar que, para a categoria de paralelismo formal – nível discursivo com *verbo isolado* ou *primeiro de uma série*, partindo-se da categoria de menor saliência para a de maior saliência, os índices não sofrem grande alteração, principalmente se considerarmos as categorias média e máxima saliência, para as quais os índices são os mesmos (78%), fato interessante que nos remete a considerar a importância do grupo de fatores paralelismo formal – nível discursivo no fenômeno da CV.

4.1.7 Posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo

Considerando que o PB é uma língua do tipo SVO (*sujeito + verbo + objeto*), que admite variação nesse padrão de ordenação, admitimos para esse grupo de fatores posições do sujeito anteriores e posteriores ao verbo, controlando ainda a distância de um em relação ao outro.

Como já mencionado, diversos trabalhos empíricos demonstraram que sujeitos distantes de seus verbos (como em (42)), ou sujeitos em posição pós-verbal (como em (43)), distantes ou não do verbo, tendem a enfraquecer a CV (cf. LEMLE & NARO, 1977).

- (41) *todas as meninas não eram* muito minha amiga
[AC-006, l. 443]
- (42) *os artista... quando acompanhado dos segurança nem olha* pros fã...
[AC-015, l.287]
- (43) acho que já *tava pra chegar as férias* aí eu acho que eu fiquei uma semana
[AC-006, l. 101]

Para Pontes (1986), o SN-sujeito posposto pode apresentar características de objeto, o que dificultaria a marcação de concordância. Para nossos resultados, era de se esperar, portanto, que houvesse uma maior probabilidade de aplicação da regra para casos em que o SN-sujeito ocorresse em situação de anteposição e mais próximo do verbo (como em (41)).

Vejamos abaixo a tabela de frequência e PR para o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*:³⁰

Tabela 15: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
pré-verbal dist. 0-2 sílabas	1.614/2.207	73%	.53
pré-verbal dist. 3-10 sílabas	128/209	61%	.50
pré-verbal dist. mais de 10 síl.	20/32	63%	.48
pós-verbal	27/138	19%	.10

³⁰ Devido ao número reduzido de ocorrências com sujeito pós-verbal distante mais de 5 sílabas do verbo e também ao comportamento semelhante ao comportamento para sujeitos pós-verbais próximos do verbo, optamos por amalgamar esses dois fatores.

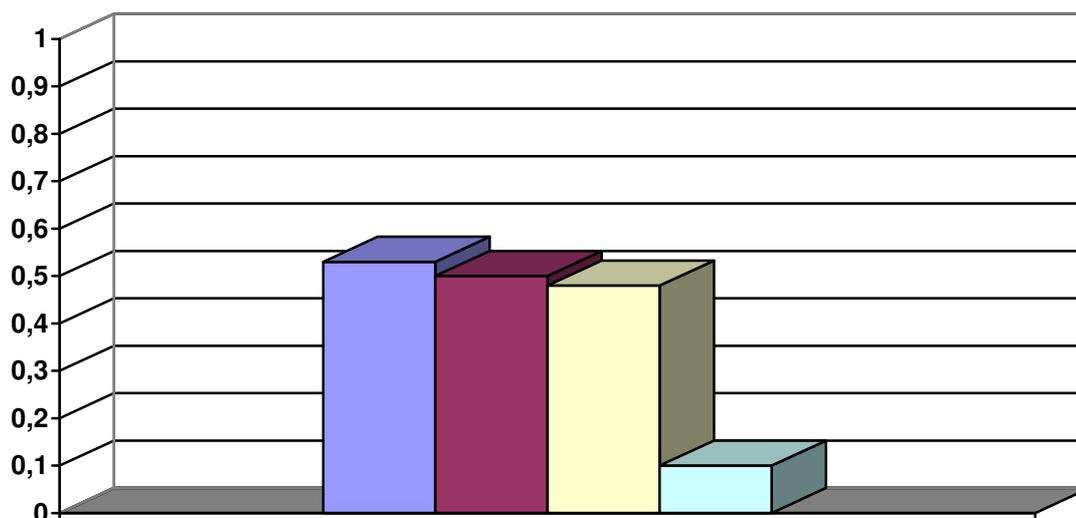


Gráfico 6 – Presença de CV em relação à posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo

O grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* foi o quinto grupo selecionado pelo “pacote” estatístico VARBRUL. Podemos observar, como previsto em trabalhos anteriores, que a probabilidade de aplicação da concordância foi maior em casos em que o sujeito se antepõe ao verbo, em contextos de menor distanciamento de um em relação ao outro, como observamos na tabela acima: sujeito pré-verbal com núcleo distante de zero a duas sílabas antes do verbo (73% e PR .53). Os casos de sujeito pós-verbal foram os que apresentaram o menor PR, (.10), ou seja, como previsto, é menor a probabilidade de CV nesses contextos.

Para a categoria núcleo do sujeito em posição pré-verbal distante mais de 10 sílabas do verbo, a hipótese não foi totalmente confirmada, pois, esta apresentou uma frequência intermediária em relação às duas categorias com sujeito pré-verbal (63%) e um PR pouco acima do esperado (.48), considerando que em outros trabalhos (NARO & SCHERRE, 1999) comumente a categoria apresenta peso relativo menor, justificado pelo maior distanciamento do sujeito.

4.1.7.1 Comparação de resultados

Antes de propormos um comparativo de resultados, cabe-nos ressaltar que a divisão de fatores utilizada na pesquisa para o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo* foi baseada na divisão proposta por Naro e Scherre (1999) para dados do português arcaico escrito. Para dados do português falado, outras divisões podem ser propostas, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 16: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*, obtidos em pesquisas sobre o PB

SJRP		RJ (SCHERRE & NARO, 1998)		FLORIANÓPOLIS (MONGUI-LHOTT & COELHO, 2002)		SÃO CARLOS (GAMEIRO, 2005)		RIO BRANCO (RODRIGUES, 1997)	
	PR		PR		PR		PR		PR
sujeito pré-verbal dist. 0-2 sílabas	.53	sujeito imediatamente anteposto ao verbo	.62	SN anteposto	.58	sujeito anteposto	.69	imediatamente antes do verbo	.58
sujeito pré-verbal dist. 3-10 sílabas	.50	sujeito anteposto distante do verbo de 1 a 4 sílabas	.55	-	-	-	-	pré-verbal e separado do verbo	.49
sujeito pré-verbal dist. mais de 10 sílabas	.48	sujeito anteposto do verbo distante mais de 5 sílabas	.39	-	-	-	-	-	-
sujeito pós-verbal	.10	sujeito posposto	.08	SN posposto	.17	sujeito posposto	.54	pós-verbal	.17

Como podemos notar na tabela, não há uniformidade na divisão desse grupo de fatores, visto alguns autores se utilizarem apenas de duas categorias de classificação para o grupo de fatores (MONGUI-LHOTT & COELHO, 2002; GAMEIRO, 2005), enquanto outros autores propõem uma divisão em quatro categorias (SCHERRE & NARO, 1998, por exemplo). Em nosso trabalho, optamos também pela divisão em quatro categorias,

considerando, além da posição de anterioridade ou posterioridade, o distanciamento do sujeito em relação ao verbo.

É possível notar semelhança parcial entre os resultados (observação horizontal da tabela), pois, para sujeitos pré-verbais, nota-se, nas pesquisas, uma tendência desse fator a influenciar positivamente a aplicação da CV (PRs de .53, .62, .58, .69, .58). Por outro lado, na observação da categoria *sujeito pós-verbal* (sujeito posposto ao verbo), considerando os pesos relativos apresentados, é possível afirmar que essa categoria influencia negativamente a CV (PRs de .10, .08, .17, .54, .17).³¹

Ao considerar o estudo realizado por Scherre e Naro (1998), chega-se à conclusão de que, à medida em que o sujeito distancia-se do verbo, gradativamente esse deixa de influenciar positivamente a aplicação da CV, visto haver uma diminuição dos PRs, afirmação constatada na leitura vertical da tabela, que indica os seguintes PRs: .62, .55, e .39. Da mesma forma, em nossa pesquisa, ainda que de forma menos discreta, uma leitura vertical aponta os seguintes PRs .53, .50, e .48. A diferença entre os resultados apresentados por Scherre e Naro (1998) e os resultados apresentados nessa pesquisa podem, então, residir na opção de categorização do grupo de fatores, considerando uma pesquisa realizada para o português escrito do período arcaico. Uma categorização semelhante à de Scherre e Naro (1998) poderia evidenciar diferentes resultados.

4.1.8 Traço semântico do sujeito

Conforme supusemos, um sujeito que apresentasse traço [+humano] tenderia a um maior índice de aplicação da CV do que um sujeito que não tivesse características humanas.

³¹ O peso relativo (.54) apresentado por Gameiro (2005), para o fator *sujeito posposto*, a princípio, pode contradizer o afirmado, porém, ao efetuar uma análise comparativa com a outra categoria proposta pela autora (*sujeito anteposto*, PR de .69), é possível afirmar que essa categoria influencia positivamente a aplicação da CV e a categoria *sujeito posposto* influencia negativamente a CV (remetemos o leitor à afirmação de Naro (2003), p. 80, deste trabalho).

Da mesma forma, acreditávamos, embasados em trabalhos anteriores, que sujeitos animados apresentassem maior frequência de CV que sujeitos inanimados. Vejamos os resultados na tabela 17 e gráfico 7.

Tabela 17: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *traço humano do sujeito*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
humano	2040/2805	73%	.53
animado	15/26	58%	.47
inanimado	259/477	54%	.34

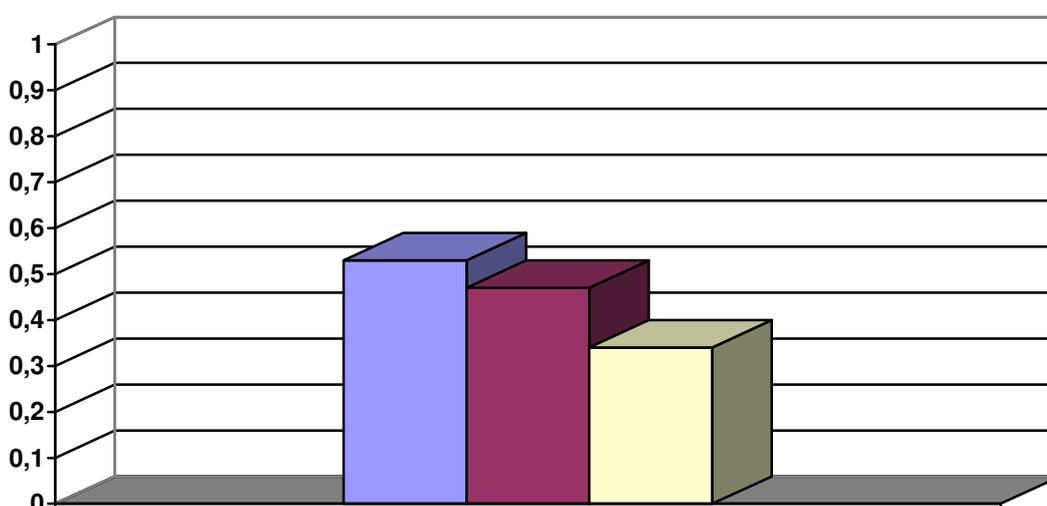


Gráfico 7: Presença de CV em relação ao *traço semântico do sujeito*

Os dados analisados mostraram, de acordo com nossas expectativas, que sujeitos que codificam referentes humanos tendem a influenciar positivamente a CV. Em acordo com essas expectativas, a frequência de aplicação de plural para o tipo de sujeito com traço [+] *humano* ((44) e (45)) foi de 73% e o PR foi de .53. Para sujeitos animados ((46) e (47)) (não-humanos), o índice foi de 58% e o PR foi de .47, ou seja, superior aos índices de frequência e PR de CV em ocorrências com sujeito inanimado ((48) e (49)) (54% e PR .34, respectivamente). Portanto, contextos em que figuram sujeitos inanimados tendem a ser contextos em que há um refreamento da CV.

- (44) *os político* **tão** passando a mão em tudo
[AC-067, l. 414]
- (45) *os cara* **bate** mesmo se *eles* pegar
[AC-031, l. 15]
- (46) e *os pe::ixes::...* **andam** mu::ito prá lá né...
[AC-011, l. 154]
- (47) eu admirava de ver *os burros* **obedecer** o meu pai..
[AC-123, l. 210]
- (48) eu acho que que que *as leis* **deveriam** ser mais severas
[AC-071, l. 270]
- (49) aí *as coisa* **muda** né... aí cê muda totalmente... o teu modo de pensar
[AC-072, l. 678]

Apesar de todos os tipos de sujeito terem apresentado índices de CV acima dos 50%, notamos que apenas os sujeitos com traço [+ *humano*] exibiram um percentual de pluralização acima da média geral de aplicação de CV para a amostra (70%), pois os sujeitos com traço [- *humano*], sejam eles [- *animados*] ou [+ *animados*] apresentaram uma frequência abaixo da média geral.

4.1.8.1 Comparação de resultados

Na tabela abaixo, expomos os resultados de Mongilhott & Coelho (2002) para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito*, em comparação com os resultados obtidos nesta pesquisa. Ainda que não haja a mesma categorização do grupo, é possível notar que sujeitos com traço [+ *humano*] têm o mesmo comportamento nas duas pesquisas, ou seja, contribuem para a aplicação da CV; sujeitos com traço [- *humano*] (animados ou inanimados) influenciam negativamente a CV.

Tabela 18: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito*, obtidos em pesquisas sobre o PB

VARIEDADE	SJRP	FLORIANÓPOLIS-SC (MONGHILHOTT & COELHO, 2002)
T. SEMÂNTICO DO SUJ.		
humano	.53	.55
animado	.47	-
inanimado	.34	-
não-humano	-	.28

4.1.9 Faixa etária

Para o grupo de fatores *idade*, após a consulta bibliográfica, tínhamos a expectativa de que falantes de maior idade tivessem maior probabilidade de realizar a CV, visto que são menos propensos a aceitar mudanças no sistema lingüístico que fujam à norma. Vejamos os resultados para esse grupo de fatores na tabela e gráfico abaixo.

Tabela 19: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *idade*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
7 a 15 anos	343/609	56%	.39
16 a 25 anos	405/539	75%	.50
26 a 35 anos	387/565	68%	.44
36 a 55 anos	584/776	75%	.56
mais de 55 anos	595/819	73%	.57

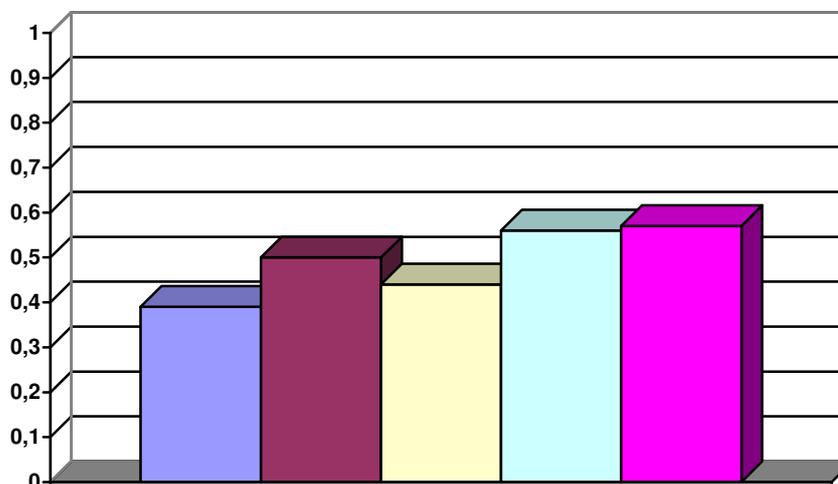


Gráfico 8: Presença de CV em relação à faixa etária

A hipótese de que faixas etárias mais elevadas tivessem maior propensão a manter a regra de CV, ou seja, tendessem a fazer maior uso da forma padrão, foi confirmada em parte, já que, comparando-se as faixas extremas da tabela, temos pesos relativos e frequências de valores díspares. Para a faixa de menor idade (7 a 15 anos), a frequência de aplicação de plural foi de apenas 56% e o PR foi de apenas .39, enquanto, para a faixa etária de maior idade (mais de 55 anos), os valores se elevaram para 73% de frequência de pluralização e .57 de PR.

Um fato relevante a ser considerado e que pode explicar o menor índice de CV da faixa etária compreendida entre 7 e 15 anos é que não há, nessa faixa etária, informantes de nível superior, já que os informantes entrevistados, e quaisquer outros jovens com o limite de idade de 15 anos, cursaram, no máximo, até o 1º ano do ensino médio. Conforme citado anteriormente, o grau de escolaridade é um fator de grande relevância para o aumento da frequência e probabilidade de aplicação da CV.

Vale a pena observar que, na consideração apenas do PR, confirma-se a hipótese de que as faixas etárias mais novas são as que fazem o maior uso da variante não-padrão. Informantes de 16 a 25 anos são indiferentes à aplicação de marcas de plural nos verbos e, para informantes de 7 a 15 anos e de 26 a 35 anos, a tendência de aplicação de plural é baixa, com PR inferior a .50.

A fim de explicitar melhor os resultados obtidos na consideração do grupo de fatores faixa etária, efetuamos o cruzamento deste com os demais grupos de fatores sociais.

4.1.9.1 Cruzamento entre o grupo de fatores *escolaridade* e o grupo de fatores *faixa etária*

Busca-se no cruzamento dos grupos de fatores *escolaridade* e *faixa etária* verificar se o comportamento para a faixa etária se repete em todas as categorias de escolaridade, ou se cada categoria tem um comportamento diferente.

Tabela 20: Cruzamento entre os grupos de fatores *escolaridade* e *faixa etária*

idade escolaridade	7 a 15 anos		16 a 25 anos		26 a 35 anos		36 a 55 anos		+ de 55 anos	
	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F
1º ciclo EF	71	76/107	49	27/55	18	15/84	62	68/109	61	131/215
2º ciclo EF	48	164/339	76	142/187	58	104/180	69	140/204	59	103/174
E. Médio	63	103/163	81	83/103	84	92/109	75	177/236	72	113/156
E. Superior	♦	♦	79	153/194	92	176/192	88	199/227	91	248/274

No comportamento geral, à exceção da primeira faixa etária, em todas as demais, o índice de CV cresce gradativamente com o avanço do nível de escolaridade. Há, entretanto, um distanciamento significativo da média de CV encontrada na comunidade, variando de 52 pontos percentuais, como é o caso do grupo de informantes com 1º ciclo do EF da 3ª faixa etária (18% de CV), até 11 pontos percentuais, como se verifica para o grupo de informantes com 2º ciclo do EF e com mais de 55 anos (91% de CV).

A taxa de CV (71%) para informantes de faixa etária entre 7 e 15 anos com escolarização mínima (1º ciclo do EF) é uma das correlações para as quais não temos uma hipótese explicativa suficientemente sustentável. Dados sociais desses quatro informantes de 7 a 15 anos poderiam fornecer uma explicação mais sustentável para o alto índice de CV presente em suas amostras de fala: todos têm entre 10 e 11 anos; dois têm família com renda média de mais de 15 salários mínimos e dois de 6 a 10 salários mínimos; três deles convivem com pessoas de alto nível de escolaridade e estudam em escolas privadas.

Outro resultado a explicar é o baixíssimo índice de CV dos informantes de 1º. Ciclo do Ensino Fundamental e de faixa etária entre 26 a 35 anos. A hipótese explicativa mais plausível parece ser mesmo o pouco contato e o distanciamento em relação aos padrões normativos e, em conseqüência, a ocupação profissional desses indivíduos que não lhes garante uma ascensão lingüística. Poder-se-ia ainda afirmar que essa faixa não tem escolaridade proporcional, pois tem idade para possuir curso superior e, porém, possuem somente o antigo primário.

4.1.10 Gênero

Nas comunidades urbanas do mundo ocidental, há uma tendência de que falantes do gênero feminino usem mais as formas de prestígio que falantes do gênero masculino, ou seja, normalmente os representantes do gênero feminino buscam aproximar sua fala da variedade padrão. Além disso, esse segmento social se mostra mais conservador se as mudanças lingüísticas operam em sentido oposto à variedade padrão; do contrário, é mais inovador quando a mudança privilegia a forma mais prestigiada.

A hipótese para esse grupo de fatores era a de que informantes do gênero feminino apresentassem em suas amostras de fala um maior índice de CV do que os do gênero masculino, assim como encontrado em outros estudos presentes na bibliografia pesquisada. Vejamos os resultados na tabela 21 e no gráfico 9.

Tabela 21: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores gênero

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
	%	F	
 masculino	68%	1.129/1.666	.47
 feminino	72%	1185/1642	.53

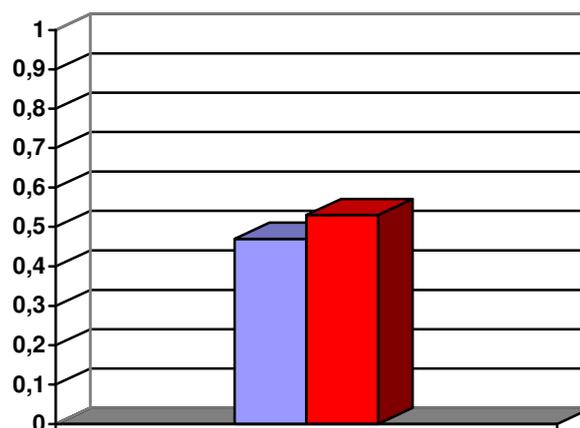


Gráfico 9: Presença de CV em relação ao gênero

Observa-se, nos resultados apresentados acima, índices de frequência e de PR de CV maiores para informantes do gênero feminino (72% e .53) do que para informantes do gênero masculino (68% e .47), como previa a hipótese.

4.1.10.1 Comparação de resultados

Ao compararmos a atuação do grupo de fatores *gênero* na CV para diferentes variedades do PB, podemos notar grande regularidade nos resultados, os quais confirmam a premissa sociolinguística de maior tendência de representantes do gênero feminino seguir os padrões normativos da língua.

Tabela 22: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *gênero*, em variedades do PB

VARIEDADE	SJRP – SP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO, 1998)	RIO BRANCO (RODRIGUES, 1997)	SÃO CARLOS (MONTE, 2007)
GÊNERO				
masculino	.47	.45	.46	.45
feminino	.53	.54	.53	.55

4.1.10.2 Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *paralelismo formal – nível oracional*.

Considerando os índices e os pesos relativos apresentados pelos representantes do gênero feminino e do gênero masculino, buscamos, por meio do cruzamento deste grupo de fatores com o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, verificar se o comportamento dos dois estratos sociais permanece semelhante, ou se demonstra características diferentes para a variável lingüística em questão .

Tabela 23: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *paralelismo formal – nível oracional*

paral. formal – N.O.	sexo/gênero	masculino		feminino	
		%	F	%	F
presença da forma de plural		75	802/1072	81	921/1142
ausência da forma de plural		31	48/157	31	43/137
presença da forma de plural (SPrep)		62	8/13	64	9/14
ausência da forma de plural (SPrep)		47	17/36	60	27/45
numeral		55	11/20	65	15/23
neutralização		75	6/8	78	21/27

Ao analisarmos o cruzamento acima, verifica-se que as amostras de representantes do gênero feminino apresentam maior índice de aplicação de plural nos verbos para os contextos em que há a forma de plural no último ou único elemento do SN-sujeito, contudo, para a categoria ausência de plural no último ou único elemento do SN-sujeito, os percentuais apresentados são exatamente os mesmos, demonstrando que, informantes do gênero feminino são mais sensíveis ao princípio do paralelismo formal do que os do gênero masculino, pois, em ocorrências em que há a marca de plural nos sujeitos, aqueles realizam mais a CV do que estes.

4.1.10.3 Cruzamento dos grupos de fatores *escolaridade e gênero*

Abaixo, na tabela 24, apresentamos o cruzamento dos grupos de fatores sociais *escolaridade e gênero*.

Tabela 24: Cruzamento dos grupos de fatores *escolaridade e gênero*

escolaridade \ gênero / sexo	Masculino		feminino	
	%	F	%	F
1º ciclo do E. Fundamental	69	169/245	46	148/325
2º ciclo do E. Fundamental	55	336/612	67	317/472
Ensino Médio	71	316/443	78	252/324
Ensino Superior	84	308/366	90	468/521

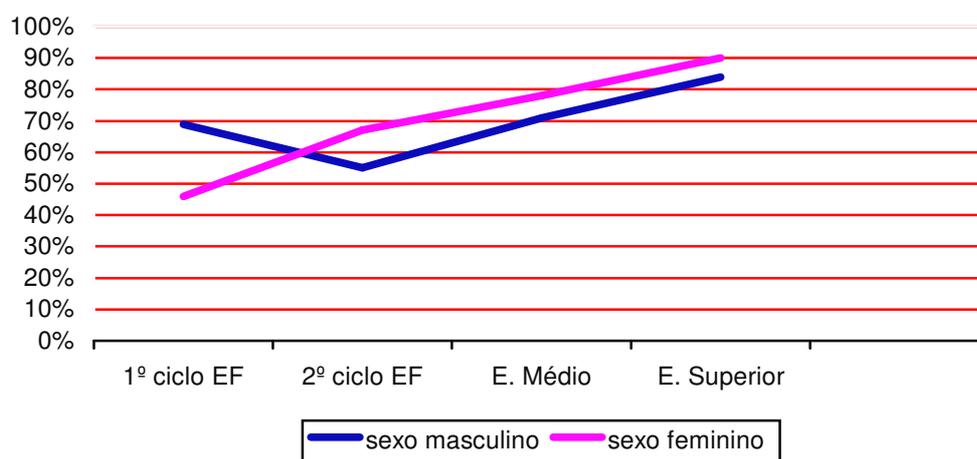


Gráfico 10: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero e escolaridade*

Ao observarmos o índice de CV apenas entre informantes que possuem o 1º ciclo do Ensino Fundamental, verificamos que os representantes do gênero masculino realizam a CV com maior frequência do que os do gênero feminino, o que, contudo, não é observado entre os informantes dos demais níveis de escolaridade, nos quais informantes do gênero feminino aplicam mais as marcas de plural do que os do sexo masculino.

Em Rubio (2006), demonstramos que representantes do gênero feminino e os mais escolarizados são mais sensíveis ao significado social das variáveis lingüísticas, e, desse

modo, buscam se adequar mais à norma culta, em situações de maior preconceito lingüístico, como é o caso da não-concordância de 3PP.

Por meio do gráfico acima, vemos que tanto informante do gênero masculino quanto os do gênero feminino, a partir do momento que adquirem um grau de escolaridade mais elevado, tendem a aplicar com maior freqüência marcas de plural nos verbos. O índice de pluralização cresce gradativamente, subindo de 69% para 84%, no caso dos informantes masculinos, e saltando de 46% para 90%, no caso dos informantes do gênero feminino. A diferença entre o aumento de percentual dos representantes do gênero masculino e dos representantes do gênero feminino reside na atuação do fator escolaridade em conjunto com o fator gênero. Como já mencionamos anteriormente, representantes do gênero feminino possuem maior sensibilidade à estigmatização de uma variedade lingüística, da mesma forma que os falantes mais escolarizados também a possuem; dessa forma, as duas forças atuam em conjunto e fazem com que as freqüências aumentem em maior proporção do que para os falantes do gênero masculino.

4.1.10.4 Cruzamento dos grupos de fatores *posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo e gênero*

Seguem abaixo a tabela e o gráfico referentes ao cruzamento dos grupos de fatores *posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo e gênero*.

Tabela 25: Cruzamento dos grupos de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo e gênero*

pos. do sujeito sexo/gênero	pré-verbal 0-2 sil.		pré-verbal 3-10 sil.		pré-verbal + de 10 sil.		pós-verbal	
	%	F	%	F	%	F	%	F
masculino	70	738/1061	57	53/93	50	8/16	23	17/73
feminino	76	876/1146	65	75/116	75	12/16	15	10/65

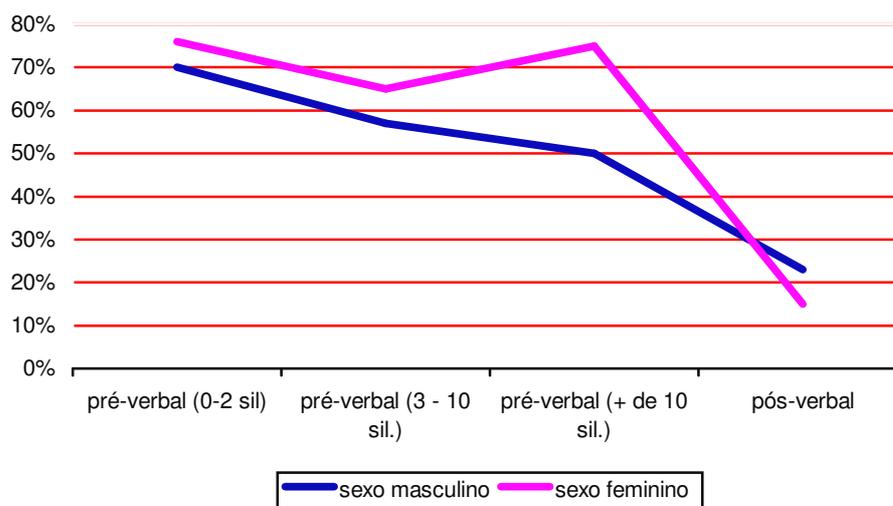


Gráfico 11: Cruzamento dos grupos de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação verbo e gênero*.

Pelo cruzamento dos fatores representados no gráfico acima, é interessante notar que os índices para falantes do gênero feminino são mais elevados em todos os contextos de sujeito anteposto ao verbo e, somente no contexto de posposição do sujeito, é que os percentuais se invertem, e falantes do gênero masculino realizam a CV com maior frequência do que os do gênero feminino.

Como já mencionado anteriormente, acreditamos que integrantes do gênero feminino, por serem mais sensíveis ao significado social das variantes lingüísticas e evitarem formas menos prestigiadas dentro da comunidade, em contextos de sujeito anteposto, em que se nota com maior clareza a relação de concordância, evitam a não aplicação da CV, porém, para contextos de posposição do sujeito, em que a relação de concordância interposta entre sujeito e verbo não é facilmente notável na oralidade, podendo os sujeitos ser facilmente confundidos com objetos da sentença, apresentam, com maior frequência, a não pluralização do verbo. Considerando a ocorrência (50), extraída da amostra de um informante do gênero feminino, pode-se notar que o sujeito da sentença (*aquelas brigas*), posposto ao verbo, facilmente pode ser confundido com o objeto e, assim, não ser pluralizado pelo falante. Entretanto, em

contexto como o de (51), a posição anterior ao verbo faz com que o falante (independentemente do gênero) note com clareza o elemento que se realiza como sujeito da sentença (*uns cara*).

(50) tal aí já **começou** *aquelas brigas* aí... fui pro terceiro colegial
[AC-052, l. 22]

(51) *uns cara* **encanou** com a:: com a Maristela que é:: que era namorado do Luciano
[AC-023, l. 55]

4.1.10.5 Cruzamento dos grupos de fatores *idade e gênero*.

Na tabela 26 abaixo, estão expressos os resultados obtidos para o cruzamento **dos grupos de fatores *idade e gênero***.

Tabela 26: Cruzamento dos grupos de fatores *idade e gênero*

escolaridade sexo/gênero	7 a 15 anos		16 a 25 anos		26 a 35 anos		36 a 55 anos		+ de 55 anos	
	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F
masculino	58	221/382	75	224/299	71	193/270	74	255/345	64	236/370
feminino	54	122/227	75	181/240	66	194/295	76	329/431	80	359/449

Pelo cruzamento acima podemos notar que as diferenças de percentual entre o gênero masculino e o feminino não são muito marcantes, na maioria das faixas de idade, não ultrapassando os cinco pontos percentuais. Na faixa etária mais avançada, a diferença entre os percentuais de CV de falantes do gênero masculino e do gênero feminino chega a 16%, o que não deixa de ser uma diferença significativa, que, sem dúvida, contribuiu, inclusive, para que a taxa de pluralização feminina superasse a taxa de pluralização dos informantes do gênero masculino. O alto índice dessa faixa etária pode explicar também o PR elevado para esta faixa etária (.57), e nos leva a afirmar que, considerando somente os informantes do gênero

feminino, a hipótese de que os mais idosos são mais resistentes à forma inovadora confirma-se para a subamostra.

4.1.11 Tipo morfológico do sujeito

O grupo de fatores *tipo de sujeito* foi controlado por julgarmos que algumas estruturas que ocupam a função de sujeito podem influenciar negativa ou positivamente a aplicação da regra de CV, conforme se observa na bibliografia pesquisada. Há uma tendência para a não-aplicação da CV em orações com sujeitos compostos, quando o núcleo adjacente ao verbo se encontra no singular (como em (60), a seguir); para sujeitos compostos que possuem o núcleo adjacente ao verbo no plural (como em (59)), a expectativa era de que houvesse uma maior pluralização do verbo. Essa tendência pode estar relacionada com o grupo de fatores *paralelismo formal de nível oracional*, visto que sujeitos compostos com o último de seus núcleos no singular não apresentam o ‘s’ característico de plural no último elemento do SN-sujeito, o que não ocorre, no entanto, com os sujeitos compostos que possuem o último núcleo do SN-sujeito pluralizado que, dessa forma, exibem o “s” de plural no último elemento do SN-sujeito. Para sujeitos do tipo *pronome pessoal* (como em (52)), a tendência geral é a de que haja uma maior probabilidade de CV, o que pode ser explicado também pela correlação existente entre os grupos de fatores *tipo de sujeito*, *posição do sujeito* e *paralelismo formal*, conforme já mencionamos anteriormente, por não ocuparem a posição pós-verbal e por trazerem em sua estrutura sempre a terminação “s” de plural, características que influenciam positivamente a pluralização dos verbos (v. MONGUILHOTT & COELHO, 2002).

Para o sujeito desinencial (como em (53)), a expectativa era a de que houvesse um índice elevado de aplicação da pluralização, já que não há, nesses casos, um referente presente no período, a fim de desfazer possíveis ambigüidades quanto ao número ou a pessoa representada no evento.

Abaixo, além das ocorrências exemplificativas de cada caso, relacionamos também os outros tipos de sujeitos, os quais foram controlados em nossa pesquisa, são eles: SN-pleno simples (54), pronome relativo (55), quantificador (56), pronome indefinido (57), pronome demonstrativo (60) e SN-pleno nu (61).

- (52) *eles ligaram* lá lá em casa falando que tinham encontrado a caminhonete
[AC-001, l. 49]
- (53) o ano inteiro *eles* não procuram ninguém \emptyset só *treinam* assim eh:: menina de doze treze anos
[AC-074, l. 232]
- (54) ele tava branco pálido *os lábios dele tavam* branco
[AC-109, l. 105]
- (55) você começa dá muito detalhizinho coisas *que saturam* que enjoam
[AC-109, l. 610]
- (56) *muitos pensam* isso entendeu?...
[AC-072, l. 620]
- (57) outro é arquiteto *outros tocam* na no::ite
[AC-109, l.155]
- (58) *as reuniões e os cursos são* feitos pelas mesmas pessoas todo mundo é capacitado
[AC-086, l. 335]
- (59) *o bandido e o menor matou roubou* o celular e foi embora..
[AC-071, l. 250]
- (60) o avião decola ou pra São Paulo ou pra Cuiabá e *esses são* os procedimentos nossos
[AC-051, l. 356]
- (61) só *homens faziam* parte do cenário político brasileiro
[AC-085, l. 370]

Vejam os resultados para cada um dos fatores desse grupo.

Tabela 27: Freqüência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *tipo de sujeito*

CATEGORIA	FREQÜÊNCIA DE PLURAL	PESO RELATIVO
pronome pessoal	931/1157	80%
desinencial	529/726	73%
SN-pleno simples	461/788	59%
pronome relativo	248/388	64%
quantificador	26/46	57%
pronome indefinido	52/68	76%
SN-pleno comp. c/ núcleo adj. no sing.	32/85	38%
SN-pleno comp. c/ núcleo adj. no plural	16/22	73%
pronome demonstrativo	9/14	64%
SN-pleno nu	10/14	71%

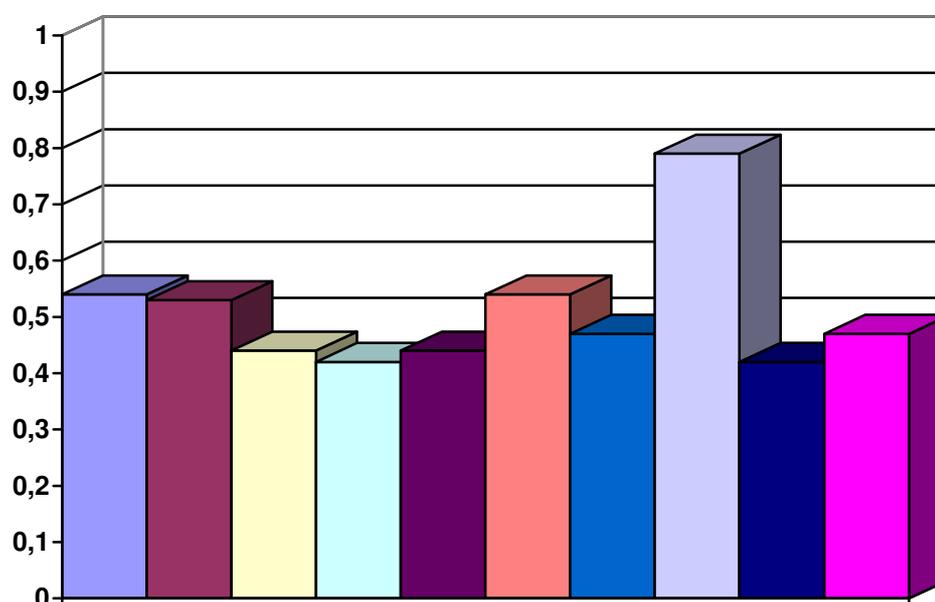


Gráfico 12: Presença de CV em relação ao tipo de sujeito

A hipótese proposta, que previa uma alta freqüência de plural para os sujeitos do tipo *pronome pessoal*, foi confirmada parcialmente, pois esse tipo de sujeito apresentou um percentual alto (80%) de marcação de plural nos verbos e um PR considerado apenas médio (.54), se comparado a outros PRs da tabela. A alta taxa de freqüência pode ser explicada por não ter havido uma única estrutura do tipo pronome pessoal em posição pós-verbal, nas amostras submetidas à análise, o que, como já citado, contribui para um aumento da freqüência de pluralização nos verbos.

O sujeito do tipo *SN pleno composto com núcleo adjacente ao verbo no singular*, também como previsto, demonstrou baixa frequência de aplicação da regra de CV (38% de frequência de plural), o que pode ser explicado também pelo cruzamento desse fator com outros fatores, como *paralelismo formal de nível oracional*, como mencionado anteriormente, e *posição do sujeito em relação ao verbo*.

Para o tipo *sujeito composto com núcleo adjacente ao verbo no plural*, tanto frequência quanto PR ficaram acima da média (73% e PR .79), o que pode ser explicado se considerarmos o fato de que a pluralização do elemento mais próximo do verbo contribui para a marcação de plural nos verbos.

Os *sujeitos do tipo desinencial*, como esperado, demonstraram influenciar positivamente a pluralização nos verbos e apresentaram, para a amostra, um percentual de 73% de CV e um PR de .53, o que, como já dissemos, é explicável pela necessidade, na maioria dos casos, da marcação número-pessoal nos verbos devido à ausência formal do sujeito na sentença, ou seja, somente pela aplicação de plural nos verbos é que a ambigüidade do referente é evitada.

Os tipos de *sujeitos SN-pleno nu* e *SN-pleno simples* apresentaram, respectivamente, frequências de 71% e 59% e PRs de .47 e .44. Acreditamos que a diferença evidenciada entre ambos possa estar relacionada ao fato de, na categoria em que um SN-pleno nu figura como sujeito (como em (63)), haver, necessariamente, a presença de plural no elemento nuclear e único do SN-sujeito, o que contribui para a marcação de plural nos verbos. Para os SNs-pleno simples (como em (62)) nem sempre há a pluralização do elemento nuclear do sujeito, sendo possível ocorrer a pluralização apenas do determinante, fator que influencia negativamente a CV.

(62) *os moleque tava* de bicicleta descendo a avenida

[AC-015, l. 25]

(63) *homens traem... mulheres são* traídas

[AC-056, l. 362]

Pela discordância de valores entre as frequências e os pesos relativos, fica-nos clara a atuação de outros fatores, o que demanda uma maior atenção ao cruzamento desse grupo de fatores com outros.

4.1.11.1 Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível oracional e tipo morfológico do sujeito*

O cruzamento entre esses dois grupos foi realizado com o intuito de verificar se diferentes tipos de sujeitos, dentre os quais aqueles que trazem obrigatoriamente a marca de plural em seu único ou último elemento (*pronome pessoal*, por exemplo), podem apresentar comportamento diferente dos demais, para os quais a marca de plural no único ou último elemento do *SN-sujeito* é facultativa (*SN-pleno simples*, por exemplo).

Ao efetuarmos o cruzamento do grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional* com o grupo de fatores *tipo de sujeito*, pudemos observar que, de um total de 2.694 ocorrências analisadas para o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, destacam-se, em números absolutos, os tipos de sujeito *pronome pessoal*, *SN-simples* e *pronome relativo*, conforme resultados mostrados na tabela 28.

Tabela 28: Cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal – nível oracional e tipo morfológico de sujeito*.³²

Paral. formal – N.O. tipo de sujeito	Presença da forma plural		Ausência da forma plural		Presença da forma plural (SPrep)		Ausência da forma plural (SPrep)		Numeral		neutralização	
	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F
pleno simples	78	343/438	23	39/167	50	4/8	64	27/42	*	*	77	20/26
pleno nu	80	8/10	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Comp. núcl. adj. sing.	*	*	50	29/58	0	0/1	33	1/3	*	*	*	*
comp. núcl. adj. pl.	100	11/11	25	1/4	*	*	*	*	100	1/1	*	*
pronome pessoal	81	930/1154	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Pron. indefinido	80	45/56	0	0/3	100	1/1	100	3/3			33	1/3
Pron. demonstr. quantificador	70	7/10	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Pron. relativo ³³	83	5/6	*	*	*	*	*	*	63	18/29	*	*
desinencial	70	201/273	35	14/40	63	5/8	28	5/18	57	4/7	*	*
	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

Como se pode observar, a presença da marca de plural quando se trata de pronome pessoal de 3PP leva à CV em 81% dos casos (930/1154) e, complementarmente, à não-concordância em 19% dos casos. Segue em (64) um desses casos.

(64) *eles vão* ver televisão no meu quarto comigo dormindo

[AC-114, l. 580]

Cabe observar, a partir de (64), que esse pronome (*eles*) tem a característica de aparecer como único elemento do SN-sujeito, tornando, assim, clara a necessidade de receber a marca de plural, a fim de não haver ambigüidade com sua contraparte singular (*ele*). Logo, todos os casos de *pronome pessoal* apresentavam o último (e único) elemento do SN-sujeito com a marcação de plural, o que vem a influenciar a marcação de plural nos verbos, como se verifica nos resultados da tabela 19. Os sujeitos do tipo *SN-pleno nu* e do tipo *pronome*

³² A nomenclatura das categorias da tabela foi apresentada aqui de forma abreviada, porém, para dirimir possíveis dúvidas quanto à classificação, remetemos o leitor ao capítulo anterior, o qual trata das variáveis consideradas em nosso trabalho.

³³ Para o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, embora o *que* (pronome relativo) seja considerado o sujeito da oração, consideramos a presença ou ausência da forma plural no referente ao qual ele se reporta (*cedeu pras pessoas que morava no Gonzal/ lá no Gonzaga de Campo*).

demonstrativo também apresentam todas as suas ocorrências com presença de marcas de plural, contudo, com um número reduzido de ocorrências.

Não obstante, o pronome pessoal, como veremos mais adiante, possui uma posição quase fixa na estrutura da sentença, ocupando, na quase totalidade das orações, a posição anterior e próxima ao verbo, o que, como se observou em outros trabalhos, também influencia positivamente a CV. Portanto, consideramos que o alto índice de CV apresentado para o fator *presença da forma plural no último ou único elemento do SN-sujeito* pode ser explicado, em parte, pelo grande número de ocorrências em que o pronome pessoal figura como SN-sujeito da oração.

Observa-se que os percentuais caem para os outros tipos de sujeitos, quando estes apresentam ocorrências em outras categorias do grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, como nos casos de sujeitos do tipo *SN-pleno simples*, que apresentam apenas 23% de CV nas ocorrências com a ausência da forma plural “s” no último ou único elemento do SN-sujeito (como em (65)). Em (66), pode-se constatar a não-adjacência dos constituintes S e V, por se tratar de sujeito pleno simples (*os aluno*), imediatamente ao qual se seguem um advérbio (*daqui*) e uma partícula de negação (*num*).

(65) daí num pode gritar muito alto só pá quem *as vaca* **conhece** assim... que vai bastante

[AC-004, l. 311]

(66) *os aluno* daqui num **era** muito::... muito quieto né?...

[AC-015, l.811]

4.1.11.2 Cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e gênero*

Exibimos a seguir a tabela de cruzamento entre o grupode fatores gênero e o grupo de fatores tipo morfológico do sujeito.

Tabela 29: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero e tipo morfológico do sujeito*³⁴

tipo de sujeito \ sexo/gênero	masculino		feminino	
	%	F	%	F
pronome pessoal	77	463/602	85	469/555
desinencial	74	313/424	72	216/302
SN-pleno simples	53	176/332	63	285/456
pronome relativo	59	108/184	69	140/204
quantificador	52	13/25	62	13/21
pronome indefinido	68	23/34	85	29/34
composto (n. adj. no sing.)	44	16/36	33	16/49
composto (n. adj. no plural)	64	7/11	82	9/11
pronome demonstrativo	56	5/9	80	4/5
SN-pleno nu	56	5/9	100	5/5

Fato interessante a ser notado no cruzamento acima é que falantes do gênero feminino apresentam maiores percentuais de aplicação da CV para a maioria das categorias do grupo de fatores *tipo de sujeito*. Observemos que, na primeira categoria, referente aos sujeitos do tipo *pronome pessoal*, os falantes do gênero feminino apresentam um percentual maior de aplicação da regra (8% a mais que os de gênero masculino), o que poderia ser explicado se levássemos em consideração o fato de nessas formas a percepção do elemento responsável pela pluralização (núcleo do SN-sujeito) ser mais evidente, pela anteposição e proximidade do sujeito em relação ao verbo e, ainda, pela presença, em todas as ocorrências, da forma “s” no pronome. Da mesma forma, para sujeitos do tipo *SN-pleno simples* e do tipo *composto com núcleo adjacente no plural*, também há uma maior aplicação da CV neste mesmo segmento social, o que atribuímos ao fato de, em contexto em que esses SNs trazem seu último

³⁴ Ainda que estejamos propondo o cruzamento do grupo de fatores *tipo de sujeito* com os demais grupos de fatores, optamos pela inversão da tabela, com o fator *tipo de sujeito* apresentado na vertical, visto que ele possui 10 categorias diferentes. Essa estratégia visa facilitar a leitura e não acarretará alterações nos resultados.

elemento pluralizado, estando ele ou não inserido em um SPrep, os representantes do gênero feminino aplicarem com maior frequência as marcas de pluralização no verbo. O padrão de comportamento feminino frente essas categorias se repete para outras: *pronome relativo*, *quantificador*, *pronome indefinido*, *pronome demonstrativo* e *SN-pleno nu*, todas frente às quais os representantes do gênero feminino reagem de modo mais conservador do que o masculino, já que, com maior frequência fazem uso da variante presença de marcas de plural nos verbos. Os demais contextos em que esse comportamento de gênero se inverte são considerados contextos em que não há grande estigmatização social, caso o falante não realize a CV. São eles: sujeitos do tipo *desinencial*, para os quais há grande distanciamento do referente em relação ao sujeito, e os sujeitos compostos com núcleo adjacente ao verbo no singular, fator que, muitas vezes, leva o falante à confusão entre um referente plural ou um referente singular.

O que estamos buscando evidenciar é um comportamento lingüístico típico de gênero, ou seja, na comunidade de fala pesquisada integrantes do gênero feminino evitam situações em que seja de fácil percepção a falta de CV. Nesses casos, o gênero feminino é mais conservador e aplica com maior frequência as marcas de plural nos verbos, porém, o comportamento não é o mesmo quando se trata de contextos que podem propiciar certa “confusão” na aplicação da CV (casos de sujeito desinencial, de sujeito posposto ou de sujeito composto com núcleo mais próximo ao verbo no singular), casos, então, em que a diferença lingüística de gênero se anula ou em que o gênero masculino supera o feminino na pluralização verbal.

4.1.11.3 Cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e escolaridade*

Realizamos o cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e escolaridade* com o intuito de verificar se o comportamento dos falantes com níveis mais altos de escolaridade guarda semelhança com o comportamento dos falantes do gênero feminino. Observemos os resultados.

Tabela 30: Cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e escolaridade*.

escolaridade tipo de sujeito	1º ciclo do EF		2º ciclo do EF		Ensino Médio		Ensino Superior	
	%	F	%	F	%	F	%	F
pronome pessoal	63	134/212	73	278/381	89	238/268	95	282/296
desinencial	59	76/128	67	154/230	76	139/183	86	160/185
SN-pleno simples	38	41/107	47	135/285	57	94/166	83	191/230
pronome relativo	53	34/64	50	56/113	60	57/95	87	101/116
quantificador	27	3/11	54	7/13	73	8/11	73	8/11
pronome indefinido	90	18/20	60	9/15	74	14/19	79	11/14
composto (n. adj. no sing.)	32	7/22	28	8/29	65	11/17	35	6/17
composto (n. adj. no plural)	75	3/4	44	4/9	100	4/4	100	5/5
pronome demonstrativo	*	*	17	1/6	100	3/3	100	5/5
SN-pleno nu	50	1/2	33	1/3	*	*	100	8/8

Notemos, por meio do cruzamento acima, que, ao considerarmos os diferentes tipos de sujeito em relação ao grau de escolarização, o comportamento dos falantes mais escolarizados (Ensino Superior), conforme já mencionamos anteriormente, muito se assemelha ao comportamento de falantes do gênero feminino, pois podemos, por exemplo, observar que para os sujeitos do tipo *pronome pessoal*, já caracterizados anteriormente, o índice de aplicação de plural nos verbos se eleva para índices mais altos nos últimos níveis de escolaridade (95%), o que não ocorre para os sujeitos do tipo *composto com núcleo adjacente*

ao verbo no singular, em que as frequências de aplicação da CV de informantes do 1º ciclo (32%) são próximas às de informantes do Ensino Superior (35%) (com exceção apenas para falantes do Ensino Médio, que apresentam um percentual de 65% de CV).

4.1.11.4 Cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e saliência fônica*

Propusemos esse cruzamento apenas como forma de demonstrar que a atuação dos fatores em conjunto pode levar a índices que muito se distanciam da média apresentada para a amostra. Vejamos os resultados.

Tabela 31: Cruzamento dos grupos de fatores *tipo morfológico do sujeito e saliência fônica*

saliência fônica tipo de sujeito	máxima		média		mínima	
	%	F	%	F	%	F
pronome pessoal	99	80/81	88	371/420	73	481/656
desinencial	84	65/77	84	293/349	57	171/300
SN-pleno simples	66	79/119	54	123/228	59	259/441
pronome relativo	74	51/69	76	61/80	57	136/239
quantificador	86	6/7	65	11/17	41	9/22
pronome indefinido	93	13/14	88	14/16	66	25/38
composto (núcleo adjacente no sing.)	36	5/14	47	18/38	27	9/33
composto (núcleo adjacente no plural)	100	5/5	60	3/5	67	8/12
pronome demonstrativo	100	2/2	50	2/4	63	5/8
SN-pleno nu	75	3/4	33	1/3	86	6/7

Dos resultados acima, podemos notar a atuação dos grupos de fatores *saliência fônica* e *tipo de sujeito*, uma vez que em alguns contextos, como *tipo de sujeito pronome pessoal* e verbo de *alta saliência fônica*, o índice de pluralização verbal quase alcançou a casa dos 100 pontos percentuais (99%), resultado que demonstra que esse contexto é altamente favorecedor da CV. Verbos com saliência fônica de nível médio apresentam um percentual pouco mais

baixo (88%), e, ainda assim, superam os índices dos verbos de saliência mínima (73% de CV).

A gradação se mantém para a maioria dos tipos de sujeito, sempre partindo das formas verbais mais salientes para as formas verbais menos salientes, com maiores e menores percentuais, respectivamente; contudo, a exceção se verifica no contexto em que figuram sujeitos do tipo *composto com núcleo adjacente no singular*, para os quais se verificam baixos percentuais em todos os níveis de saliência fônica, com destaque para a saliência máxima, com apenas 36% de aplicação de CV, percentual menor do que a taxa para ocorrências com saliência fônica média (47%).

Ao considerarmos os resultados acima, podemos afirmar que um distanciamento maior do sujeito poderá ocasionar uma menor atuação do grupo de fatores *saliência fônica*, visto este atuar com maior intensidade em contextos em que o pronome pessoal figura como sujeito, ou seja, contexto em que há grande proximidade do sujeito em relação ao verbo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseados nos capítulos precedentes, apresentamos, nessas considerações finais, um breve resumo do que foi tratado, destacando as principais conclusões a que pudemos chegar.

Diante dos resultados apresentados para a CV, foi possível, em primeiro lugar, detectarmos que se trata de um fenômeno de variação, em que a variante padrão (presença da forma plural nos verbos) prevalece sobre a variante não-padrão (ausência da forma plural nos verbos). Todos os fatores propostos para análise foram selecionados como relevantes, em maior ou menor nível de significância.

Por meio da seleção elaborada pelo pacote estatístico VARBRUL, foi-nos possível chegar a uma escala hierárquica de relevância dos fatores internos e externos envolvidos na variação da CV. Abaixo, apresentamos os fatores lingüísticos (internos), colocados em ordem decrescente de relevância:

(67) hierarquização dos fatores lingüísticos

Paralelismo formal - nível oracional > paralelismo formal – nível discursivo > saliência fônica verbal > posição do núcleo do sujeito > traço semântico do sujeito > tipo morfológico do sujeito

Para o grupo de fatores *paralelismo formal - nível oracional*, selecionado como mais relevante, a expectativa foi totalmente confirmada, pois as marcas de plural apresentadas no sujeito influenciaram também a pluralização dos verbos e, em sentido oposto, a falta de marcas do sujeito levou a um menor índice de CV. Os casos de SNs-sujeitos com SPrep no seu interior apresentaram a mesma tendência das ocorrências anteriores, pois, em SPreps com último elemento pluralizado, a frequência de plural se mostrou maior do que em ocorrências em que o último elemento não havia sido pluralizado. Para os numerais, a hipótese também se

confirmou, já que o índice de CV foi menor do que o índice para sujeitos com marcas de plural e maior do que o índice para sujeitos sem marcas de plural no último elemento, o que reforça a hipótese de que o “s” apresentado em alguns numerais pode levar ao acionamento da regra de pluralização dos verbos com maior frequência do que os casos em que não há o “s” de plural.

A hipótese para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo* também foi confirmada, já que, numa seqüência de verbos, aqueles que dispõem de marcação de plural influenciada pelo primeiro da série apresentam índices muito maiores de pluralização do que aqueles em que o primeiro da série não apresenta marcas de plural.

Para o grupo de fatores *saliência fônica*, foi confirmada a hipótese apresentada, a qual previa um maior índice de pluralização verbal em formas que possuem maior saliência fônica se considerada a oposição singular vs. plural. Assim, verbos com saliência máxima evidenciam os maiores índices de frequência e de PR, verbos com saliência média apresentam frequência e PR intermediário e verbos com saliência fônica mínima são os que apresentam menor índice de pluralização. O cruzamento dos grupos *saliência fônica* e *paralelismo formal de nível discursivo* demonstra que esses dois fatores co-atuam na aplicação da CV, pois, para contextos em que a máxima saliência coincide com a presença de plural no verbo anterior, o índice de CV é de 95%, percentual alto, se considerarmos o contexto em que a saliência é mínima e não há a presença de pluralização no verbo anterior, apenas 15% de CV.

Confirmando a hipótese apresentada em outros trabalhos, núcleos do sujeito em posição pós-verbal demonstram influenciar negativamente a pluralização dos verbos e, no reverso desse comportamento, núcleos em posição de anterioridade demonstram influência positiva na CV, o que é evidenciado pelos altos índices de frequência e PR. Para núcleos do sujeito em posição pré-verbal distante do verbo, a previsão de que haveria, nesses casos,

baixos índices e PR para a CV não se confirma, pois essa categoria apresenta comportamento próximo da categoria com núcleos do sujeito antepostos e próximos ao verbo.

A hipótese para o fator *traço semântico do sujeito* foi confirmada, pois, como se previa, sujeitos com traço [+ humano] apresentam índice e PR mais altos de CV do que sujeitos com traço [- humano] e [+ animado], que, por sua vez, superam os sujeitos com traço [- animado].

Conforme a expectativa, concernente ao grupo de fatores *tipo morfológico do sujeito*, sujeitos do tipo *pronome pessoal e composto com núcleo adjacente ao verbo no plural* apresentam altos índices de CV, constatação que pode ser explicada, no primeiro caso, pela relativa fixidez da posição do sujeito em relação ao verbo e também pela presença da forma de plural “s” obrigatória para os pronomes pessoais. No segundo caso, dos sujeitos compostos com núcleo adjacente ao verbo no plural, a alta frequência de CV é consequência também da presença de “s” no último elemento do SN-sujeito.

Sujeitos do tipo desinencial também apresentam frequência relativamente alta, como previa a hipótese, o que pode ser explicado pela necessidade de pluralização nos verbos a fim de evitar ambigüidade de referente, já que este se localiza em oração anterior. A expectativa também se confirma para os sujeitos do tipo *composto com núcleo adjacente ao verbo no singular*, já que as frequências de aplicação de plural são baixas para essa categoria, demonstrando que a ausência de marcas de plural explícitas no sujeito levam, conseqüentemente, a uma menor marcação de plural nos verbos.

Pelo cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo formal de nível oracional e tipo morfológico do sujeito* foi possível observar que a natureza estrutural de alguns sujeitos influencia positivamente a CV, como é o caso do tipo *pronome pessoal*, que possui obrigatoriamente a forma de plural “s” em sua estrutura e encontra-se, na maioria das vezes, em posição anterior e próxima ao verbo.

No quadro abaixo apresentamos para cada um dos grupos de fatores lingüísticos a ordem de relevância de suas categorias internas.

<i>Paralelismo formal – nível oracional</i>		
presença de plural no último elemento do SN-sujeito > presença de plural no último elemento de um SPrep interno ao SN-sujeito > numeral > ausência de plural no último elemento de um SPrep interno ao SN-sujeito > ausência de plural no último elemento do SN-sujeito		
<i>Paralelismo formal – nível discursivo</i>		
verbo anterior com marca de plural > verbo isolado ou primeiro de uma série > verbo anterior sem marca de plural		
<i>Saliência fônica verbal</i>		
máxima > média > mínima		
<i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i>		
pré-verbal distante 0-2 sílabas > pré-verbal distante 3-10 sílabas > pré-verbal distante mais de 10 sílabas > pós-verbal		
<i>Traço semântico de sujeito</i>		
humano > animado > inanimado		
<i>Tipo morfológico de sujeito</i>		
SN-pleno comp. c/ núcleo adj. no plural > Pronome pessoal > pronome indefinido > desinencial > SN pleno nu > SN-pleno comp. c/ núcleo adj. No sing. > SN-pleno simples > quantificador > pronome relativo > pronome demonstrativo		

Quadro 5: Hierarquização dos fatores lingüísticos na CV de 3PP.

Depois de exibidos os fatores lingüísticos responsáveis pela variação na CV, passamos a tratar dos fatores sociais considerados em nosso trabalho e selecionados pelo pacote estatístico VARBRUL, na seguinte ordem decrescente de relevância:

(68) hierarquização dos fatores sociais

escolaridade > idade > gênero

Em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, fator social mais significativo, como previa a hipótese, gradativamente, o aumento dos anos de escolarização dos falantes proporciona maior presença de formas de plural nos verbos, ou seja, falantes com nível de escolaridade máximo apresentam os índices mais altos de CV; falantes com nível mínimo de escolaridade apresentam os menores índices de CV.

Para o fator *idade*, a expectativa, não confirmada totalmente, era de que falantes com maior idade seriam mais resistentes às mudanças e, dessa forma, se valeriam mais da variante considerada padrão. Ainda que a frequência e o PR da CV para informantes da faixa etária de 7 a 15 anos sejam inferiores aos índices das outras faixas, estas não demonstram aumento gradativo de percentual em relação direta com o aumento da idade.

Sobre o gênero em si, a hipótese de que mulheres aplicariam com maior frequência formas de plural nos verbos do que homens foi confirmada, com ressalvas, visto que, embora as frequências de aplicação de CV sejam maiores para o gênero feminino, a diferença apresentada foi de apenas 4 pontos percentuais e .06 de PR. Por meio do cruzamento do grupo de fatores *escolaridade* com o grupo de fatores *gênero* chegamos à conclusão de que a escolarização exerce maior influência sobre falantes do gênero feminino do que sobre falantes do gênero masculino, visto que há uma relação diretamente proporcional entre aumento de escolaridade e aumento de frequência na pluralização do verbo em maior percentual para aqueles do que para estes. É possível notar, pelo cruzamento entre o grupo de fatores *saliência fônica* e o grupo de fatores *escolaridade*, que todos os falantes são sensíveis à saliência fônica dos verbos, porém, os índices de pluralização para informantes com escolaridade maior também são mais elevados.

O quadro abaixo resume a hierarquização interna dos fatores de cada uma das variáveis sociais consideradas.

<i>Escolaridade</i>	
ensino Superior > Ensino Médio > 2º ciclo do ensino fundamental > 1º ciclo do ensino fundamental	
<i>Faixa etária</i>	
mais de 55 anos > 36 a 55 anos > 16 a 25 anos > 26 a 35 anos > 7 a 15 anos	
<i>Gênero</i>	
feminino > masculino	

Quadro 6: Hierarquização dos fatores sociais na CV de 3PP.

Ao efetuarmos o cruzamento do grupo de fatores *gênero* com o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional* foi possível constatar que as situações em que a marcação de plural se faz presente no último elemento do SN-sujeito, ou seja, nos casos em que há a presença da forma de plural no último elemento, as amostras do gênero feminino apresentam maior aplicação do plural, o que não se verifica nas ocorrências com ausência da forma de plural, nas quais os índices para o gênero feminino e masculino se equivalem. Portanto, em contextos nos quais a necessidade de pluralização se evidencia com maior facilidade, representantes do sexo feminino realizam mais a CV.

Fato a ser destacado no cruzamento do grupo de fatores *tipo morfológico do sujeito* com o grupo de fatores *gênero* é o índice maior de aplicação de plural dos falantes do gênero feminino para as ocorrências em que o falante tem maior percepção do elemento responsável pela pluralização nos verbos. Para situações em que não há a mesma clareza sobre esse elemento (casos de sujeito composto com núcleo adjacente no singular), ocorre a inversão de percentuais, e os falantes do gênero masculino apresentam índices maiores. O mesmo comportamento é observado para o grupo *escolaridade*, pois o cruzamento desse grupo com o grupo de fatores *tipo morfológico de sujeito* mostra que os falantes mais escolarizados, assim como os falantes do gênero feminino, evitam a não-marcação de plural nos contextos em que o elemento a ser considerado na CV é mais evidente (*pronome relativo, sujeito composto com núcleo adjacente no plural*).

No cruzamento entre o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo* e o grupo de fatores *gênero* foi possível perceber que, para sujeitos pré-verbais, falantes do gênero feminino aplicam com maior frequência as marcas de plural, pela maior percepção, no caso desses sujeitos, da necessidade de pluralização dos verbos; para sujeitos em posição pós-verbais, informantes do gênero masculino realizam mais a CV.

Ao considerarmos os resultados apresentados por alguns fatores, principalmente de ordem social, é possível afirmar que a implementação da variável não-padrão (ausência de CV) não irá ocorrer de forma plena na comunidade de fala pesquisada. Levando-se em conta o grupo de fatores faixa etária, principal grupo considerado na verificação da implementação gradativa de uma mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), os índices exibidos atestam que se trata de uma variação estável, já que, conforme dito anteriormente, não há aumento gradativo em relação direta com o aumento da faixa etária.

Considerando o fenômeno como variação estável, remetemo-nos a Naro & Scherre (2007), que afirmam que os traços de variação na CV já estavam presentes na variedade de língua portuguesa europeia, que se implementou no Brasil há séculos, sofrendo transformações diversas que, porém, não geraram nenhuma mudança que alterasse a tipologia da língua, consideração que exige mais estudos mais aprofundados nessa direção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. 1999, 188f. Dissertação (Mestrado em lingüística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa..* Lisboa: Faculdade de Letras, [1540] 1971.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BERLINCK, R. A. *Sobre o lugar do funcional na análise sociolingüística variacionista*. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v.31, 2002.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. Langue parlée et langue écrite: décalages em morphologie et en syntaxe. In: MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.
- BLOOM, P. *Language acquisition: core readings*. MIT Press: Massachussts, 1994
- BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades lingüísticas. In: CECCANTINI, J.L. C. T.; PEREIRA, R.F.; ZANCHETA JUNIOR, J. (Orgs.) *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: língua portuguesa*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 47-60.
- _____. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C. ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro- contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 55-65.
- CASSEB-GALVÃO, V., NASCIMENTO, A. M. *Sociolingüística variacionista e funcionalismo: confluências epistemológicas*. In: XI SILEL, Uberlândia: UFU, 2006.

CASTILHO, A. T. Prefácio. In: NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CASTRO, L.P.G. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. 2002. 106f. Dissertação (Mestrado) em Estudos Lingüísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1979. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

CARMO, M.C. *Estudo das vogais átonas em verbos*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Luciani Ester Tenani. Em andamento, 2007.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.

CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

COELHO, A. F. Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Estudos lingüísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Academia Internacional de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1967.

COELHO, R. F.. *É nós na fita! Duas variantes lingüísticas numa vizinhança de periferia - O pronome de primeira pessoa do plural e a marca do plural no verbo*. 182f. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/pos/Teses/COELHOrafaelferreira.pdf>. Acesso em fevereiro.2008.

CUNHA, C. F., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fronteira, 1985.

DECAT, M. B. N. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. In: SIMÕES, A. M.; REIS, C.A. (orgs.) *Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte: UFMG, 1983, ANO V, n. 9.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-129.

FERREIRA, J. S. *O gerúndio na fala do interior paulista*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Luciani Ester Tenani, 2008.

FIAMENGUI, A.H. *A concordância na fala de dois informantes em diferentes situações de fala*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Roberto Gomes Camacho, 2008.

FISHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*, 14: 47-56, 1958.

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 387-408.

GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

GERALDI, J.W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (org.) *O texto na sala de aula – leitura & produção*. 2.ed. Cascavel: ASSOESTE, 1990, p.41-48.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GONÇALVES, S.C.L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório Científico Parcial apresentado à FAPESP, 2005.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991, 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro,.

GUY, G. R.. *Saliency and the direction of syntactic change*. Cornell University (mimeo), 1986.

_____. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese*. Estúdios sobre Español de América y Lingüística Afroamericana. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

GUY, G. R. *Linguistic variantion in brasilian portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, 1981. Ph. D. Dissertation, mimeografado.

HERNANDES, A.M. *O futuro do dialeto riopretano: um estudo da expressão de futuro na interface Sociolingüística/Gramaticalização*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves, 2008.

LABERGE, S. *Etudé de la variation des pronoms definis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Université de Montreal, Montreal, 1977. Thèse présentée à la Faculte des Études Superieures, mimeo.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of lingüist change. *Language variation and change*, n.2, 1990, p. 205-254.

_____. *Principles of linguistic change: internal factores*. Oxford: Blackwell, 1994.

LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBREAL/Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. ARAÚJO, S. *A sociolingüística Variacionista: Fundamentos Teóricos e Metodológicos*. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br> , Acesso em: 19 abr. 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Brasileiro*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/CVC/hlp/hlpbrasil/index.html>, Acesso em: abr. 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. *Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia*. Actes du Colloque Textuelle Portugaise . Paris: Gulbenkian, 1986, p. 85-98.

_____. A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico* . Lisboa: IN-CM, 1989, p. 488-507.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. v.II. Paris: Klincksieck, 1951.

MOLLICA, M.C. *Diversidade lingüística e mobilidade social*. Disponível em: <http://www.collconsultoria.com/artigo6.html>, Acesso em: mar. 2006.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p. 189-216.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolingüística da cidade de São Carlos*. 2007, 114f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

MUSSA, A. B. N. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. 1991, Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro..

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, A. J. The social and Structural Dimensions of a Syntatic Change. *Language*, LSA, v. 57, n. 1, 1981.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntatic Diffusion. *Ciência e cultura*, v. 29, n. 3, 1977.

NARO, A.J., SCHERRE, , M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds.) *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, 2000.

_____. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999, pp. 26-37.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a, pp. 167-188.

_____. Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MCWHORTHER, J. (org.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000b, pp. 235-255.

_____. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D., COLLISCHONN, G. *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, pp. 383-401.

_____. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NICOLAU, E. M. D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolingüística*. 1984, Dissertação (Mestrado) – UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980, Dissertação (Mestrado) – PUC/RS, Porto Alegre.

PAIVA, M.C. (org.) *Amostras de fala do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PAIVA, M. C., DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 16-43.

PAVEZI, V. C. *A haplologia no dialeto paulista*. Programa de Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. 2006. 126f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp. Orientador: Luciani Ester Tenani.

PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1989.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rican Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

RENZI, L., SALVI, G. *Grande grammatica italiana di consultazione*. v. 3. Bologna: Unipress, 1991.

RAMOS, A.P. *As vogais postônicas mediais no dialeto paulista*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Luciani Ester Tenani. Em andamento, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. USP, FFLCH, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. 1997, 198f. Dissertação (Mestrado em linguística) – UNICAMP, IEL, Campinas

ROMAINE, S. *Language in Society: An Introduction to Socio-linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural no dialeto do interior paulista: versão preliminar*. 2006, 60f. Relatório de Iniciação Científica – UNESP, São José do Rio Preto.

RUBIO, C. F. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável *gênero/sexo*. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), Araraquara, v. 36, p. 380-388, 2007.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria*. 17 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SANKOFF, G., THIBAUT, P. *L'alternance entre les auxiliaires avoir et être en français parlé à Montreal*. *Langue Française*, 34: 81-108, 1977.

SALOMÃO, M. A. H. *Variação de pluralidade no SN-predicativo na variedade falada na região de São José do Rio Preto*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Roberto Gomes Camacho, 2008.

SANTOS, R. M. A. *O uso variável do subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, 1993.

_____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, G. (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolingüística*. Centro di Studi Filologici e Linguistici Sicilliani. Università di Palermo. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1998.

_____. *Shifting control: the use of agreement in written language*. Annual Meeting of the Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asian & African Languages, 1999.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 135-165.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural? *Papia - Revista de crioulos de base Ibérica*, Brasília: Thesaurus, 2001.

_____. Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. MASSINI-CAGLIARI, G. et alii. (orgs.). *Estudo de lingüística histórica do português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2005.

_____. *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 1, n. 18, 2006. p. 162-185.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Breve histórico do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua (PEUL). In: SILVA, G. M.O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, G. M.O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, G.M O.. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C., BRAGA, M.L. (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-134.

SILVEIRA, A.A.M. *As vogais pretônicas na fala culta do interior paulista*. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Bolsa FAPESP. Orientador: Luciani Ester Tenani. Em andamento, 2006.

SILVEIRA, A.A.M. *Alçamento vocálico: processo fonológico identificador de aspectos funcionais?* Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do IBILCE/UNESP. Orientador: Luciani Ester Tenani, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-lingüística*. São Paulo: Ática, 1991.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TOMANIN, C. R. *Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT*. 2003, Dissertação (Mestrado em estudos lingüísticos) – UNICAMP, IEL, Campinas.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain, Penguin Books, 1974.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

ZANETTI, Umberto. *La grammatica bergamasca* – Bergamo, Sestante, 2004.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOLFRAM, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics. 1969.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 26 de fevereiro de 2008.

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO